



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

A Comunidade da Reserva Matutu

A história da migração ao Vale do Matutu a partir dos anos 80

Monografia

LUIS EDUARDO NAVARRO LINS POMAR

11116090091

RESENDE

2016

Sumário.....	2
Introdução.....	4
O Vale do Matutu na minha vida.....	8
Por quê a Comunidade da Reserva Matutu?.....	16
O que é a Comunidade da Reserva Matutu?.....	18
1 - A ocupação humana no Vale do Matutu.....	20
1.1 - O ciclo do ouro nas minas de Aiuruoca - 1694.....	20
1.2 - As primeiras ocupações no Vale do Matutu - 1860.....	24
1.3 - O Vale do Matutu antes da chegada dos novos migrantes.....	24
1.4 - Aspectos da religiosidade da população tradicional do Vale do Matutu.....	26
1.5 - Aspectos tradicionais da população local.....	27
2 - A migração a partir dos anos 70/80 dos alternativos para o sul de Minas Gerais.....	28
3 - A chegada dos primeiros migrantes urbanos nos anos 70/80 no Vale do Matutu.....	37
3.1 – A chegada de Paulo de Alencar Machado.....	37
3.2 - A chegada de Candido de Alencar Machado.....	38
3.3 - A chegada de Guilherme de Melo França.....	39
4 - O encontro de Guilherme França com o Santo Daime.....	45
5 - A fundação da Comunidade da Reserva Matutu.....	66
5.1 - A fase heróica.....	69
5.2 - A fase romântica.....	72

6 - O Vale do Matutu e suas instituições.....	83
6.1 - A fase institucional.....	83
7 - A educação no Vale do Matutu.....	90
8 - A história do tempo presente e seus desafios.....	96
8.1 - A fase empreendedora.....	96
8.2 - Os outsiders e os estabelecidos. Uma análise dos habitantes segundo conceito de Norbert Elias.....	98
8.3 - A fase educadora.....	105
9 - Conclusão.....	107
10 - Fotos aéreas da Comunidade da Reserva Matutu.....	121
11 - Arquivo fotográfico.....	122
12 - Bibliografia.....	128

Agradecimentos

A minha companheira Andrea Le Leuxhe e ao amigo Rodrigo George.

E também a Fernando José Benetti, Regina Navarro Lins, Leylah Navarro Lins, Cristina Navarro Lins, Dione Mas, Francisco Del Olmo, Lou Gold, Mike Maki, Guilherme França, aos moradores do Vale do Matutu, MG, aos amigos da Comunidade North Camp, WA, e a comunidade daimista de Portland, OR.

Resumo

Nessa pesquisa observei a formação da Comunidade da Reserva Matutu, localizada na zona rural do município de Aiuruoca, Minas Gerais, até os dias atuais através da compreensão dos movimentos migratórios de sujeitos provindos de centros urbanos que foram de encontro a uma vida alternativa no início dos anos 80. Essas pessoas que chegaram ao Vale do Matutu procuravam viver em harmonia com a natureza desenvolvendo a vida comunitária, onde se refletia a insatisfação com o modelo de sociedade industrializada. Através de práticas cotidianas, foram transformando algumas subjetividades recusadas por novas formas de viver, mediante ao exercício do autoconhecimento, do cuidado de si, dos outros e do meio ambiente. O trabalho pretende também debruçar sobre a importância do Santo Daime¹, bebida enteógena² de raiz amazônica como esteio central de união e desenvolvimento da espiritualidade dos membros da Comunidade da Reserva Matutu. Através principalmente de relatos orais dos fundadores da comunidade, o trabalho pretende construir uma documentação da recente história da Comunidade da Reserva Matutu a partir dos anos 80 de forma cronológica buscando entender os processos que fizeram essas pessoas reinventarem suas vidas junto à natureza e em comunidade. Por fim, o presente trabalho também deve analisar os desafios do momento atual da Comunidade da Reserva Matutu e do Vale do Matutu, e buscar possíveis soluções.

Palavras chaves

Comunidade da Reserva Matutu, Vale do Matutu, contracultura, comunidades alternativas, ambientalismo, comunidades intencionais, Santo Daime.

Introdução

¹ O **Santo Daime** é uma manifestação religiosa surgida na região amazônica nas primeiras décadas do século XX. A igreja do Santo Daime usa a ayahuasca, bebida utilizada desde tempos imemoriais pelos xamãs e pajés para entrar em contato com seus ancestrais, prever o futuro e curar doenças entre outras coisas. Sua origem é desconhecida. A religião do Santo Daime une a fé cristã e sabedoria xamânica e hoje se encontra em diversos países.

² **Enteógenos** são substâncias alteradoras de consciência, geralmente vegetais, que possibilitam o contato com realidades divinas.

No ano de 2006 estive em um período no Vale do Matutu próximo ao Guilherme França³, produzindo algumas edições em vídeo para a Fundação Matutu. Já naquele momento tinha despertado em mim a vontade de pesquisar a história da Comunidade da Reserva Matutu e inclusive disse a ele esse interesse. Anos se passaram e desde então fui juntando informações para a minha pesquisa. Em 2011 comecei a faculdade de História pela UNIRIO com essa intenção de escrever a história da Comunidade da Reserva Matutu, objetivando através desse trabalho, entender principalmente quem eram as pessoas que formaram a Comunidade da Reserva Matutu, o que buscavam naquele momento quando vieram se isolar nas montanhas mágicas da Mantiqueira consagrando uma bebida enteógena. Também procurei analisar o processo de ocupação, as relações com os outros moradores do Vale do Matutu, a sustentabilidade econômica e a preservação da natureza do local. A minha observação se faz pela perspectiva de morador da Comunidade da Reserva Matutu, embora seja um morador recente. Para isso procurei durante esses anos em que moro na Comunidade, participar das atividades o máximo possível, seja nas meditações ao nascer do dia, nas orações dos domingos, feitiços do Santo Daime, como administrador da Loja do Paiol, tesoureiro da AMA (Associação de Moradores e Amigos do Matutu), como estagiário na Escola Municipal Serra do Papagaio, monitor de olericultura da Escola, técnico de futebol juvenil do time do Matutu, brigadista voluntário no combate aos incêndios florestais, além de ter participado do Projeto Ciclo do Milho junto ao Coletivo Terra Preta, projeto contemplado junto a Escola Municipal Serra do Papagaio. Essas atividades somadas a minha experiência de documentarista das comunidades do Santo Daime que iniciei em 2002, serviram de base para a composição desse trabalho. Embora não tendo o interesse imediato de contar uma história total da Comunidade da Reserva Matutu, o meu intuito foi relacionar o surgimento da Comunidade ao tipo de pessoa que chegou e procurou uma vida comunitária junto a natureza consagrando uma bebida enteógena.

A religião do Santo Daime utiliza o chá da ayahuasca, que é a combinação de dois vegetais conhecidos por seus adeptos como rainha e jagube. A ayahuasca é uma bebida enteógena produzida a partir do cozimento da videira *Banisteriopsis caapi* com várias plantas, em particular a *Psychotria viridis* e a *Diplopterys cabrerana* e são encontrados principalmente na região do estado do Acre, Peru e Bolívia. Em 1930 o seringueiro maranhense instalado no Acre, Raimundo Irineu Serra, fundou a religião do Santo Daime

³ **Guilherme de Melo França**, 58 anos é o fundador da Comunidade da Reserva Matutu e habita o Vale do Matutu, bairro rural do município de Aiuruoca, Minas Gerais, desde meados dos anos 80.

através de encontros sob a influência da bebida com uma entidade reconhecida por ele como Rainha da Floresta. Durante quarenta anos até sua morte, recebeu pessoas da região amazônica que buscavam autoconhecimento e curas através do Santo Daime.

Apesar de, ao longo da história da humanidade, ervas, chás e vinhos sempre terem sido utilizados para alterar os sentidos e, nesses novos estados perceptivos, permitir o lazer, a cura, o autoconhecimento e o contato com diferentes dimensões da realidade (MCKENNA, 1992; ALVERGA, 1996), “o consumo das substâncias psicoativas é uma das questões mais complexas da atualidade e suscita o interesse de diferentes áreas do conhecimento” (OLIVEIRA, p.11, 2014). Durante muitos anos a religião fundada pelo Mestre Irineu, como ele é conhecido nas comunidades do Santo Daime, ficou restrito ao Acre, sendo aceito pela população e permitido pelas autoridades da região por seu centro efetuar importantes curas. Com a abertura política no final dos anos 70, “jovens descolados do sistema” do centro-sul-sudeste do Brasil tiveram mais liberdade de transitar pelo país com seus cabelos compridos e roupas coloridas e alguns ouviram falar das comunidades que faziam uso da ayahuasca. Foi a partir dessa movimentação de jovens pelo país que a religião do Santo Daime se expandiu pelo Brasil e depois para o mundo. O Santo Daime foi liberado para o uso religioso em 2006⁴ pela justiça brasileira e a partir daí em diversos países do mundo.

O meu interesse foi relacionar a importância das substâncias psicoativas⁵ e enteógenas na vida dessas pessoas que foram capazes de ressignificarem suas vidas, abandonando padrões antigos e desenvolvendo em si uma busca de autoconhecimento, na natureza e em comunidade. Não só a substância do Santo Daime teria esse papel transformador das consciências, mas outras substâncias psicoativas comuns a uma geração que teve liberdade de enfrentar o sistema e a sociedade reconhecida por eles como falida e sem sentido. Assim eu também parto desse ponto, a partir de minha própria experiência comum a dos integrantes da Comunidade da Reserva Matutu, que abandonaram subjetividades negadas e foram em busca de novas subjetividades a serem criadas. E essas substâncias psicoativas podem ter sido fundamentais para essa ressignificação de valores. Com o Santo Daime, a comunidade pôde ter uma integração através das experiências profundas que foram vivendo, abandonando valores herdados de seus pais. Ou seja, me interessa o aspecto desses vegetais que ao serem ingeridos constituem-se em “plantas mestras” capazes de guiar as pessoas para uma forma de

⁴ Decreto nº. 5.912, de 27 de setembro de 2006...

⁵ **Substâncias psicoativas** são substâncias químicas que agem principalmente no sistema nervoso central, onde altera a função cerebral e temporariamente muda a percepção, o humor, o comportamento e a consciência. Pode ser proporcionada para fins: recreacionais; religiosos; científicos; ou médico-farmacológicos.

vida distinta, sintonizada com a natureza e negando valores consumista de nossa sociedade industrializada. Outro aspecto importante do trabalho é entender como a personalidade do líder da Comunidade da Reserva Matutu foi capaz de guiar o povo que foi chegando em busca de uma ressignificação de suas vidas. A maioria das pessoas que chegaram eram de famílias de classe média urbana e tiveram que se adaptar a uma vida rural. Guilherme França, o fundador da Comunidade tinha pré requisitos e competências para a realização de sua missão e é reconhecido por todos da comunidade. Parece que sua vida foi direcionada para a realização dessa obra quando vemos a importância de seu encontro com o Santo Daime que transformou imediatamente sua visão de se estabelecer isolado nas montanhas. O Daime trouxe o aspecto da comunidade e constituiu-se em professor de todos que foram chegando e habitando a Comunidade da Reserva Matutu.

Busquei também pesquisar a ocupação histórica do Vale do Matutu para contextualizar o processo de ocupação da Comunidade da Reserva Matutu. Identidades muito distintas se encontram hoje no Vale do Matutu. Diria que os habitantes que viviam antes da chegada dos novos migrantes teriam aspectos tradicionais que entrariam em choque com a mentalidade dos novos migrantes, uma cultura hippie, anarquista e pensamentos de reinvenção da sociedade contemporânea. Essa relação entre essas duas comunidades distintas me interessou ao longo do trabalho. Há também o interesse em relacionar aspectos da contra cultura, do movimento hippie e do ecologismo com o movimento de comunidades alternativas que se direcionou para o sul de Minas Gerais, mas especificamente a cidade de São Lourenço, de onde provém uma significativa parte dos migrantes que compuseram a Comunidade da Resreva Matutu.

Esse documento histórico que apresento foi elaborado com uma perspectiva de dentro da Comunidade, e com isso procurei não ter um olhar romantizado e estar desperto as necessidades que poderão surgir de enaltecimento de algo que eu quero muito bem e admire como alternativa de vida para o homem em processo de deslocamento de uma subjetividade negada para outra desejada. A Comunidade da Reserva Matutu é uma comunidade intencional⁶ que vem trabalhando para a preservação do meio ambiente local e o bem estar de seus moradores.

⁶ **Comunidades intencionais** são um conjunto de pessoas que procuram viver harmonicamente dentro dos princípios elegidos. Tendem a ser holísticas, com um cuidado especial ao outro e todas as formas viventes para uma reinvenção das formas de vida perante um mundo desacreditado.

A pesquisa pretende compreender a mentalidade e o desencantamento de mundo que fizeram essa turma optar pela vida em um local isolado, consagrando uma bebida alteradora de consciência em um contexto ritualístico religioso. Havendo muitos poucos registros acadêmicos sobre a Comunidade da Reserva Matutu, resolvi fazer a opção principalmente pela análise de documentos orais, linha condutora da minha pesquisa ao pensar que a oralidade desempenha papel de fundamental importância na prática historiográfica como asserta o historiador Paul Thompson (1992, p. 137), “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. Porém devemos segundo Beatriz Sarlo, observar uma crítica sobre a confiabilidade dos relatos a partir de que: *o testemunho oral, embasado na memória, passa a ser uma representação ou uma interpretação daquilo que a pessoa viveu subjetivamente e que resta ainda em sua lembrança. O fato vivido encontra expressão no relato da maneira como ficou registrado nos sentidos e na memória, onde permanece disponível para as escolhas narrativas. A subjetividade não invalida essas escolhas, ao contrário, força uma análise criteriosa que as considere e que trabalhe com ela de modo como se apresentam, sujeita a humores, desejos e oscilações* (SARLO, Beatriz, p.19 e 20, 2009). Aqui usei principalmente as fontes orais através de entrevistas com os primeiros migrantes alternativos e os mais antigos moradores da Comunidade da Reserva Matutu. Nesse trabalho, as entrevistas estão encadeadas de forma que são elas que contam a história da Comunidade, apresentando um documento verídico através das personalidades que compõe a comunidade. O uso da história oral tem protagonismo no presente trabalho, pela importância dos depoimentos dos primeiros moradores que já estão envelhecendo e podem contar com riqueza de detalhes como foi a ocupação da Comunidade por eles mesmos.

O trabalho tem também um olhar antropológico e sociológico através da pesquisa de campo, e reflete uma cultura própria protagonizada por pessoas que foram capazes de criar algo diferente em um ambiente de natureza e em comunidade. Busquei também alguns documentos que trataram de compreender a contra cultura, o movimento de comunidades alternativas e documentos históricos sobre a ocupação da região de Aiuruoca e mais especificamente o Vale do Matutu.

O Vale do Matutu na minha vida

Conheci o Vale do Matutu, povoado de Aiuruoca, sul de Minas Gerais em 1995 através da minha ex-companheira Lise Torok e mãe da minha primeira filha Iara Maria. Nossa relação como casal durou até os três anos de idade da minha filha e após a nossa separação, elas se mudaram para a Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu para viverem em um pequeno alojamento que servia para as pessoas que ainda não tinham construído suas casas na Comunidade da Reserva Matutu⁷. Foi a partir daí que comecei a visitar o Vale do Matutu e principalmente a Comunidade. Nesse momento eu vinha de uma pequena experiência em vida comunitária, através de uma rápida passagem pela Comunidade Céu da Montanha em Visconde de Mauá onde conheci a Lise e depois na Comunidade Céu do Patriarca em Florianópolis onde participei dos trabalhos do Santo Daime e da vida da comunidade no início dos anos 90. Ambas as comunidades foram expansões do movimento do Santo Daime pelo país a partir dos anos 80.

Desde a infância, a única certeza que tinha na vida era que queria viver em um ambiente que fosse de natureza plena. Lá pelos 20 anos, comecei efetivamente a buscar o meu canto, ou o meu “galho” parafraseando o tropicalista Gilberto Gil. Hoje aos 48 anos vivo uma vida comunitária espiritual com a intenção de conhecer-me a mim mesmo, e em um contexto de natureza plena. Esse lugar é uma reserva particular ambientalista conhecida como Reserva Matutu. Foi um processo longo até me libertar das “amarras do sistema”, de ter que enfrentar o medo de familiares por eu estar rumando um caminho diferente do esperado, um processo intencional de descolamento rumo a liberdade de “ser”, que está a se desenrolar para criar um mundo desejado, de novos valores. Isso seria como meu despertar para fora do “mundo da ilusão”, ao qual o Padrinho Sebastião⁸, um dos guias espirituais da Comunidade da Reserva Matutu, se refere em seus hinos. O “mundo de ilusão” seria este estado de consciência alienado que levaria a não agir dentro de uma reflexão ética consigo mesmo, com os outros e com o planeta.

⁷ **A Comunidade da Reserva Matutu** foi fundada em 1988 quando os primeiros moradores migrantes de uma classe média majoritariamente urbana, começaram a ocupar as encostas do Vale do Matutu. Guilherme França foi o seu fundador e doou 42 cotas ao longo de quase trinta anos de existência da Comunidade da Reserva Matutu, terras que eram pertencentes a sua fazenda de três mil hectares comprada a partir de 1984.

⁸ **Sebastião Mota de Melo**, (Eirunepé, 7 de outubro de 1920 — Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1990), mais conhecido como Padrinho Sebastião, foi um líder religioso brasileiro que ficou conhecido pelo seu trabalho comunitário com o uso de uma bebida conhecida como Santo Daime. Foi discípulo direto de Raimundo Irineu Serra, fundador da Doutrina do Santo Daime nos anos 30 na região do Acre. Padrinho Sebastião fundou a Vila Céu do Mapiá em 1983 no meio da floresta amazônica que atraiu muitos jovens do sul-sudeste. A partir desse encontro a religião se expandiu para o resto Brasil.

É difícil libertar dos vícios, e os temores herdados daquele sistemão. Deve ser um trabalho ativo. Aí vai depender dos princípios que nós elegemos. Um dos princípios é a vida simples. Gandhi falava que precisamos viver simplesmente para que outros possam simplesmente viver. (Inês Faria, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu desde 1992. Entrevista concedida em março de 2016).

Foulcault (SANTOS, 2014) nos fala do herói grego, que seria o homem que desenvolveu a “arte de si”. A Comunidade da Reserva Matutu, como movimento alternativo intencional, como vou apresentar nessa pesquisa, verifica-se a busca de práticas de autoconhecimento, ou da **ascese**, que Foulcault assinala presente na Grécia Helênica e seria comum as comunidades alternativas segundo Ana Cecilia Santos em *A Arte de Si, Asceses Comunidades Alternativas*. Esta pesquisadora observou os Encontros Nacionais de Comunidades Alternativas, o ENCA, e descreve em sua tese que essas práticas acompanham as pessoas que estão ali numa busca de mudança de uma subjetividade recusada para outra desejada, que é criar um mundo novo. Nota-se que estas comunidades intencionais elegem práticas ascéticas, como a meditação, yoga, vegetarianismo, veganismo, jejuns e consumo de plantas enteógenas para trazer a pessoa para um estado de olhar para si, de conhecer-se a si mesmo. Ao mesmo tempo é um espaço de relacionamento com o outro e com o meio ambiente. Como afirma Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu:

A comunidade é uma escola de vida de harmonizar homem e natureza. Isso já é um ponto forte... Claro que a comunidade é importante para praticar ensinamentos. Assim na comunidade tem onde praticar. Se não for comunidade, uma pessoa se desentende com a outra, ela separa, põe a cerca, muro, chama a polícia, advogado, e comunidade não é assim. Não tem negócio de cerca, de polícia, advogado. A história é outra. É o “ralo”, se você não tiver quem te irrita, como você vai desenvolver a paciência. Se você não tiver as dificuldades, como você vai aprender? Se tiver tudo já resolvido, não vai ter os ensinamentos. O conhecimento que têm pra aprender precisa ter o mestre pra transmitir. E a comunidade pra integrar, pra praticar. Sem isso não caminha. Tem o conhecimento, o professor, e a prática. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em novembro de 2015).

Para Foucault, as práticas de si são possibilidades de resistência a um poder opressor, representado por um sistema ou por governos com suas leis injustas. As relações desse indivíduo consigo mesmo e com os outros na nossa sociedade contemporânea tem a ver com um individualismo ético desenvolvido pelo sujeito que busca a verdade em si, desde que seja possível a sustentação desse discurso de verdade através das suas ações do Eu consciente caracterizado por um equipamento moral.

Com o objetivo de entender o próprio sentido de ascese, a primeira distinção que temos que fazer é que no conceito de ascese helenista não há uma renúncia a si, mas de modo contrário, um explícito, colocar-se a si mesmo, como fim de sua existência. Na ascese helenista, da qual Foucault concentrará toda sua atenção, trata-se de dotar-se daquilo que ainda não se tem. Trata-se de desenvolver para si, um conceito de “equipamento” moral, contra os acontecimentos possíveis da vida, conceito este definido pela helenística enquanto Paraskeuê. A ascese constituindo este equipamento moral, a paraskeuê, tem por princípio levar o indivíduo à verdade, mas não a verdade para submissão a uma lei; Foucault, na Hermenêutica do Sujeito nos dirá (2006, p. 400) que a noção de ascese filosófica presente no pensamento helenístico, será capaz de assegurar para o sujeito o processo de subjetivação do discurso verdadeiro. A ascese faz com que Eu possa me tornar o sujeito do discurso verdadeiro, onde o Eu é capaz de sustentar tal discurso. A ascese filosófica enquanto herança do helenismo e, não menos, do mundo romano, tem por objeto encontrar a si, enquanto fim e objeto de uma prática de vida (ATHAYDE, Alexandre, p.1, 1982).

Foi num momento de desencanto do mundo que eu tive o encontro com o Santo Daime e suas comunidades. Buscava um caminho alternativo, e para isso deveria praticar novos conhecimentos, deixando para trás um mundo reconhecidamente falido e exigia esforços para o surgimento de algo novo. Havia uma busca de encontrar a minha comunidade intencional, onde eu estaria ancorado junto com pessoas que estavam passando a mesma crise que eu de desencanto do mundo. Havia necessidade da prática da meditação, do vegetarianismo, do anti-consumismo, do respeito e vida integrada a natureza e de práticas naturistas. Ascetismo comum a àquele herói grego que Foucault dizia que praticava a ascese. A necessidade de uma arte de si para enfrentar o mundo opressor e sem sentido com objetivo de conhecer-se a mim mesmo.

Essas mudanças aconteceram com muitas rupturas, sejam elas familiares, de trabalho e social, e durante um tempo apesar da certeza do caminho que tinha escolhido, muitos “balanços” aconteceram, sendo que retornei a viver na cidade durante um período longo rendido ao sistema econômico individualista e competitivo que tanto criticava. A vida alternativa no mato e comunitária tinha sido adiada, então prometi para mim mesmo que trabalharia objetivado para adquirir um pedaço de terra e o local escolhido foi à região do Vale do Matutu, pelo seu estado de isolamento da sociedade consumista, preservação e por ter uma comunidade do Santo Daime que lutava para manter o vale preservado da lógica capitalista. Importante deixar claro o significado da expressão “alternativos”: seriam todos aqueles que estão deixando para traz subjetividades negadas e elegendo novas subjetividades que adotarão como princípios de vida. Estes justamente são sujeitos que não se adaptam ao sistema e buscam formas alternativas de vida (SANTOS, 2013). Eu estou entre essas pessoas

que cansaram de lutar contra o sistema capitalista, de dentro do sistema. Tive que me deslocar dos centros urbanos para poder sobreviver por uma incapacidade de adaptação a algo que reconheço como falido.

O filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) analisou o homem contemporâneo na metrópole e demonstrou que os estímulos da vida moderna eram produtoras de um homem individualista, calculista, racional e impessoal, propenso a tratar os fenômenos a sua volta como objetos que poderiam ser equalizados e medidos pelo dinheiro. Isso faria os homens perderem a capacidade de processarem a multiplicidade de bens e informações que compõe seu mundo. Mercadorias e outras formas sociais teriam se autonomizado diante dos indivíduos, tornando-os alienados.

O sociólogo Max Weber (1864-1920) em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, fazia uma crítica reflexiva dos homens em sociedade que se adaptavam ao mercado e aos imperativos capitalistas sem dar significado ético ao que faziam. Isso pra Weber produziria um mundo que não teria lugar para homens criativos e potentes, capazes de produzir grandes esferas de ações profissionais, com visões éticas do mundo. Esse predomínio de ações puramente econômica e instrumental faria da economia, do direito e da política fossem apenas esferas de ação profissionais, sem grandes significados.

Em 2001 logo após o atentado das Torres Gêmeas consegui comprar uma terra sem acesso de carros, nos limites do Parque Estadual Serra do Papagaio. Uma terra que para a maioria das pessoas não têm valor nenhum, por ser pedregosa e de difícil acesso, porém está localizada onde nascem as águas, que para mim, por esse fato, possui um imenso valor. O meu objetivo era estar próximo da Comunidade da Reserva Matutu.

Mas continuei nas cidades, seja o Rio de Janeiro, Brasília e Florianópolis ainda tentando fazer recursos para construir minha casa e ainda ter que arcar com algumas despesas da minha filha, sempre vivendo perto das comunidades do Santo Daime. Foi nesse período (2002) que comecei o meu trabalho documental em vídeo e fotos das comunidades do Santo Daime, principalmente durante uma estadia de três anos na Comunidade Céu do Planalto em Brasília com o apoio do poeta Alex Polari e do antropólogo Fernando La Rocque, co-responsáveis pela expansão do Santo Daime pelo Brasil e mundo a fora. Em 2010, quando minha filha mais velha Iara Maria passou para a universidade pública “queimei as minhas pontes” com as cidades e os trabalhos que eu fazia lá e fui tentar viver no meu sítio a 9 km da Comunidade da Reserva Matutu, com uma casa ainda por fazer e sem nenhum rendimento de fora. Sem a estrutura de algum conforto mínimo, fui nesse momento contemplado com um

convite para passar um ano nos EUA em uma ecovila chamada North Camp⁹ que estava sendo construída pelo meu amigo permacultor americano Mike Maki e seus amigos. Lá eu teria chance de levantar alguma “grana” numa área de conhecimento que me interessava muito: a Permacultura.¹⁰ Depois de um ano de muito aprendizado e contato com pessoas enriquecedoras, tive uma experiência traumática quando fui acusado de conspiração pelo governo americano por estar em uma comunidade que fazia uso de cogumelos psilocibina¹¹, outro importante psicoativo e alterador de consciência proibido pela lei americana. Passei oito dias na penitenciária na cidade de Seattle e dois meses detido na casa de um amigo em Portland, Oregon, com uma pulseira no tornozelo. Durante este período não pude deixar o local e, enquanto aguardava o julgamento pude refletir sobre o sistema político-econômico mundial em que vivemos, acreditando realmente que existe uma inquisição moderna quanto a Guerra às Drogas e interesses na manutenção de leis que ferem o direito as liberdades pessoais. Como bem assinala o pensamento do arqueólogo britânico Graham Hancock, sobre as liberdades pessoais no mundo contemporâneo:

“Um dos maiores enganos de nossa sociedade é a manutenção na produção de pessoas somente produtoras e consumidoras de coisas materiais e que nos mantém como parte dessa máquina econômica industrial moderna, falhando no reconhecimento de que há muitas formas de consciência possíveis da qual os seres humanos são capazes. O que significa que nossa sociedade atual não nos permite como adultos de ser soberano da nossa própria consciência. Falo da perseguição das plantas psicodélicas e que o simples consumo dessas plantas em nossa sociedade é considerado um ato criminoso e que as pessoas podem ser mandadas para a prisão por muitos anos e realmente ninguém considera o que isso realmente significa. Isso significa que criamos uma sociedade que tomou o controle da coisa mais íntima e preciosa de nós mesmos: nossa própria consciência. Se eu não sou soberano da minha própria consciência, eu não sou soberano de nada mais. Eu mesmo não posso nem falar de liberdade ou democracia, ou qualquer idéia até que esse problema possa ser resolvido. Nós

⁹ **North Camp** é uma comunidade que faz uso enteógeno do cogumelo psilocibina no estado de Washington, EUA, e desenvolve práticas ambientalistas, culturais, educativas e vivências xamânicas.

¹⁰ **A Permacultura** é uma cultura que engloba métodos holísticos para o planejamento de ambientes sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis. Foi criado pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren. A Permacultura é uma síntese das práticas agrícolas tradicionais com idéias inovadoras, unindo o conhecimento secular às descobertas da ciência moderna, integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo, com estética e harmonia.

¹¹ **Psilocibina** e Psilocina são os alcalóides activos de vários tipos de cogumelos, como por exemplo, o *Psilocybe Cubensis*, e especialmente do *Psilocybe Mexicana*. A psilocibina produz uma série de efeitos similares aos produzidos pelo LSD e a mescalina. No Brasil ocorrem pelo menos duas espécies de cogumelos alucinógenos: um deles é o *Psilocybe cubensis* e o outro é espécie do gênero *Paneolus*. Alguns índios da América Latina, especialmente na região de Oaxaca no México meridional, praticantes de cultos farmacológicos, utilizam alguns cogumelos nas suas práticas religiosas (Fonte: Wikipedia).

não poderemos mudar nossa sociedade se não mudarmos nossa consciência. Nós estamos escrevendo nosso próprio futuro. O mundo pode se tornar claro ou escuro, e isso tem a ver com a gente. A escolha é nossa, a responsabilidade é nossa, e nós devemos exercer essa escolha e aceitar essa responsabilidade.” (Graham Hancock, 66 anos, arqueólogo britânico. Depoimento no Youtube: “Graham Hancock talking about Ayahuasca” 7 minutos e 50 segundos).
<https://www.youtube.com/watch?v=rdjr3YEgQkk>



Altar xamânico com o cogumelo psilocibina. Foto: Luis Eduardo Pomar

No momento eu já tinha a consciência que estas substâncias psicoativas eram fortemente combatidas por políticas mundiais de combate às drogas e marginalizadas, pois eram capazes de alterar os estados normais de consciência abrindo portas na mente de novas formas de mundo possíveis. A experiência com o Santo Daime fazia de mim a prova disso. Frente às leis injustas do mundo da qual acredito muitos estejam sofrendo, presos em celas mundo a fora, deliberadamente me tornei mais um “descolado” do sistema. Essa ecovila em que fui trabalhar está situada no Estado de Washington, nos EUA, e é integrada por uma geração de pessoas alternativas que tinham pulado para fora do sistema desde seus vinte anos.

Foi uma geração que se recusou ir à guerra do Vietnã e desde então vivem como “outsiders¹²” da sociedade americana. Foram viver afastados em comunidades hippies longe das cidades, e muitos começaram a ter experiências assim como eu com as plantas psicoativas como o cogumelo e a ayahuasca em meio à natureza. Esta geração de alternativos constituíram um movimento conhecido como contracultura, que segundo Carolina Weiler Thibes; *A contracultura da década de 1960 é constituída por iniciativas sociais e culturais advindas de uma população predominantemente jovem, filhos do chamado “baby boom”, decorrente da euforia dos anos de pós-Segunda Guerra Mundial. Apesar de ser considerado um período de prosperidade e de maior crescimento de toda a história do mundo industrializado, para a maioria dos jovens era um ambiente insatisfatório, autoritário e injusto* (THIBES, Carolina, p. 2, 2012).

Durante esse período nos EUA participei com meus amigos americanos do movimento Occupy Wall Street¹³ na cidade de Portland, Oregon e recolhi muitas informações sobre o movimento de contracultura americana e o uso de psicodélicos, participando inclusive do MAPS, Multidisciplinary Psychedelics Study na Califórnia, em 2010, primeiro congresso de estudos acadêmicos sobre o uso de substâncias psicodélicas nos EUA. Em paralelo investigava a arte visionária de artista que consomem psicoativos e pintam quadros sob a influência de substâncias alteradoras de consciência. Foi o meu interesse de documentarista pelas comunidades que utilizam esses enteógenos (uso de psicoativos para conexão com a divindade) como o Santo Daime é que me fizeram conectar com essa comunidade dos

¹² O livro “**Os estabelecidos e os outsiders**” de Norbert Elias e John Scotson é um estudo realizado na comunidade Wiston Parva, situada nos arredores de Londres, onde Elias e Scotson “empreenderam uma reflexão teórica ambiciosa, que revolucionou os rumos da teoria social contemporânea, sobre os tópicos candentes das desigualdades e das relações de poder delas decorrentes.” (Miceli, 2000, p. 1). A comunidade Wiston Parva apresentava em seu interior uma clara divisão, embora aparentemente fosse uma comunidade relativamente homogênea segundo indicadores sociológicos correntes (renda, educação, ocupação, religião, etc.). Havia dois grupos: os estabelecidos”, moradores no local desde longa data e os “outsiders”, um grupo novo de residentes. Sendo assim, nessa pequena comunidade, observou-se a situação de estabelecidos-outsiders, ou seja, o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contato social não profissional e o controle social era mantido através das fofocas dos tipos elogiosa e depreciativa. CIDADE, Ruth E, Revista Conexões n. 5, Dez. 2000

¹³ O movimento **Occupy Wall Street** (OWS, ou "Ocupe Wall Street") foi um protesto que começou em 17 de setembro de 2011, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Wall Street, em Nova York decorrente da grave crise econômica que assolou os EUA a partir de 2008. As principais reivindicações do movimento eram a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a grande influência de empresas sobre o governo, particularmente do setor de serviços e o financeiro. O slogan da OWS era "Nós somos os 99%", referindo-se à desigualdade de distribuição de renda e riqueza nos EUA, comparado com 1% mais rico da população. O protesto foi caracterizado pela ocupação das principais praças das grandes cidades americanas sendo o centro das atenções a ocupação permanente de Wall Street. Cidades como Boston, Chicago, Los Angeles, Portland e São Francisco tiveram grandes concentrações de barracas armadas e um cotidiano de protestos que durou três meses, sendo os manifestantes forçados a sair do Parque Zuccotti em 15 de novembro de 2011.

cogumelos nos EUA. Lá eu trabalhei com a permacultura e tinha o objetivo de retratar aquela comunidade através do meu blog *L.E: Pomar Visual Blog Comunidades e Pensamentos Alternativos*¹⁴. Também entrei em contato com a comunidade do Oregon do Santo Daime, onde foi legalizado¹⁵ o uso ritual do chá em 2009. Era nesta comunidade que eu fazia o uso ritual do Santo Daime durante esse ano fora do país.



Movimento Occupy Wall Street em Portland, EUA. Foto: Luis Eduardo Pomar

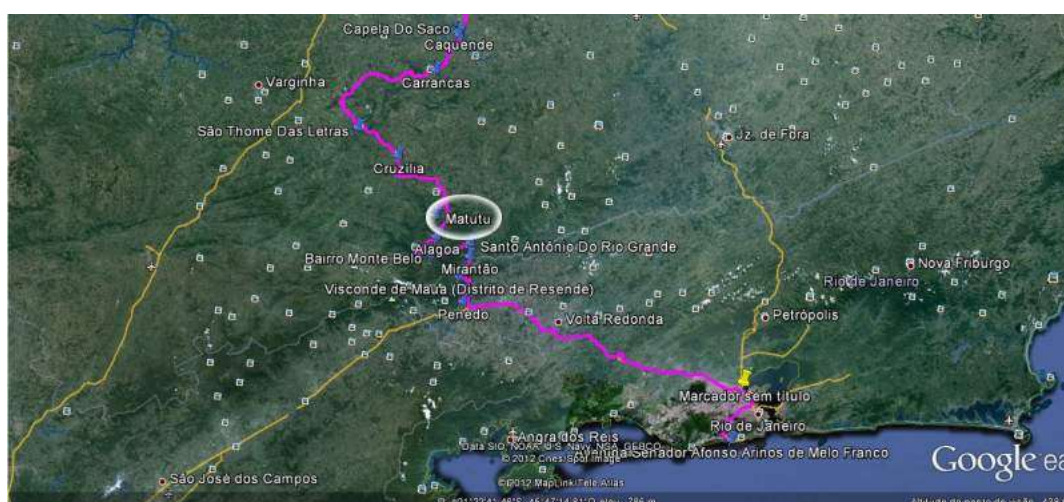
Antes dessa viagem aos EUA eu já tinha começado meu curso de História pela UNIRIO. Tinha feito apenas um semestre e tranquei para poder viajar. Quando voltei após ser liberado pela corte americana, reconheci que tinha experimentado uma preciosa vivência que em muito haveria de me ajudar no meu trabalho de final de curso sobre meu interesse de relatar a experiência de vida da Comunidade da Reserva Matutu, por retratar a história dessas pessoas que ressignificaram suas vidas, buscando alternativas mais saudáveis para si e para o planeta.

Por que a comunidade do Matutu?

¹⁴ www.lepomar.blogspot.com

¹⁵ Case 1:08-cv-03095-PA 18-03-2009
https://www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/ayahuasca_law24_santodaime_mar2009.pdf

O Matutu é um fundo de vale em forma de ferradura com cerca de duzentos habitantes, que não é passagem para nenhum lugar. Suas montanhas ao seu redor propiciam um número muito grande de rios e cachoeiras. O Pico do Papagaio, de formação granítica, tem cerca de 2100 metros de altitude, é um ponto elevado da Serra do Papagaio, e faz parte da franja mais a noroeste da Serra da Mantiqueira, se destacando na paisagem como uma grande torre que protege o vale. Sua pequena população tradicional que antes dos anos 80 trabalhava para os donos de terra do local, principalmente na produção leiteira, hoje divide a área com os migrantes que chegaram a partir do final dos anos 70 e desde então sua paisagem vem mudando, ocorrendo um processo de revigoração das florestas, principalmente com o abandono da pecuária leiteira, antiga prática local, que necessitava dos pastos. Entre os novos migrantes, uma parcela significativa habitou a Comunidade da Reserva Matutu, onde ocuparam uma área aproximadamente de três mil hectares e deixaram as matas voltarem naturalmente ainda plantando cerca de trinta e cinco mil araucárias nesses quase trinta anos de existência. Então o que se viu no vale foi um processo de restauração da natureza, realizado pela presença da comunidade que tem na preservação ecológica um dos seus principais focos. Caminho oposto ocorreu no resto do Brasil, onde a especulação imobiliária e o turismo predatório vêm destruindo irreversivelmente lugares de beleza natural. Essa realidade fez-me direcionar para viver no Vale do Matutu, já que o processo que aconteceu ali foi o inverso. A Brigada de Incêndio, a Associação de Moradores e a Fundação Matutu vêm chamando atenção pelas ações de preservação do Vale. Principalmente que o Matutu está localizado aos pés do Parque Estadual da Serra do Papagaio, área de 24 mil hectares que compõe a APP, Área de Proteção Permanente da Serra da Mantiqueira no sul de Minas Gerais.



Desde 2012 vivo na Comunidade da Reserva Matutu, onde casei com uma sócia-proprietária da Comunidade, Andrea Le Leuxhe, e tivemos a Flora, uma menina que está com três anos e meio. Andrea já tinha uma filha chamada Helena de 11 anos, filha do seu primeiro casamento que também mora com a gente, além da Iara, minha primeira filha do meu primeiro casamento que têm 24 anos e que também mora no Vale do Matutu. Atualmente sou o tesoureiro da Associação de Moradores do Matutu¹⁶ além disso, exerço a função de administrador da Loja do Paiol¹⁷ da Associação de Moradores que incentiva a economia e artesanos locais. Durante três anos estive inserido na escola do Vale do Matutu, a Escola Municipal Serra do Papagaio como estagiário do curso de História e como tutor das aulas de olericultura. Minha filha mais velha Iara é atualmente a professora de História da escola do Vale do Matutu. Como eu, muito dos moradores da comunidade reiventaram suas vidas para não precisarem sair para ganhar dinheiro fora do vale, e a comunidade junto a Associação de Moradores, a Fundação Matutu e outras ONGs tem procurado desenvolver projetos para a sustentabilidade econômica e ecológica de seus moradores e associados. Por isso, considero um estudo sobre esta comunidade como relevante tanto para o empoderamento local, quanto para a divulgação de uma experiência importante e diferente de organização social, política e comunitária em meio a um contexto global tão contraditório.

O que é a Comunidade da Reserva Matutu?

Antes de começar a contar a história da formação daquilo que seria a Comunidade da Reserva Matutu, vale antes a compreensão do que seria esse espaço, e em que contexto ele

¹⁶ A **Associação de Moradores e Amigos do Matutu** nasceu em 30 de abril de 1995 e tem como objetivo principal da entidade representar os moradores e amigos da Bacia Hidrográfica do Ribeirão da Água Preta, no tocante a seus aspectos socioeconômicos, culturais e educacionais, promovendo cooperativismo e a ação integrada e solidária na região para promoção do bem estar da comunidade do Vale do Matutu. Tem o dever de proteger o ecossistema da Bacia Hidrográfica do Ribeirão da Água Preta, incentivando o desenvolvimento sustentável de atividades econômicas compatíveis com a questão ambiental. Tem como objetivo também apoiar as Unidades de Conservação que abrange a área da bacia Hidrográfica do Ribeirão da Água Preta, colaborando no gerenciamento integrado com os órgãos governamentais competentes, além de firmar convênios com organizações governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais, para a execução dos seus objetivos.

¹⁷ A Comunidade da Reserva Matutu foi constituída com pessoas que têm no artesanato uma das suas principais atividades econômicas. A importância da **Loja do Paiol** de ser um local onde existe uma visitação turística e congrega todos os artesanos do Vale do Matutu, contribui para o desenvolvimento de uma economia local. Na Loja do Paiol só é permitido a venda de produtos dos artesanos locais e entorno, concedendo benefícios especiais aos que se filiam a Associação de Moradores e Amigos do Matutu. Outra medida é a restrição de comércio na área da Associação de Moradores e da Comunidade da Reserva Matutu, beneficiando a Loja do Paiol e seus artesanos locais. Isso faz com que produtos exógenos manufaturados industrialmente não venham a competir com os produtos locais.

está inserido. A Comunidade da Reserva Matutu compreende a Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu além de alguns empreendimentos, áreas de proteção ambiental como RPPNs¹⁸ e a vizinhança que observam as mesmas regras contidas dentro do regimento estatutário da Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu. Essas regras foram sendo criadas principalmente em busca de um bem estar dos moradores e tem cunho ambientalista. A Comunidade da Reserva Matutu seria então uma área expandida a partir da Aldeia da Reserva Matutu, quando outros proprietários se sensibilizaram com as propostas de convivência harmoniosa que se encontra no regimento da Aldeia. Sem dúvida que esses outros sitiantes e empreendedores que se colocaram como parte da Comunidade da Reserva Matutu na maioria têm um vínculo em comum com a Aldeia por alguns serem participantes do Santo Daime e terem uma mesma preocupação ecológica de preservação do Vale do Matutu. Importante notar que o fundador da Comunidade, Guilherme França, foi quem deu a visão do que seriam as regras de ocupação e o estatuto da Aldeia. Nos primeiros anos essa norma foi sendo ditada por ele e aceita pelos migrantes alternativos que foram ocupando a encosta do Vale do Matutu onde está localizada a Aldeia da Reserva Matutu. Ao todo foram distribuídas por Guilherme França, 42 cotas que compuseram a Associação de Moradores da Aldeia da Reserva Matutu, esta proprietária de uma área de cerca de 25 hectares que fazia parte anteriormente da sua fazenda. Com o passar dos anos, novos sitiantes e amigos foram comprando terras no entorno da Aldeia, formando assim a grande Comunidade da Reserva Matutu. Fazer parte da Comunidade da Reserva Matutu seria aceitar as mesmas regras que acontecem na Aldeia da Reserva Matutu e estar alinhado com um pensamento ambientalista que visa harmonizar homem e natureza para um bem estar aos moradores. A área total da Comunidade da Reserva Matutu compreende além da Aldeia, a Pousada Patrimônio, a Pousada Pedra Fina, o Restaurante e Loja Portal da Serra, o Sítio Estalagem Matutu, a Escola Kenya, o Refeitório, a Brigada de Incêndio, a Casa de Pedra e alguns vizinhos que incorporaram o Estatuto da Aldeia da Comunidade da Reserva. Então quando eu falar da “Comunidade da Reserva Matutu” compreenda que estou me referindo a essa área mais abrangente. Podemos perceber na geografia do Vale do Matutu ainda outras duas comunidades distintas, que seriam as vilas da população tradicional: A Vila Maria, a Vila Varte e a Vila Lica e outra comunidade identitária que seriam os habitantes provenientes de uma migração urbana que não estão ligados a Comunidade da Reserva Matutu e estão espalhados pelo Vale do Matutu. Entre os que fixaram moradia pertencentes a essa comunidade identitária: Candido de Alencar Machado

¹⁸ RPPNs são Reservas Particulares do Patrimônio Natural. São unidades de conservação particular criadas em áreas privadas.

e seu irmão Paulo com a esposa Mara, a Ines e o Harvey Thorpe, a Marcia Marques e o Peter, o Zéu e a Maristela, Alexandre Mattar e sua esposa Katia, Adriana Medina e seu marido Eduardo, a Maria Rita e as filhas e a Vera Peirão. Alguns outros têm casa no Vale do Matutu mas não fixaram moradia, outros alugam sitios e eu diria que também essa compõe a terceira comunidade pela distinção de identidade. E existe a noção também da “Comunidade do Vale do Matutu” que são todos os moradores, integrando essas três comunidades. Apesar das distintas identidades entre as comunidades, existe um espaço que podem articular suas idéias que é a AMA, (Associação de Moradores e Amigos do Matutu), que contém 123 associados dentre os quase 200 moradores que compõe o Vale do Matutu. Essas “três comunidades” têm seus momentos de integração e convívio comum. Estes momentos são as festas juninas, festas de Reis, as festas na Escola Municipal Serra do Papagaio, os almoços e eventos da AMA, o bar Candeeiro do Vale ou os eventos da Padaria do Matutu.



Comunidade da Reserva Matutu. Foto: Lou Gold

1 - A Ocupação Humana no Vale do Matutu

1.1 – O ciclo do ouro nas minas de Aiuruoca - 1694

Segundo o historiador aiuruocano José Mauro Maciel, em seu livro *Ayuruoca nos Setecentos, Nossa Terra, Nosso Ouro, Nossa Gente*, os nativos ayuruãs foram os primeiros registros de humanos a habitar a região da Serra do Papagaio onde se encontra o belo Vale do Matutu. Estes, segundo o autor foram logo dispersados pelos forasteiros quando buscavam ouro na região no início do século XVIII.

A primeira pessoa a descobrir ouro na região foi o Padre João de Faria Fialho em 1694. Já em 1684, o Padre Faria e seus familiares descobriram as cabeceiras do Rio Grande, nas adjacências de Aiuruoca e falam do Rio Guanhanhans, que remete aos índios Guanhans, que significa “homem veloz” (MACIEL J. M., 1999). No ano de 1706, o bandeirante vindo de Taubaté, João de Siqueira Afonso, fundou o Arraial de Aiuruoca sendo considerado e respeitado como fundador de Aiuruoca. Segundo o autor, em 1708 o governador ds Minas D. Fernando Martins de Mascarenhas de Lancastro criou a Capitania-mor e Superintendência do Ouro da Aiuruoca (MACIEL J. M., 1999).

O caminho do ouro de Paraty via Aiuruoca despertou reprimendas régias por não serem pagos os quintos a corôa e uma intensa fiscalização e aparato militar foi formado na região de Aiuruoca. Dom Lourenço de Almeida, governador das Minas, escreveu a D. João V, rei de Portugal, em 6 de agosto de 1724, relatando que nas Gerais havia grupos de mineradores os quais em pouco tempo formavam povoações inteiras e que de hora para outra se desfaziam completamente (MACIEL, 1999). As trilhas indígenas foram primeiramente utilizadas pelos forasteiros e mineradores clandestinos e a partir daí outros caminhos foram abertos. Todos os tipos de mercadoria transitavam pelos caminhos para abastecimento das minas, além do escoamento do ouro e contrabando.

Nas povoações que se formaram em torno do ciclo do ouro aconteciam muitas desordens e mortes. Decidiu-se necessário uma intensa fiscalização com a criação de uma junta militar que chegou, segundo Maciel, a contar com 540 militares só na região das minas de Aiuruoca em 1765. Provavelmente muitos delinquentes e fujitivos cruzavam o Vale do Matutu para caçar ou se esconder nos contrafortes da Serra do Papagaio. Há relatos de uma época em que muitos escravos conseguiam fugir do cativeiro, e eram perseguidos por essas paragens, prova disso era que já em 1710, o Governador das Minas Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho nomeou Francisco Nunes de Onhati que tinha a função de capitão do

mato (MACIEL J. M., 1999). Segundo Maciel, a geografia de Aiuruoca teria facilitado as catas e lavras de ouro clandestinas. Segundo o pesquisador, as florestas altas, as colinas, e montanhas que ajudavam na visibilidade e outros recursos colaboravam nas fugas ou esconderijos. Assim o território em torno da Serra do Papagaio tornaram-se lugares propícios a delinquências (MACIEL, 1999). Os negros quilombolas traziam preocupação a Fazenda Real da capitania. Estes se refugiavam nas encostas das montanhas, existindo relatos orais até os dias atuais sobre cavernas na região do Rio do Fôro, aos pés do Pico do Papagaio, que seriam pontos de encontro para os “batuques de escravos foragidos, sendo inclusive uma cachoeira desse mesmo rio batizada de “Batuque”.

O Vale do Matutu está a 1300 metros de altitude, e está cercada por uma serra que atinge cerca de 2300 metros de altitude. Essas terras altas, que são conhecidas como Serra do Papagaio, possuem muitas nascentes e torres graníticas de difíceis acessos e podem ter servido de refúgio para escravos fugitivos além de contrabandeiros procurados pelos militares da Vila de Aiuruoca.

Ainda deve-se um estudo mais aprofundado para saber da veracidade desses relatos orais. Mas a história oral que é contada afirma que o Vale do Matutu não era habitado nem por indígenas. Pela tradução do seu nome indígena, “Matutu” quer dizer “Cabeceiras Sagradas”. Relatos orais afirmam que o nome originário era Matatu Aracacanga, ou seja, Cabeceiras das Araras. Não existem achados arqueológicos que comprovem uma ocupação efetiva. Acredita-se que pela falta de evidências de ocupação humana, o Vale do Matutu era uma região de caça sazonal, principalmente nos meses de março a junho quando caíam os pinhões das matas de araucárias além de rituais fúnebres dos indígenas. O Vale era repleto de araucárias que possibilitavam aos caçadores se estabelecerem comendo pinhões assados enquanto caçavam, além de muitos animais silvestres, por isso acredita-se que era comumente visitado por caçadores. No tempo do ciclo do ouro conjectura-se ter servido de refúgio temporário para contrabandeiros e escravos fugitivos.

Segundo o autor Maciel, a presença humana em Minas Gerais data de onze mil anos. Achados arqueológicos como a pedra polida, machadinhas e cachimbos de barro foram encontrados na região do Aiuruoca (MACIEL, 1999). Os índios Guanhãs (homem veloz) estiveram na região, e estima-se que foram dizimados mas a predominância parece ter sido dos índios Ayuruãs, de onde surgiu o nome da cidade Ayuruoca, que significa terra de

Ayuruãs (MACIEL, p. 144). Embora o Códice¹⁹ de Costa Matoso, de meados do século XVIII, afirmar que Ayuruoca quer dizer “casa do papagaio”, se referindo a um penhasco redondo onde os papagaios faziam morada (PARANHOS, 1999).

Os índios Carijós se estabeleceram na região do Rio da Morte concomitantemente com os garimpeiros, pois eram considerados dóceis. Estes com a interculturação foram se adequando ao cotidiano do homem branco (MACIEL, 1999). As índias Carijós costumavam casar-se com os homens brancos tornando assim a população mineira com traços mestiços. Os índios não deviam ser escravizados segundo o historiador Maciel, embora aqueles que atrapalhassem a investida as minas deviam ser eliminados. Os índios influenciaram muito a cultura da região, como na forma de construir com pau a pique, uso de cipós, bambus e conhecimento das madeiras para construção, além dos hábitos alimentares. Os indígenas conheciam as paragens e os caminhos e os negros sabiam minerar.

José Mauro Maciel investiga nos documentos do Itinerário Geográfico composto por Francisco Tavares de Brito, datado de 1717 e publicado somente em 1732, em Sevilha, na Espanha. “Conjectura-se que o intento era facilitar a entrada de hebreus e cristãos novos nas Minas Gerais”. Maciel asserta que *costumes e linguajares judaicos permaneceram na região do Aiuruoca, como o hábito de tomar banho após os velórios, o costume de lavar os defuntos, a atenção as fases da lua, os pesos e as medidas da cultura hebraica como a quarta, alqueire, palmo e concha de mão* (MACIEL J. M. p. 14 e 15).

Segundo o Códice, que era uma coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das Minas escrita pelo ouvidor-geral de Ouro Preto, doutor Costa Matoso: “*Aiuruoca era uma famosa freguesia, com duas capelas e suas filiais, assistidas de grande concurso de moradores e assistentes mineiros, com disposições de duráveis minas, por assim o prometerem as constituições de suas continuadas serras e ribeirões com faisqueiras de ouro*” (PARANHOS, p.4, 1999).

A cultura da região das minas de Aiuruoca foi a intercessão dos negros, brancos e índios, que aprimoradas em conjunto, resultaram na cultura sul mineira. A partir da descoberta do ouro, a região de Aiuruoca cresceu muito demograficamente. Aumentou-se a produção de gêneros alimentícios e o comércio a medida que a região aurífera entrava em

¹⁹ **Códice** é uma coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso quando foi ouvidor-geral das do Ouro Preto, em 1749.

decadência. A cadeia de serras denominada Serra do Papagaio é vista de toda a cidade de Aiuruoca como um ponto culminante da região. O Pico do Papagaio, pedra de gnaiss granítica lembra o Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, foi visitada pelo professor e botânico August de Saint-Hilaire (1779-1853), assim descreveu:

A região hoje percorrida é mais montanhosa e cheia de mata. Duas circunstâncias quase sempre coincidentes. Diante de nós descobrimos as montanhas vizinhas da cidade de Juruoca, que não são, dizem, se não uma ramificação da Serra da Mantiqueira, e no meio das quais se alça um morro conhecido em toda região sob o nome de Papagaio. (August de Saint-Hilaire 1779-1853, botânico francês).

1.2 – As primeiras ocupações no Vale do Matutu - 1860

Segundo relatos orais de antigos moradores, a Serra do Papagaio serviu de passagem entre a vila de Alagoa e Baependi. Alguns tropeiros cruzavam seus altos carregados dos mais diversos produtos. A partir do século XIX relatos orais contam que os campos de altitude da Serra do Papagaio serviam de pastagens para o gado. Era comum atear fogo nos campos para que com o início das chuvas no mês de setembro, viessem a brotação das gramíneas, alimento ideal para o gado. O Vale do Matutu ficou desabitado até metade do século XIX. A primeira fazenda que se instalou no Vale do Matutu foi de migrantes que vieram do Rio Grande do Sul e remonta o ano de 1860. José Maciel Sene, seu primeiro proprietário, dedicou-se a pecuária e seus filhos continuaram a atividade. Ainda existe o casarão sede dessa fazenda que foi construída pelos escravos, hoje propriedade e sede da Associação de Moradores e Amigos do Matutu. A presença de muitos afro-descendente no vale nos traz a presença histórica dos escravos. Há a presença também de imigrantes italianos que trouxeram a técnica de produção do queijo parmesão de Parma na Itália. A tradição do queijo parmesão já não acontece mais no Matutu, porque os novos migrantes que compraram as terras abandonaram a prática da pecuária, mas seus vizinhos do bairro da Pedra e do Cangalha ainda produzem o mesmo queijo que se fazia há mais de cem anos atrás.

1.3 - O Vale do Matutu antes da chegada dos novos migrantes

Até os anos 80, o Vale ficou isolado do mundo, apenas acessado por uma trilha de mula que escoava a produção de leite da Fazenda dos Sene pelo morro do Cangalha através de tropeiros, e de outra trilha de mula de quatro quilômetros que desembocava no bairro da Pedra. A realidade para os trabalhadores das fazendas era um mundo isolado a 18 km de caminhada ou a cavalo de Aiuruoca, cidade hoje com cerca de 3.500 habitantes. A área rural do município de Aiuruoca mais a zona urbana somam cerca de 6 mil habitantes. A população decresceu a partir da decadência do período aurífero. Relatos dos antigos moradores do Vale do Matutu dizem que trabalhavam em troca de leite e fubá de milho com os fazendeiros locais, além do direiro de morarem na propriedade, plantarem sua roça e criarem galinhas e porcos. Estes eram os principais produtos que vendiam na cidade para poderem adquirir sal, açúcar e roupas.

Aqui era um feudo, tinha o senhor da terra que era o Geraldão, e as pessoas que trabalhavam pra ele, direta ou indiretamente... Estes tinham a sua terrinha e nem tinham documentos, que plantavam couve... Ele (Geraldão) dava a terra, as pessoas podiam construir a casa, mas eles não tinham documentos, tanto que quando a gente comprou, com a morte do Geraldão, a gente deu essas terras pros antigos. A gente doou... porque era terra da gente em nível de documento.” (Candido de Alencar Machado, 74 anos, foi junto com seu irmão Paulo os primeiros moradores da nova leva de migrantes urbanos que compraram terras no Vale do Matutu e fixaram moradia. Entrevista concedida em outubro de 2015).

No Vale do Matutu até os anos 70 muitas crianças cresciam sem sapatos, suas casas eram construídas com material todo recolhido na região. As bases das casas eram de pedras, estruturas de madeira que seguravam o telhado de telhas de barro “feito nas cochas” e paredes de pau a pique. Muitas dessas casas que tem em torno de 120 anos não sobrevivem ao tempo, que segundo Aton Wilches, 36 anos, desde os dez anos morando na Comunidade da Reserva Matutu, a manutenção desses casarios acaba ficando inviável para as famílias herdeiras da população tradicional e acabam se deteriorando com o tempo, virando escombros. Aton costuma comprar as telhas antigas dos casarios abandonados e revendê-las para os novos moradores que se preocupam em manter as características arquitetônicas do século XIX do sul-mineiro ainda vivo no Vale do Matutu.

Nos anos 60, a primeira escola surgiu no bairro vizinho da Pedra, e foi batizada com o nome de Escola Municipal Deputado Tarso Dutra, deputado ligado ao antigo PSD e ministro revisor do Ato Institucional Número 5 (AI-5) durante a ditadura militar no ano de 1968. Muitas crianças do Vale do Matutu que estudaram na escola só o faziam para se

alfabetizarem. Guilherme França, nascido em Araxá, MG em 1957 e fundador da Comunidade da Reserva explica que no sul de Minas essas regiões de montanhas eram muito empobrecidas, e no tempo em que trabalhava como administrador da fazenda de café de seu sogro em Alfenas, costumava vir ao entorno de Aiuruoca procurar mão de obra para a colheita do café, já que a região não havia demanda de trabalho para sua população.

Eu tava lá no café ... e procurando gente pra apanhar café, que lá na região a mão de obra tava difícil. Então eu vim viajando em lugares que tinha montanha e lugares bonitos, e pouco serviço, pois essas são regiões que não se desenvolveram. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

1.4 – Aspectos da religiosidade da população tradicional do Vale do Matutu

Na questão da religiosidade a comunidade tradicional do Matutu tem um rico repertório de atividades que congrega seus moradores. Durante 120 anos, segundo o livro *Folia de Reis, Imagens, Receitas e Ladinhas* de Ana Lucia Queiroz e Marcia Zoet editado pela Editora Lettera em 2012, comemora-se a tradição da Festa de Reis entre o Natal e o dia de Reis. “É um conhecimento tradicional da circulação de dons e elo de construção de solidariedade da comunidade” segunda a autora do livro (QUEIROZ, 2012). Nesse ano de 2016 aconteceu a *Festa de Reis* na Vila Maria²⁰, da família Soares, no Vale do Matutu. Pessoas do município inteiro vêm para festa onde se canta, come e bebe de graça, tudo sendo feito em mutirão com uma admirável participação da comunidade tradicional. Existem também outras atividades religiosas que são os *Terços de São Gonçalo*²¹, geralmente oferecido por alguém da comunidade que faz pedidos ao santo e também a *Reza das Cruzes* em que a comunidade tradicional presta aos falecidos. Pelo Vale percebemos muitas cruzes espalhadas, enfeitadas com flores, imagem de santos e velas. No dia de finados, a comunidade tradicional se reúne e faz a peregrinação das cruzes, orando para os antepassados. Esse catolicismo popular presente no Vale do Matutu e comum nas regiões vizinhas, conseguiu manter seus ritos por mais de uma centena de anos ainda sendo aceita relativamente pelos

²⁰ **Vila Maria** é uma localidade do Vale do Matutu onde reside os herdeiros da família Soares, uma das antigas famílias do Vale. O Restaurante da Tia Iraci está inserido na Vila Maria além de um punhado de casas que formam a vila com características sul mineiras, apresentando uma arquitetura peculiar.

²¹ O **Terço de São Gonçalo** é uma cerimônia muito difundida na região. Trata-se de uma oração musicada, conduzida por violeiros e cantadores, onde os participantes fazem um bailado cadenciado durante 1 hora. São Gonçalo, um santo não reconhecido pela Igreja Católica, se faz acompanhado no pequeno altar por Santa Tereza.

mais jovens da população tradicional do Vale do Matutu que continuam a participar das cerimônias religiosas. Candido de Alencar Machado narra uma passagem em que aconteceu uma “quebra de gelo” entre os novos migrantes e os antigos moradores a respeito da religiosidade no Vale:

... nos anos 80 a gente fez um oratório com a imagem de Nossa Senhora que veio de Fátima. Aí a Dona Maria (moradora antiga do Vale do Matutu) quando viu, ficou muito emocionada com aquilo e aí viu que a gente não era evangélico... aí ela perguntou se podia fazer uma procissão da casa lá do Paulo, meu irmão, para trazer a imagem até aqui convidando todo mundo do Vale. Isso foi muito importante porque a partir disso houve uma interação de confiança com as pessoas. E foi a primeira capelinha que teve aqui no Vale, que eles vinham e faziam as orações, e rezavam os terços e tal e tal... Então houve um elo com a comunidade em função disso, porque eles são muito católicos. (Candido de Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

A partir dos anos 70 as grandes fazendas começaram a ser repartidas e uma nova leva de migrantes urbanos começou a habitar o Vale do Matutu com identidades culturais bem distintas da população tradicional sul-mineira, como foi o caso do Paulo Machado, seu irmão Candido e a família de Guilherme França que foram os primeiros de “fora” a fixar residência no Vale do Matutu.

1.5 – Aspectos tradicionais da população local

Apresento um breve relato de um dos moradores que ainda vive no Vale do Matutu e hoje tem uma tropa de cavalos que leva os visitantes para conhecerem as belezas naturais do lugar. José Rafael Soares, nascido em 1968 vive no Matutu desde a mais tenra infância. Costumava plantar “de meia” o milho crioulo com o dono da Fazenda do Matutu, Sr. Geraldo Trevas Sene desde menino. Ele estudou na Escola Municipal Deputado Tarso Dutra na Pedra e foi até o quarto ano primário. Conta que no Matutu tinham poucas casas no seu tempo; a casa do Mané Pedro, o casarão do Geraldo Treva, a do seu avô José Rodolfo Soares e a do Sr. Walter. Quando ia para Aiuruoca, ia a pé ou de mula os 18 km, e costumava comprar sal, açúcar e querosene e vendia frango caipira e parte de porcos que a família criava. Desciam tocando as mulas e vendiam no armazém do Nelo na cidade de Aiuruoca. A fazenda do Geraldão, para quem ele trabalhava, produzia o queijo meia cura e leite. Vendia pro laticínio no Cangalha e o próprio José Rafael tocava as mulas morro acima todas as manhãs. Contou-

me que madeira era cortada e vendida para lenha e cerca, principalmente a *candeia* muito farta na região. Os morros eram “limpos”, roçados, e costumava-se colocar fogo para limpar os pastos. Seu avô, José Rodolfo Soares, já tinha um terreno próprio e seu pai, Luiz Soares serrava as réguas dos currais e madeiras para casas. Em caso de doença, os moradores recorriam a uma senhora chamada Maria Cunha que era benzedeira e usava ervas. Os partos eram feitos pela Dona Geralda, mãe da Zimara. A luz chegou na fazenda do migrante urbano Paulo Machado há 25 anos atrás e há oito anos José Rafael tem televisão em casa. Ele lembra que sente falta das caçadas e festas que aconteciam nas casas simples dos moradores do Vale. Afirma que depois que os migrantes chegaram, muita coisa mudou, e que melhorou a condição econômica dos moradores do Vale do Matutu.

Porque a gente veio de fora, nós não éramos os senhores da terra, não tratávamos o povo como o Geraldo tratava. Tratávamos com justiça, com respeito, pagando, e isso criou um problema com o Geraldo inclusive, porque ele se sentiu ameaçado, pois eram os antigos senhores da terra, era regime feudal: “eu sou o dono da terra, você vai trabalhar pra mim, eu vou dar a sua sustentação, eu não tenho a obrigação de pagar mais do que isso, eu te dou o fubá pra você comer e o leite pra você beber, daí você se vira, aí tem uma terrinha que você pode morar lá, pra você plantar lá, mas você trabalha pra mim.” A gente veio e quebrou isso. Não tinha opção, e todos queriam ir embora. Todos queriam ir pra cidade, e a gente ficava tentando convencer: “espera, espera” porque os jovens queriam ir pra lá. Vendiam os sítiozinhos que tinham papel, ou passavam sem papel mesmo para morar num cubículo, numa casinha para ser ajudante de pedreiro. Muita gente vendeu, e quiseram voltar e não conseguiam comprar porque a terra tinha se valorizado. (Candido de Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

A partir da nova migração dos anos 80 houve modificações significativas, sejam culturais e econômicas no Vale do Matutu, deixando pra trás o modelo servil das fazendas antigas. Aquela cultura sul-mineira do homem integrado ao seu ambiente, que andava no seu cavalo de chapéu e bem distante do modo de vida do homem consumista das cidades está desaparecendo gradualmente frente à força da globalização dos meios de comunicação. Até os anos 2000 a televisão ainda não estava no dia a dia das pessoas do Vale. Hoje quase todas as casas da população tradicional mantém suas tevês ligadas e colocam o mundo e o consumismo pra dentro de suas vidas. Talvez o Matutu tenha sido um dos últimos redutos de uma população tradicional ainda intocada pela globalização. Somente com o advento das parabólicas é que a tevê foi possível no Vale do Matutu por ser uma região montanhosa. Para os migrantes que chegaram dos grandes centros no final dos anos 70 existe uma nostalgia

quando lembram da vida simples e cultura própria dos habitantes do Vale do Matutu no passado recente.

2 – A migração a partir dos anos 70/80 dos alternativos para o sul de Minas Gerais

A Serra da Mantiqueira nos inícios dos anos 70 começou a atrair muitos jovens insatisfeitos e descolados do sistema. Procuravam uma vida mais ligada à natureza, fugiam da opressão das grandes cidades, e começaram a formar comunidades de mentalidade que compreendia a religação do homem com a natureza. No Brasil essa geração despertou para o movimento hippie a partir dos anos 70 e muitos deles se espalharam pelas pequenas cidades ao redor da Serra da Mantiqueira. Talvez a cidade de São Lourenço tenha sido o principal destino nos anos 70 de uma turma que já não aceitava mais os padrões da sociedade consumista de seus pais. A ditadura estava “a pleno vapor” quando aconteceu o Festival da Saúde Perfeita no ano de 1972, que atraiu para a cidade de São Lourenço muito daqueles cabeludos, com suas roupas coloridas e utilização de drogas psicoativas, motivados pelo movimento da contra cultura que acontecia nos Estados Unidos. A liberdade de se recriar e reinventar fora dos padrões da sociedade individualista competitiva era o caminho a seguir daqueles jovens. *A contestação se dava frente ao inconformismo do sistema vigente através de uma cultura marginal, independente do reconhecimento oficial, que criticava as guerras e o individualismo da sociedade capitalista. Tinha na perspectiva de paz e amor seu lema, e a regeneração do homem que tinha se corrompido em uma vida alienada. Foi uma tentativa de retorno a uma vida integrada a natureza em paz e com práticas de cuidar de si, como a yoga, meditação, espiritualidade, vegetarianismo. Entende-se como um processo que o sujeito busca no desenvolvimento do seu ser para viver um estado de autonomia frente as adversidades e opressões do mundo contemporâneo* (SANTOS, 2014).

Em 1972 foi o primeiro movimento pra São Lourenço, no festival de música “Saúde Perfeita”²², na Montanha Sagrada numa fazenda que cedeu o espaço. Tocou os Mutantes e a Rita Lee, e foi quando os paulistas ficaram conhecendo São Lourenço. O Bobby, um amigo meu, conheceu São Lourenço nessa época, ele falou que veio os “malucos” do Brasil inteiro, e a cidade ficou conhecida por aceitar os “malucos”. O motivo dessa recepção era que São Lourenço era uma cidade nova,

²² O Festival da Saúde Perfeita aconteceu em São Lourenço, MG entre 1972 e 74 e atraiu muitos jovens para a cidade. A partir do festival, São Lourenço se tornou destino de uma geração que se inspirava no movimento hippie e de contracultura. São Lourenço tornou-se um polo da alimentação natural, de práticas curativas e ao movimento esotérico comum ao advento que ficou conhecido como Nova Era.

nessa época tinha 70 anos de fundação. Era formada em cima do turismo e tinha o pessoal da Eubiose²³, que tinha inclusive profecias da rapaziada que ia chegar, que seriam reconhecidos pelos seus cabelos compridos, roupas coloridas, e de se comunicarem muito através da música, isso aconteceu lá pelos anos 1920/30. Então quando a rapaziada começou a chegar eles foram aceitos pela Eubiose... porque a Eubiose tem a maior importância na cidade, o bairro do Carioca foi todo feito pela Eubiose, e depois que o festival foi embora, a cidade ficou conhecida e muita gente começou a mudar pra lá, então eu em 1975 estava morando em Rio das Ostras e conheci o Tobby que me falou do festival, e de São Lourenço e tal, e decidimos ir pra lá. Aí já tinha muito gente lá, tinha uma comunidade de mentalidade, cada um em sua casa, quer dizer, eu e Tobby foi a primeira comunidade, alugamos um casa, moravam duas famílias juntas. (Arthur Dalmasso, 65 anos, morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em setembro de 2015).

Sidney Raeder, nascido em Duque de Caxias, Rio de Janeiro em 1954 e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu, também deu o seu depoimento de como chegou em São Lourenço:

Chegaram os anos 80 e houve uma mudança em tudo. Foi quando eu vim pra São Lourenço... eu comecei a ver que era um lugar tranquilo, que tinha uma turma. Tava chegando um pessoal com idéias parecidas, da mesma geração, fugindo das cidades grandes. Tinha consciência de estar fugindo das garras do sistema. São Lourenço era um lugar místico por causa da Eubiose, das cidades sagradas. Chegou muito cabeludo. Tinha o pessoal Rajneesh, os Médicos de Pés Descalços, médicos homeopatas, e outras novidades, algumas eu achava que era “viagem”, outras a gente procurou integrar, mas os encontros eram mais de papo, ir pro bar tomar umas, tínhamos mais ou menos os mesmos pensamentos, nos aprimorávamos conversando. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Essa busca de liberdade dos jovens que foram para São Lourenço foi inspirada no movimento hippie e de contracultura, alcançando jovens do mundo todo. Com o capitalismo, após a metade do século XX o triunfo das idéias de conforto e de felicidade prometidas pelas corporações capitalistas já não satisfaziam os jovens que saíram em defesa da liberdade, proteção do meio ambiente e contra discursos que defendiam guerras e exploração de recursos naturais... as imagens/consumo de paraísos contribuíram para a cegueira contemporânea, ou seja, essas imagens resgatam as energias vitais de alguns sujeitos e as direcionam para a ilusão de se viver em um paraíso, onde se consomem mundos virtuais de signos, expressos por meio do consumo de objetos e serviços. Essa idéia de paraíso perdido,

²³A **Sociedade Brasileira de Eubiose** é uma sociedade fundada por Henrique José de Souza (1883-1963), em São Lourenço, no ano de 1921. Seus fundamentos é uma síntese de Religião, Filosofia, e Ciência com cunho esotérico.

construído pela cultura ocidental, é o que proporciona a recusa à vida em sua natureza imanente de continua criação. Foi exatamente essa versão de paraíso terrestre que foi apropriada pelo capital (SANTOS, p. 25, 2014). Esses jovens da contracultura criticaram o consumismo como representação da felicidade humana, onde a satisfação se baseia na riqueza e no bem estar material. Objetivo da vida torna-se o prazer máximo, a satisfação de todos os desejos e o culto ao egoísmo. São necessidades criadas que suscitam muitas frustrações desnecessárias. As comunidades surgiram como alternativas problematizadoras do ser e do ter. O ser representa uma relação integrada à comunidade, com a natureza e ao mesmo tempo simboliza uma escolha libertadora, criativa e autônoma que leva a um equilíbrio construído artesanalmente pelo sujeito (SANTOS, p. 29, 2014).

Hippies, anarquistas, pacifistas, ecologistas, feministas refletiam sobre o modelo capitalista, e buscaram ressignificar suas vidas em novos projetos, “de chamar para si a responsabilidade de novas idéias e novos estilos de vida diante de um mundo visto como decadente” (SANTOS, 2014). Esse movimento de migração para o sul de Minas parece ter sido um primeiro passo para o “descolar” do sistema de uma geração que estava ainda em processo de autoconhecimento. O depoimento de Arthur Dalmasso a seguir pode ser um exemplo de que o processo estava apenas começando de uma subjetividade recusada para uma subjetividade desejada:

Eu hoje quando olho pra essa época de São Lourenço, vejo que foi uma puta alienação, vidinha de cidade pequena, cachaçada todo fim de tarde, era bem alienada, “maluco” queria era festa. Todo mundo era esotérico em São Lourenço, eu mesmo era Rosa Cruz²⁴, tinha Eubiose, todo mundo sabia tudo, ufologia, essa coisa toda que “maluco” gosta, mas na real era tudo conversa de butequim. Você falava assuntos profundos tomando uma cachaça, quer dizer, não havia uma vivência espiritual, havia uma compreensão intelectual. Todo mundo tinha informação, sabia de tudo, mas faltava uma vivência e uma prática espiritual. (Arthur Dalmasso, 65 anos, morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em setembro de 2015).

A partir da metade dos anos 70 a ditadura no Brasil já rumava para o processo de anistia. Os jovens, principalmente estudantes que tinham entrada na luta armada contra o governo militar estavam na clandestinidade, presos ou mortos. Parece que a turma que foi para São Lourenço buscava na espiritualidade uma saída das garras do sistema e havia pouco

²⁴ **Escola Espiritual da Rosa-Cruz Áurea** fundamenta-se no cristianismo gnóstico e possui fortes influências do catarismo e do hermetismo. Divulga a possibilidade da libertação da roda da vida e da morte por meio de um processo de purificação e subsequente transfiguração - a qual se inicia com a revivificação da centelha divina adormecida no coração dos homens.

espaço para debates políticos. Abaixo o depoimento de Sidney Raeder sobre essa época de chumbo:

Nesse momento já bebia na fonte de uma cultura alternativa. Já tava fugindo desse sistema, com consciência de alimentação, meditação, era jovem nos anos 70. Muita droga, muito rock and roll, muita liberdade de expressões diferentes, quebrando os valores, mas tudo dentro de uma tranquilidade. Buscando a paz, misticismo e o ecologismo. Política não muito, porque era mais cultural do que política. A gente sabia que não podia falar muito, era uma época de repressão, a gente cresceu ouvindo os pais dizerem para não falar disso ou daquilo, e que corria risco. Eu me lembro quando era pequeno, talvez fosse 64, tinha uns 10 anos, jogando bolinha de gude com um amigo meu, e o pai dele chegou em casa correndo, pegou um monte de papel e saiu e nunca mais ele viu o pai dele. Desde essa época a gente escuta os pais dizendo, parecia que tinha gente olhando, então a gente da minha turma curti mais um som, um teatro, cinema, “antenado” com o que estava acontecendo, mas sem se envolver. O pessoal um pouco mais velho que atuou mais na questão política e foi reprimido. Era uma coisa inconsciente se afastar ao máximo disso. Eu sabia que tinha alguma coisa errada. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Essa geração que estava buscando reinventar suas vidas, sintonizavam-se com o movimento de contracultura que estava acontecendo principalmente nos EUA e Europa. Assim, era necessário se desligar das vidas das grandes cidades. As cidades e áreas rurais da Serra da Mantiqueira se tornaram destino, como São Lourenço, Soledade de Minas, São Tomé das Letras, Visconde de Mauá, Cristina entre outras, assim como a Chapada de Diamantina na Bahia e a Chapada dos Veadeiros em Goiás.

O festival da Saúde Perfeita em 1972 foi a porta de entrada. São Lourenço ficou sendo conhecida como a primeira cidade da rapaziada, como era uma época de repressão política no continente inteiro, vinha o pessoal do cone sul todo fugindo da perseguição política e ia parar em São Lourenço e Soledade. Soledade tinha época que ouvia mais castelhano que português na rua. Lá a polícia arrebanhava maluco que nem boiada na rua e levava para a delegacia pra fichar. São Lourenço não, sempre foi uma cidade que recebeu bem, nunca houve repressão em cima dos “malucos”. Então várias cidades que se formaram a partir do movimento da rapaziada, como Alto Paraíso de Goiás, Chapada da Diamantina, foi tudo pessoal que passou por São Lourenço. A profecia da chegada dos cabeludos fez a cidade aceitar a chegada deles, por ser uma parte importante da cidade que era da Eubiose. Outras cidades tinham altas repressões, como São Tomé e Cristina. Em Cristina me lembro de uma vez que prenderam todos os “malucos” e expulsaram da cidade sem

acusação e sem flagrante. (Arthur Dalmasso, 65 anos, morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em setembro de 2015).

Em Arembepe, Bahia, aconteceu a primeira comunidade hippie do Brasil. Era destino de muitos alternativos, na virada dos 60/70. Candido de Alencar Machado e Arthur Dalmasso vivenciaram Arembepe antes de irem para as montanhas da Mantiqueira.

...na verdade era uma coisa mundial essa história da contracultura. Eu morava em São Paulo e tinha três empregos... então uma amiga me convidou pra eu conhecer a Bahia, na passagem de ano, e a gente acabou indo e eu chegando lá eu me encantei com a Bahia e fiquei três anos em Arembepe. Tinha uma comunidade hippie mas eu não ficava lá. Era um movimento da época. As pessoas falam: você era cabeludo? Era, mas o Silvio Santos também era. Todo mundo era cabeludo. Era o impulso desta época. Era uma mudança, a Bahia era isso... só estrangeiros que moravam lá...mas eu morava na cidade. Trabalhando com retratos (pinturas). Aí já comecei a alimentação, era casado com uma menina que fazia macrobiótica, e quando me dei conta já estava vegetariano há vários meses. Eu sempre tive interesses, lia muito Huxley²⁵, As Portas da Percepção, Despertar dos Mágicos, buscando uma alternativa que era um conceito da época mesmo, não era só meu, o mundo inteiro estava vivendo isso de alguma forma. Isso em 68/69/70 por aí. Eu fiquei até 75 com a minha casa lá, depois acabei vindo pra cá, pra São Lourenço. (Candido Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

Para compreender o movimento de contracultura, devemos entender o movimento das comunidades alternativas e as motivações filosóficas de liberdade e autonomia dos sujeitos que se lançaram num processo de reinvenção de suas vidas e do mundo. Características fundamentais das comunidades alternativas segundo Ana Cecilia Santos: *As comunidades alternativas constituem espaços fluídos, de rejeição a cristalização nas formas de ser e existir. Ter ações locais, criar os filhos isolados é uma das características das comunidades alternativas. Seus sujeitos não conseguem nadar contra a maré na cidade, decidem sair dessa maré e se isolar. É a crença na entrada de uma Nova Era onde se busca um movimento espiritualista místico. Privilegia a autonomia, rejeitando a autoridade, o poder, a obediência e as organizações hierárquicas burocráticas. A espiritualidade é desenvolvida de forma livre, individual, liberto das tradições religiosas. É a busca de uma subjetividade experienciada*

²⁵ A crença nas drogas como elemento de liberação leva **Aldous Huxley** (1894-1963) a escrever livros que o tornaram um dos mais influentes defensores do uso terapêutico das drogas alucinógenas. Dentre os inúmeros e importantes títulos produzidos por ele ao longo de sua existência, destaca-se *As portas da percepção*, *Céu e inferno* e *A ilha* (CARVALHO C., pag. 4).

através de um trabalho sobre si. Autoconhecimento e uso de práticas para despertar o divino em si, um auto-aperfeiçoamento, equilíbrio harmônico interno. Estas práticas estão relacionadas a um ascetismo: cuidado especial da subjetividade (SANTOS A. C. pag. 12, 2014). Para Foucault (2008, 2006, 1998), “o sujeito transforma o trabalho sobre si mesmo e transforma sua existência em uma obra de arte”. Para A. C. Santos: a busca de um conhecimento de si, ou arte de si buscada por alguns filósofos na Grécia Antiga (Foucault 2008, 2006, 1998) é visto hoje em dia no movimento de comunidades alternativas através de práticas ascéticas, que denominasse “ascese”, como uma vida simples integrada na natureza e o veganismo na busca de conhecerem a si mesmos (SANTOS, 2014). É o desenvolvimento de um individualismo ético que não segue as regras morais externas, mas sim está embasado numa ética exercitada na prática consciente da liberdade, onde conhecer a si mesmo é a premissa para padrões de uma sociedade igualitária (D'ANDREA, 2000).

Havia na cultura greco-romana esse momento do cuidado de si, o qual se praticava a busca do divino em si mesmo, onde os sujeitos percorriam uma viagem interior como pilotos das suas trajetórias na procura de suas almas, lapidando suas próprias vidas e as relações com outras pessoas, como um artista faz numa obra de arte. Na contemporaneidade, podemos observar o resultado de um longo processo, onde dispositivos de poder afastaram e afastam os sujeitos de uma ética, ou seja, de uma reapropriação de si nas suas ações. A alienação dos sujeitos sobre o poder de si mesmo, passa no decorrer dos séculos, das mãos de um soberano, para um poder disciplinador que surgiu junto com a Revolução Industrial. O intuito era adestrar para tirar a força dos sujeitos para o trabalho alienado. Estamos rodeados de sujeitos sujeitados, onde as sociedades atuais são como um grande mercado mundial em que as subjetividades, os desejos de milhões de pessoas são capturados. Cada vez mais os sujeitos consomem modos de vida, ou seja, maneiras de ver, sentir, pensar, perceber e existir. Os sujeitos não podem transferir seus poderes sobre o governo de suas vidas, mas o sujeito pode renunciar este direito potência. Decidimos-nos obedecer, alienamos nossa potência apenas imaginariamente (SANTOS, p. 63, 2014).

Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu, é um exemplo do sujeito que foi em busca de uma forma alternativa de vida ao sistema:

Eu fui sempre de mãos dadas com Jesus Cristo, não com a igreja, eu sou de família católica, fui batizado, mas nunca gostei de seguir a igreja católica. Mas sempre gostei de seguir Jesus Cristo,

desde menino tenho uma boa relação e depois que fui tomando ácido²⁶, cogumelo, santa maria²⁷, tudo isso aí, fiquei mais conectado com Jesus Cristo hippie, ...nós líamos o Evangelho dos Essênios, eu ia pra natureza, eu com a Kenya e os amigos, nós ficávamos sem roupa e lendo o Evangelho dos Essênios, falando para o anjo da água, o anjo do ar, o anjo da luz. (Relato de Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu, morador desde 1984 no Vale do Matutu sobre sua vida antes de conhecer o Santo Daime. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

A cultura hippie traz esse desnudamento perante o mundo e os outros. Ficar nu é uma prática comum nos Encontros Nacionais de Comunidades Alternativas, o ENCA. É uma quebra de um protocolo cultural deliberado pelos sujeitos que pretendem um desnudamento do mundo, ou seja, um mundo mais sincero, verdadeiro sem hipocrisias. *A nudez, o estar nu em público, era algo inédito até os anos 60. O Festival de Woodstock, que foi o marco principal da revolução jovem de 1960, ocorrido nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, deixa claro que esta era uma atitude desconhecida e evitada até estes jovens contestarem os antigos valores, tabus e preconceitos vigentes na época (THIBES C., p. 5, 2012). Vemos desta forma, a importância e êxito do Festival e dos ideais nele contidos. Os hábitos e pensamentos até então solidificados foram rompidos pela geração de 60 transformando antigos dogmas em novas formas de vida. O Festival de Woodstock apenas ampliou a repercussão destes ideais, promovendo sua ascendência mundial. E algumas destas novas concepções e transformações são hoje aplicadas nas comunidades naturistas²⁸ (THIBES, p. 6, 2012).*

Segundo Ana Cecilia Santos: *este homem se torna operador de sua condição humana por uma continua busca pelo governo de si, proporcionando a possibilidade de resistência a formas massificadoras de ser e existir. Nesse modelo da cultura de si, os sujeitos podem recriar suas próprias práticas e, dessa maneira, conseguir alcançar brechas no sistema de subjetividade dominante, ao não se enquadrar as formas pré estabelecidas, tornando-se um movimento de resistência (SANTOS, p. 17, 2014).*

Timothy Leary, guru da contra cultura americana alertava os jovens nos anos 60 para “ligar-se, sintonizar-se, libertar-se” e difundia as drogas alucinógenas como solução para o

²⁶ O **ácido** é a substância LSD, substância psicoativa descoberta pelo químico Albert Hoffman no final dos anos 30, e propagada pelo guru da contra cultura Timothy Leary nos anos 60.

²⁷ **Santa Maria** é a forma como os daimistas da linha do Padrinho Sebastião chamaram a cannabis. É considerada, assim como a ayahuasca, um enteógeno que possibilita o acesso a divindade.

²⁸ **Naturistas** são indivíduos que vivenciam a prática do nudismo em grupo, além de outras práticas naturais como o parto natural e etc...

homem moderno, repetindo uma preocupação constante e presente na história do homem com o uso das drogas (CARVALHO, 2002). As substâncias psicoativas tiveram um papel fundamental nas experiências de descolamento das formas massificadoras de ser e existir dessa geração que estava para chegar ao Vale do Matutu nos anos 80. As experiências psicodélicas eram comuns a maioria dos entrevistados desta pesquisa, como atesta o depoimento de Sidney:

A grande maioria teve outras vivências psicodélicas antes de encontrar o Daime. Existia uma busca e essas coisas todas faziam parte dessa busca, por exemplo, o ácido, era para sair daquele estado e fazer uma mudança na minha vida, mudava um pouco, existia um teto... (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Nos anos 80 a sociedade brasileira entrou em um processo de abertura política. Com a democracia reinstalada o movimento hippie e o ecologismo serviram de inspiração para as comunidades alternativas. Houve uma necessidade desse homem buscar principalmente uma vida simples e desapegada. Para Turner, 2008, um dos aspectos dessas comunidades “é a necessidade de se desnudar, retirar as máscaras, mesmo que seja para vestir a máscara libertadora dos que se colocam a margem do sistema”. Pela necessidade de se estar a margem das estruturas é que esses sujeitos assumem a condição de pobres – a fim de eliminar as marcas das posições sociais, inclusive usando vestimentas baratas ou roupas de camponês, desnudando-se de vestimentas que representam status ou classe social. Outro aspecto importante das comunidades alternativas é o Holismo²⁹ que pretende integrar corpo e mente numa visão global unitária. Aspectos físicos e psicológicos, materiais e espirituais, homem e natureza com o sentido de transcender ao entendimento cartesiano de realidade. *Nas comunidades alternativas observamos uma busca por um estilo de vida mais cooperativo, em contato com os elementos da natureza, dentro de um contexto expansivo de espiritualidade. Entendendo espiritualidade não ligada a uma dimensão religiosa sobrenatural, nem uma conexão espiritual com a mente de Deus, mas uma ligação profunda com a natureza, onde nada é excluído, pois todas as coisas- mente e corpo, pessoas e ambiente estão interligadas energeticamente (SANTOS, p.95, 2014).*

As comunidades hippies que foram surgindo ao redor do mundo, muitas começaram com posturas primitivistas³⁰ e comunais³¹. A Comunidade The Farm, foi a primeira grande comunidade rural hippie dos EUA nos anos 60. Adotava o primitivismo e chegou a ter mais de mil e quinhentos membros que trabalhavam plantando seu alimento e dividiam tudo.

Em 1988 aconteceu o ENCA³² da Pedra Preta, em Pouso Alto, cidade próxima a São Lourenço. Foi um momento que muitas pessoas de São Lourenço e das cidades vizinhas tiveram contato com o Daime, pois fez parte das atividades do encontro uma cerimônia com o chá. Nesse encontro, Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu teve um primeiro contato com muitos daqueles que viriam a integrar a Comunidade da Reserva Matutu. Mas antes é preciso compreender como foi a chegada dos primeiros migrantes no Vale do Matutu a partir de 1978.

3 - A chegada dos primeiros migrantes dos anos 70/80 no Vale do Matutu

A partir de 1978 o Vale do Matutu começou a se transformar com os migrantes que chegaram. Este foi o ano da chegada de Paulo de Alencar Machado, que comprou uma terra ali e resolveu fixar morada. A partir dele, chegou seu irmão Candido de Alencar Machado e alguns amigos. A beleza e o isolamento do Vale do Matutu atraíram um tipo de migrante que estava em fuga dos grandes centros e do modelo da sociedade de consumo industrializada. Foi uma procura de uma vida simples na natureza em um espaço de grande beleza natural que é o Vale do Matutu. Somente no ano de 1984 chegaria Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu buscando segundo ele “umas montanhas isoladas para viver com sua família”.

³⁰ **Primitivismo** são formas sociais que buscam uma simplificação do mundo e um retorno a um estágio pré Revolução Industrial onde os sujeitos tiram da natureza só o essencial para a sua sobrevivência. Segundo LUTZERBERGER, 1976, inúmeras sociedades primitivas sobreviveram milhares de anos sem alterar significativamente seu ambiente, preservando belíssimas paisagens culturais, ecologicamente sustentáveis. A corrida por tecnologias desprovidas de uma ética do cuidado aliada a expansão do mercado capitalista tem significado uma verdadeira ameaça a continuação da vida.

³¹ **Comunal** são formas de comunidades que as pessoas dividem todos os bens entre si.

³² **ENCA** (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas) acontece há mais de trinta anos reunindo quase mil pessoas em seus últimos encontros.

3.1 - A chegada de Paulo de Alencar Machado

Paulo Alencar Machado nasceu em 13 de outubro de 1943 em Cachoeira de Minas. Estudou Ciências Sociais em plena ditadura militar. Morou em Belo Horizonte enquanto trabalhava como diretor financeiro de uma escolar particular da sua família. Paulo Machado foi o primeiro migrante que fixou morada no Matutu a partir de 1978. Segundo ele, comprou sessenta hectares de terra da Fazenda do Seu Benedito Trevas, casado com a irmã do Geraldo Treva, já falecido e ex-proprietário do casarão antigo do Matutu. Essa compra foi feita com mais seis compradores. Paulo Machado disse que os outros com o tempo foram vendendo seus pedaços de terra e que nos primeiros quatro anos ele ficou bem isolado. Tinha uma dinâmica de passar quinze dias em Belo Horizonte e os outros quinze dias do mês no Matutu construindo a sua casa. Tinha o interesse de tirar leite, tinha apreço pela vida do campo, e era bem adaptado ao modo de vida tradicional do sul de Minas. Sua primeira morada foi na queijaria da Dona Maria, que só cabia uma cama e um fogão a lenha. As noites eram muito frias, contavam-se quarenta geadas por ano. No momento da negociação da compra, fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima que se efetuasse a compra, ergueria uma capela em sua homenagem. Ele e sua irmã nasceram nos dias de aparição da santa e sua mãe era muito devota. Paulo conta a primeira vez que conheceu o Vale do Matutu ficou muito encantado. Ele combinou com seu Dito de ir ver a terra da fazenda. Eles subiram pelo Cangalha enquanto o Zéu, seu amigo e hoje morador do Vale do Matutu, foi pela Pedra. Ainda não tinha a estrada, somente até a escola da Pedra. Quando ele virou o morro do Cangalha e o vale descortinou em sua frente ele teve certeza que seria o lugar que iria viver. Amigos tentaram persuadi-lo, mas já tinha se convencido.

3.2 - A chegada de Candido de Alencar Machado

Candido de Alencar Machado nasceu em Poço Fundo, MG em 1941. Estava morando em São Lourenço enquanto o Paulo, seu irmão estava procurando uma terra para comprar. Paulo decidiu primeiramente comprar próximo a Belo Horizonte, mas viu que estava muito cara a terra por lá, e decidiu procurar no sul de Minas, já que Candido, seu irmão, morava em São Lourenço. Candido disse que apesar do movimento de comunidades alternativas, não era isso que o Paulo queria fazer. Segundo o Candido a intenção de Paulo era morar na roça e ter umas vaquinhas. Começaram a procurar juntos e não tinham achado nada ainda. Um dia o Paulo foi sozinho e voltou dizendo que tinha encontrado a terra. Quando ele falou o nome da

cidade, “Aiuruoca”, Candido disse que nunca tinha ouvido falar esse nome, apesar de morar a menos de uma centena de quilômetros. Paulo levou o Candido para conhecer a terra na semana seguinte:

Na outra semana nós viemos, e paramos o carro a seis quilômetros daqui do Vale do Matutu e a gente veio a pé pela trilha. Eu tava achando tudo uma loucura, aí quando chegamos aqui no Vale, achei bonito e tal, mas o terreno mesmo era um mar de samambaia. Tinha nada. Falei:

” –Paulo... você está doido?:

“-É, mas eu não sei, a coisa bateu, as coisas estão difíceis e tem essa terra pra vender...”

A fazenda, segundo o Candido fazia parte da Fazenda Patrimônio que a sede era o Casarão do Matutu.

Durante três anos ele ficou nessa história. Eu vinha com ele e tal, daí ele começou a construir a casa dele, morava até pertinho na queijeira da Dona Maria, porque não tinha ninguém. Só tinha os nativos... Mesmo assim muito isoladamente. Não tinha estrada. A estrada terminava ali na escola da Pedra, lá em baixo onde parava o caminhão do leite ... Ele tinha um jipinho e parava lá e a gente vinha a pé. Isso as primeiras vezes, depois quando ele realmente resolveu comprar com mais uma outra pessoa em que o sogro era engenheiro, o Zéu, e construía pontes essas coisas, aí ele veio pra cá e marcou mais ou menos a possibilidade logo de fazer a estrada. Que era uma trilha, na verdade. Eu levei três anos nessa história de vir pra cá, até que me veio uma possibilidade depois de eu ter tido uma experiência numa comunidade cristã ligada a Antroposofia³³ que fazia um trabalho com crianças nas férias, em Campos de Jordão, que era uma Colônia de Férias. Eu fiquei tão impressionado com aquilo que me veio uma idéia de uma possibilidade de comprar uma terra aqui também e de fazer uma construção e trazer crianças de São Paulo, Rio e Belo Horizonte, pra passar férias. Mas só assim, uma coisa longínqua de colônia de férias. Aí passado um tempo eu decidi mudar pra cá. Não tinha nem pousada ainda. (Candido de Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

3.3 - A chegada de Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu

³³ Segundo Rudolf Steiner, seu fundador, a **Antroposofia** é uma ciência espiritual. Foi criada no início do século XX após o desligamento de Steiner da Teosofia. Para Steiner: O objetivo do antropósofo é tornar-se "mais humano", ao aumentar sua consciência e deliberar sobre seus pensamentos e ações; ou seja, tornar-se um ser "espiritualmente livre".



Paulo Machado, Guilherme França, Kenya, Ata e Manno em 1984 no Vale do Matutu. Arquivo pessoal

Guilherme de Melo França nasceu em Araxá em 20 de setembro de 1957. Aos seis anos mudou para Belo Horizonte. Quando seus colegas foram prestar vestibular, Guilherme foi embora da casa de seus pais e nunca mais voltou. Comprou uma jardineira (pequeno ônibus) e foi morar nas cercanias de Belo Horizonte onde é conhecido como Macacos. Isso, como ele afirmou, foi por causa de sua namorada Kenya que estudava na cidade e Guilherme não queria ficar longe dela. Seu pai, Antonio Campolina França, hoje falecido, trabalhava como gerente do Banco do Brasil e a mãe Dona Maria Isabel de Mello França, ainda viva, sempre foi dona de casa. Abaixo o depoimento de Guilherme sobre sua vida até a sua chegada no Matutu:

Nasci em Araxá por causa do banco. Minha mãe é nortista, nascida no Piauí, na divisa com o Maranhão, no delta do Parnaíba, enquanto meu pai é mineiro, mas foi pra Araxá por causa do banco. Meu pai vem de uma família que sempre teve roça. O pai da minha mãe tinha uma companhia de navegação. Meu avô trabalhava com os ingleses, ele tinha alguns navios gaiolas, e vinham uns navios de fora e encostavam lá, ele trabalhava tanto com o porto do Piauí que era em Parnaíba, quanto também em Tutóia no Maranhão, por isso tinha as ilhas, onde ele vivia e depois foi sepultado, aonde eu fui viver também. Lá tinha calado para atracar navios grandes, e ele tinha armazém... então meu pai e minha mãe foram para Araxá por causa do trabalho do meu pai, e depois com 6 anos de idade minha família foi transferida para Belo Horizonte. Fiquei até o final do colegial e comprei essa

jarnineira e fui embora para as montanhas de Belo Horizonte, onde é conhecido como Macacos. Eu fui até o final de uma estrada, e não tinha como virar pra voltar, então aluguei um sítio, e descia pra Belo Horizonte só nos domingos pra vender na feira, e ir no mercado central pra comprar um pouco de comida, castanhas, coisas pra passar a semana lá em cima. Ninguém conhecia aquela região não, eu morava lá nas nascentes, e ficava beirando BH por causa da Kenya. Depois nós começamos a vender na feira de artesanato, desde o início da feira da Praça da Liberdade. Fazia artesanato, fazia sapatos, fazia bolsas, casacos... dos 17 até 21 anos fiquei por ali. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Muito jovem Guilherme já pensava em ir embora das cidades. Tinha todas as características daqueles jovens que se influenciavam pelo movimento de contracultura e que queriam fugir das garras do sistema. Quando tinha vinte anos a sua namorada Kenya foi para o Pará para ficar numa fazenda de uns amigos da família dela que plantava pimenta do reino. Guilherme resolveu ir para o norte encontrar a Kenya e levá-la para conhecer a ilha de sua família no Maranhão.

...eu fui mostrar o Maranhão para ela conhecer a ilha, para ver se ela queria morar lá, pois eu queria mudar pra lá. Aí ela gostou. Mas ela ficou grávida do Manno, aí resolvemos ficar aqui no sul em Minas Gerais até nascer o Manno, e fomos viver no Maranhão depois do nascimento. A Ata foi gestada lá no Maranhão, nasceu lá, depois com poucos meses da Ata ter nascido, deu uma seca muito grande, e as águas ensalobraram na ilha, difícil ter água até para lavar a roupa. Aí nós tivemos que vir embora, para arranjar um dinheiro para fazer um poço, pôr um catavento, bombear uma água melhor, com o objetivo de retornar para o Maranhão. Eram só nós dois e as crianças, uma ilha toda nossa, lá tá sepultado toda a minha família, meu avô viveu lá, minha mãe viveu lá, foi criada lá. Já foi uma ilha de movimento, hoje é uma ilha vazia, têm alguns pescadores que tomam conta pra gente, emprestamos para fazer a pesca do camarão, têm muito camarão. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme e sua família viveram na ilha um ano e meio, e construíram uma casa. Disse que tinha muito caju, peixe, muita fartura, mas segundo Guilherme se não pescasse e não catasse frutas não teriam o que comer porque ainda não estava trabalhando com agricultura, foi quando começou a pensar em plantar alguma coisa. Nesse momento iniciou uma seca muito grande região e as águas da ilha ensalobraram. Guilherme diz que deu pra viver algum tempo ali, não precisavam usar nem roupa, pois só viviam eles na ilha, em um calor agradável, pois moravam na beira da praia, tinha o tempo todo uma brisa.

Guilherme e sua família buscavam uma vida na natureza, buscavam simplicidade e um certo primitivismo. Estar isolado, poder andar nu, colher as frutas no pé e pescar a sua comida. Podemos dizer que era uma busca de um paraíso perdido, que a sociedade industrializada tinha se distanciado com a sua desintegração com a natureza.

Desde pequeno eu soube que não ia participar do movimento de cidade, do desenvolvimento que já existia, eu sempre desde pequeno queria ficar mais velho para ir embora. Desde pequeno eu pensava ir para essa ilha. Eu via as fotos da minha família, minha mãe me contava as histórias, meus avós e meus tios eram uma família mais de aventura. A família do meu pai é mais de mineiro, mais quieto. Da minha mãe não, todo mundo é músico, é artista, uma família bastante animada. Então eu sabia que ia pro Norte, pra essa ilha, que tava abandonada, há muito tempo, há mais de meio século... então eu fui cumprindo assim mesmo um sonho, desde pequeno de ir pra natureza. E quanto mais adolescente, quanto mais fui amadurando... mais eu queria viver isolado, não me sentia bem no asfalto. Queria o mar, queria a floresta. Era um pensamento um pouco egoísta, porque ainda muito jovem, pensando mais em mim, na minha família, de me isolar. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Quando vieram para o Sudeste levantar recursos para poderem construir um catavento em sua ilha para poderem pegar uma água mais profunda, o avô da Kenya insistiu muito para que eles levassem a Ata, segunda filha do casal, pra ele poder conhecer na fazenda no sul de Minas. O velho Carlos Vieira, fazendeiro conhecido e respeitado na região só conhecia o Manno, porque logo quando o menino nasceu a família foi para Maranhão. Seu Carlos insistiu e foram ficando:

... o velho muito fino, nós fomos nos dando muito bem, acabei que eu comecei a plantar com ele, plantei muito café, resolvi ficar um tempo. Plantei milho, arroz e café... eu era uma pessoa da família para ajudá-lo. Aí comprei uma terra lá perto, e plantei toda em café. Plantei na minha terra e uma lavoura na terra dele. E dei uma boa sorte nesse tempo, porque eu fui colhendo muito café, e estoquei. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme tinha vindo em 1981 no Gamarra, vale encostado à Serra do Papagaio próximo à Aiuruoca, e parece ter gostado da região por ter montanhas ainda isoladas. Aquela vida na fazenda de café parecia provisória:

Eu pensei, ou eu volto lá pro Maranhão, ou eu vou comprar umas montanhas virgens pra gente morar. A vida lá no Maranhão é uma vida bastante natural, muito forte, muito boa e iluminada, bonita, mas uma vida bem selvagem, eu ficaria satisfeito desde que ficasse isolado. Eu tinha um

indicador assim de não escutar um cachorro, um galo cantar, e grito de futebol. Tomava LSD, cogumelos e usava cannabis, né, isso aí é que foi a base de tudo isso. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme França em sua juventude teve experiências com substâncias psicoativas que segundo ele “foi a base de tudo isso”. Assim aqueles aspectos de uma busca de vida simples, na natureza somada a experiências psicodélicas representam uma postura de busca dos alternativos da contracultura. Uma cultura hippie que buscava uma ressignificação dos valores sociais. Muitos jovens cabeludos como o Guilherme buscaram nas experiências psicodélicas aberturas de portas de percepção para novos mundos. Era necessário estar junto à natureza para essas aventuras e Guilherme é representante dessa geração que buscava sentido em uma vida “fora do normal” bem diferente de seus pais.

Com treze anos eu comecei a pitar³⁴, com 15 anos eu tomei LSD, aí mudou bastante a minha vida, fiz uma viagem forte, depois eu tomei cogumelo e depois durante muitos anos viajei bastante,... sempre que eu tomei LSD e cogumelo, eu sempre buscava Deus na natureza, nunca fui tomar para outra coisa, fui buscar conhecer e entrar no mistério, então sempre foi uma busca na natureza, com essa força e as substâncias ia pedindo para voltar menos, sempre pedia pra não voltar ao normal. Esse mundo normal eu não gostava muito, via a vida do meu pai, dos meus tios, até vidas bem sucedidas, mas não servia pra mim. Aí eu tava lá no plantio do café e comecei a vir procurar uma montanha virgem, e procurando gente pra apanhar café, que lá na região a mão de obra tava difícil. Então eu vim viajando em lugares que tinham montanhas e lugares bonitos, e que tinha pouco serviço, pois essas são regiões que não desenvolveram. Então eu viajei a todas as cidades dessa região, começando lá em Três Corações, Cambuquira, Conceição do Rio Verde, Caxambu, Baependi, Cruzília, Minduri, Aiuruoca, Seritinga, Serranos, Liberdade, até Bom Jardim. Arranjei gente em toda essa região, e levei para o café. Em 1981 fui pro Gamarra, com dois amigos que trabalham no teatro, Luiz Carlos Garroucho, e o Chico Pelucio, que tem família em Baependi. Aí fomos pro Gamarra, fomos até atolar o carro, mas eu não fiquei satisfeito com o fundo de vale. Aí eu olhei lá para o alto das montanhas e eu falei que queria aquele alto. Aí em 84, um amigo meu, Mauro Afonso, arquiteto, me chamou para vir no Matutu. O Paulo Machado tinha comprado o sítio, e era amigo desse meu amigo, e o Maurinho falou: “-Lá nessa região que você está procurando um amigo comprou lá, diz ele que é lindo, vamos lá conhecer?”. Eu disse, “-Vamos lá”. Fui eu e o Manno... Cheguei na casa do Paulo e ele me recebeu. Eu e Paulo nós tínhamos muitos amigos em comum, alguma coisa do destino fez que não tivéssemos conhecido antes. Quando amanheceu o dia, eu sabia que tinha chegado ao lugar que procurava. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

³⁴ **Pitar** para os daimistas da linha do Padrinho Sebastião significa fumar cannabis.

Como Guilherme disse, “as viagens” que tinha feito com algumas substâncias psicodélicas levaram-no a uma busca de viver na natureza. Essa busca se tornou comum em uma época que muitas pessoas começaram a ter experiências com essas substâncias e pode ser associado a esse movimento migratório desses alternativos. Essas experiências psicodélicas parecem ser tão significativas para a vida dessas pessoas que conseguem desprogramar suas vidas para recomeçarem de um novo jeito. Assisti na MAPS Conference, palestras que falavam sobre o uso de tais substâncias. Discutiam sobre como essas “viagens” podem ser boas ou ruins e são determinadas por fatores como o contexto e o estado de espírito de quem as consomem. Como Guilherme disse, todas as vezes que tomou essas substâncias era numa busca de Deus. Neste encontro da Maps Conference³⁵ na California em 2010, os estudos apontavam que a melhor forma de tomar essas substâncias é num contexto de religiosidade, de conexão com a divindade. Abaixo o depoimento de Celso Rodrigues, antigo morador da Comunidade da Reserva Matutu:

Eu tinha tido uma passagem muito grande no uso de drogas, e isso me trouxe aqui para resgatar essa condição. Eu queria conhecer a substância do Daime, sabia que ela tinha uma condição muito diferente de outras substâncias, que pra mim não eram um caminho seguro. Aqui eu vi uma condição diferente ao uso da bebida. (Celso Rodrigues, 57 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em março de 2016).

Muitos jovens urbanos tiveram contato com as drogas. Existiam abusos e contextos negativos para as experiências com certas substâncias, que motivou ainda mais uma demonização do uso de tais substâncias e políticas repressivas.

³⁵ Fundada em 1986, a **Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (MAPS)** é uma organização de pesquisa sem fins lucrativos além de uma organização educacional que desenvolve contextos médicos, legais e culturais para as pessoas se beneficiarem dos usos de psicodélicos.



O artista visionário Alex Grey palestrando no MAPS Conference, California, 2010.

Foto: Luis Eduardo Pomar

Guilherme continua sua narrativa sobre a compra da terra no Matutu

Aí perguntei pro Paulo se tinha alguma terra aqui à venda. Ele me disse que não. Geraldão morava ali no Casarão, era dono de grande parte do Vale, o Landulfo do vale de baixo, o Balbino entre os dois vales, e o Zé Pedro, esse que era de São Paulo e era secretário do meio ambiente, tinha essa fazenda grande no meio. Então essas terras estavam bem ocupadas por esses proprietários. Aí eu perguntei pro Paulo, será que não tem nenhuma? Ele falou: “- Ah, eu sei de uma, mas eu sei que não serve! É um lugar tão longe, tão difícil que é pra ir uma vez na vida e outra na morte.” Quando ele disse isso eu sabia que era a terra que estava me esperando. E aí ele me disse que era um lugar chamado Macieira, e que o filho do dono tinha um armazém lá no bairro do Tamanduá. Eu perguntei pro Paulo:

- Você tem um cavalo?

. -Tenho.

-Pode me emprestar?

Cheguei lá no Tamanduá, no Zé Mauro e ele me falou que o pai tinha a terra e ficou muito animado, porque ninguém se interessava por essa terra... uma semana depois veio o velho, seu Zé Mané, (José Manuel de Siqueira), nós já fomos à serra, e eu já fechei o negócio. Já de cara em 1984

deu pra comprar mil hectares. Eu não consigo lembrar nem qual dinheiro era. Tinha muito zero. Eu lembro assim, que um hectare aqui, valia uma pequena fração de hectare na região do café. Era bem mais barato, porque não era perto, não tinha como trabalhar, então eu vim comprando de cima pra baixo... Depois chegaram muitos proprietários da serra, me procurando pra me vender, e eu tive uma boa hora assim no café, porque em 1984 eu colhi bastante, e guardei o meu café, comprei aqui, vendi gado, vendi a fazendinha que eu tinha comprado, vendi reservando a colheita de 1985. Eu fui negociando com o sujeito que iria melhorar tudo lá, ainda me deixou com a colheita de 1985. Paguei a metade na escritura, e a outra metade era daí a um ano. Quando eu comprei e marquei a escritura para sessenta dias, quando chegou em 85 eu colhi mais café. Tinha o café de 84 guardado, veio uma geada histórica, o café subiu muito, e eu tinha o café de 84 e de 85. Aí foi muito bom, deu para comprar os restos das terras, pagar tudo, comprar mais um tanto. Aqui eu já comprei em 86 (lugar da antiga casa). Aí pra aqui pra baixo (próximo ao vale) foi ficando mais caro porque começou a chegar gente, começaram a chegar estrangeiros, pessoas de São Paulo. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme França permaneceu isolado com sua família até o final dos anos 80. Foi o encontro com o Daime que começou realmente a mudar a dinâmica do vale com a chegada de muitos novos moradores que iriam habitar a área que hoje é a Comunidade da Reserva Matutu. Trinta e sete famílias foram ocupando uma área de vinte e cinco hectares que o Guilherme doou para esse movimento comunitário. Mas antes vamos entender como foi esse encontro de Guilherme com o Santo Daime para depois descrever o começo da comunidade.

4 - O encontro de Guilherme França com o Santo Daime

Em 1986, Guilherme França mudou para o Vale do Matutu. Em seu depoimento, diz que com o Plano Cruzado a “coisa apertou” economicamente. Mas conseguiu ainda comprar um trator e começou a fazer a estrada para ligar o alto da serra:

Aqui não tinha nada, nunca morou ninguém. Eu trouxe um pouco de gado, de cavalo, burro, tudo pouco. Eu queria ter cavalo e burro pra poder explorar a terra. Comecei a andar bastante e conhecer. Em 86 estava eu a Kenya, a Ata, o Manno, o Odair, o Mateus, pai do Odair, e o Adilson, que era lá da fazenda do avô da Kenya. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Concomitantemente nesse momento o movimento da expansão das comunidades do Santo Daime estava acontecendo em diversas cidades e zonas rurais do Centro-oeste e sudeste

brasileiro. Essa expansão se deu a partir do encontro na metade dos anos 70 de alguns jovens do sudeste que ouviam falar da comunidade de Sebastião Mota de Melo na região próxima a Rio Branco, Acre. O Padrinho Sebastião como é conhecido pelos adeptos do Santo Daime, após a morte do fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra em 1971, levou parte das pessoas que frequentavam a igreja do Mestre Irineu³⁶, para realizarem juntos esses trabalhos em um novo ponto, conhecido como Colônia Cinco Mil, nas cercanias de Rio Branco, Acre. Padrinho Sebastião com sua família recebia a todos que chegassem assim como o Mestre Irineu fazia. Segundo o depoimento de seu filho, Alfredo Gregorio de Melo, líder da Comunidade Céu do Mapiá, Amazonas:

O papai era um homem de capacidades e muito acordado nesse sentido espiritual, tinha uma visão ampla espiritual e acreditava que a melhor doutrina era a união, era o entrosamento, era receber pessoas e descobrir quem são aquelas pessoas espiritualmente e materialmente. Isso já fazia a gente estar na expectativa de receber as pessoas que começaram a chegar. (Alfredo Gregório de Melo, 66 anos, filho do Padrinho Sebastião e líder do movimento de expansão do Santo Daime. Entrevista concedida em setembro de 2003).

A partir de 1974 alguns jovens chegaram a Colônia Cinco Mil. Eram hippies com seus cabelos compridos e vinham de carona pelas estradas desde os estados do sudeste em busca de uma comunidade que tinham ouvido falar que usava a ayahuasca e tinha um líder carismático. O mineiro Lucio Mortimer e o chileno Daniel foram os primeiros “forasteiros” que vieram do sul para conhecer o Padrinho e a sua comunidade do Santo Daime. Depois foram chegando outros, entre eles o Dácio e o Tulio, também providos da região Sudeste.

A gente tinha um chamado pra Amazônia que a gente iria encontrar com o Padrinho Sebastião. Tinha ouvido na praia, de uma comunidade que tinha uma bebida, ficou muito vago. A gente achava que eram os índios, mas aí não rolou a grana. Sabíamos que tinha alguma coisa acontecendo de novo, que tínhamos vontade de conhecer. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

³⁶ **Mestre Raimundo Irineu Serra** nasceu em São Vicente Ferret, no Estado do Maranhão em 1892. No final da primeira década do século, embarcou para o então Território do Acre, onde se estabeleceu próximo à cidade de Brasiléia, na fronteira do Peru. Foi ali, no coração das florestas da América do Sul, que o Mestre Raimundo Irineu Serra cristianizou as tradições caboclas e xamânicas da bebida sacramental ayahuasca, conhecida desde antes dos incas e rebatizou-a com o nome de Daime, significando, com isso, a invocação espiritual que deveria ser feito pelo fiel, ao comungar com a bebida: *Dai-me amor, Dai-me Luz*, etc.

Alverga (p.14, 1992), relata que *no final dos anos 70 e início dos anos 80, jovens mochileiros na rota de Machu Pichu tinha descobrido uma comunidade perto de Rio Branco que usava uma bebida de origem Inca e a notícia teria circulado em rodas de jovens “iniciados” da região sudeste. Foram esses ecos que levaram muita gente buscar a comunidade do Padrinho Sebastião.*

A partir de 1978, jovens do sudeste começaram a chegar à Colônia Cinco Mil, nas proximidades de Rio Branco, entre eles o antropólogo Fernando La Rocque, o psicanalista Paulo Roberto Silva, o poeta e ex-guerrilheiro Alex Polari, o fotógrafo Marco Imperial, a antropóloga Vera Fróes. Estes ajudaram o Padrinho na movimentação para uma nova colocação chamada Rio do Ouro, lugar “mais adentro” da floresta que o Padrinho e sua comunidade abriram, pois se sentiam limitados na capacidade de sustentabilidade em um momento que muita gente estava chegando e a Colônia Cinco Mil não dava mais conta pelas terras estarem se exaurindo produtivamente. Em dois anos muitas construções e roçados já tinham sido feitos, quando uma pessoa chegou dizendo ser dona da área do Rio do Ouro. O Padrinho não quis entrar em guerra. Com a ajuda das pessoas novas que estavam chegando conseguiu uma grande área da Floresta Nacional³⁷ próximo ao Rio Purus onde foi construída a nova comunidade. Esta foi batizada por Céu do Mapiá, já no estado do Amazonas e o povo acompanhou o Padrinho para lá a partir de 1983. Neste mesmo momento igrejas eram abertas no Rio de Janeiro (1982), em seguida em Brasília (1983) e posteriormente em Visconde de Mauá (1984). Muitas pessoas alternativas, recém anistiados políticos e ecologistas que procuravam viver em comunidade foram integrando esses centros do Daime. Uma dessas pessoas era o Fábio do Gamarra e a sua companheira Suzana. Conheceram o Daime no Rio de Janeiro na comunidade do Céu do Mar, na estrada das Canoas, em São Conrado. Tiveram também contato com o Padrinho Sebastião e voltaram inspirados a levar o Daime para o sul de Minas. Guilherme abaixo narra o episódio de seu encontro com o Daime.

O Fábio³⁸ se encontrou com o Padrinho Sebastião no Rio de Janeiro... e contou ao Padrinho que tinha comprado uma terra que nunca tinha ido, e nem sabia onde era, lá no Gamarra³⁹. Essa

³⁷ **Floresta Nacional**, no Brasil, também chamada de Flona, é uma das categorias de áreas protegidas de uso sustentável estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). As florestas nacionais são áreas de posse e domínio públicos providas de cobertura florestal predominantemente nativa. Elas têm como objetivos a promoção do uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica básica e aplicada em métodos para exploração sustentável de florestas nativas.

³⁸ O casal **Fábio e Suzana Pedalino** junto ao Padrinho Sebastião fundaram a Comunidade Céu do Gamarra em 1987, no município de Baependi que também utiliza o Santo Daime como sacramento e esteio central da comunidade. Como a Igreja do Matutu, não se filiaram ao CEFLURIS.

terra que ele comprou era num fundo, uma gruta, não tinha como fazer nada lá, ele nunca conseguiu chegar nessa terra, então ele encontrou o Padrinho e falou:

“- Padrinho, eu tenho uma terra lá, selvagem na montanha e eu quero dar ela para o povo da Comunidade do Mapiá.”

O Padrinho chamou o Chico Corrente⁴⁰ e falou:

“- Oh Chico, você quer uma terra?”

“-Que terra Padrinho?”

O Padrinho respondeu:

“-Oh Chico, terra é terra.”

Então o Chico disse que ele queria. O Padrinho falou:

“-Então vai lá com esse homem receber a terra.”

Aí ele veio com o Fábio e entraram pelo Gamarra adentro procurando, passaram alguns dias lá e não encontraram. Daí eles deram a volta pelo Vale do Matutu pra ver se tinha caminho por aqui, estavam meio perdidos, não sabiam onde era a terra. Então eu estava ali embaixo no Casarão da fazenda do Geradão quando chegaram eles de carro. Aí eu vi aquilo, o Chico Corrente com cara de boliviano, o Fábio com uma cara e um jeito de carioca, e aí pensei, eu sei mais ou menos onde é a região da terra que vocês estão falando. Vou levar vocês num alto, e de longe vou mostrar mais ou menos onde é. É um buraco que não dá pra ir lá não... Chegava a pensar que eles estavam procurando alguma coisa como ouro, pois era uma região que já teve garimpo. Aí quando fomos subindo, arriamos os animais, e o Chico foi conversando comigo, falou do Daime e falou do Padrinho. Eu perguntei se o Daime era a ayahuasca, daí ele falou que era, e eu disse que eu já tinha

³⁹ O **Vale do Gamarra** está situado na Serra da Mantiqueira, na zona rural da cidade de Baependi, ao sul de Minas Gerais. A principal atividade da população nativa é a pecuária, a agricultura e a confecção de balaaios. Piracicaba é a vila mais próxima e tem uma comunidade de cerca de 500 pessoas.

⁴⁰ **Francisco Corrente** nasceu no Seringal Bragança (Rio Purus-Município de Boca do Acre/AM), em 20/07/48, filho de Manoel Corrente e Maria Corrente da Silva. Seu primeiro encontro com a Doutrina do Santo Daime foi em 30/11/70, quando apresentou-se ao Mestre Raimundo Irineu Serra, no Alto Santo (Rio Branco/AC). Desde então, trouxe para a irmandade não somente toda sua família, como tem sido pessoa de destaque tanto na liderança espiritual como material do CEFLURIS. Foi administrador da fazenda São Sebastião, na foz do igarapé Mapiá, onde além de coordenar inúmeros projetos extrativistas e agroflorestais, tem inteira responsabilidade na recepção de novatos (visitantes e doentes) que buscam sua cura na Doutrina. Morreu no dia 11 de janeiro de 2012. Fonte: <http://ceudocruzeirosul.blogspot.com.br/2009/07/francisco-corrente-da-silva.html>

ouvido falar. Eu já tinha ido à Amazônia, mas não tinha tido contato. Aí eu falei que queria beber. Então ele disse que tinha deixado umas garrafas na casa de Cambuquira da sogra do Fábio. “- Você pode ir lá e beber...” Passei lá e fizemos o trabalho, tomamos lá num quarto, eu a Suzana, o Fábio, o Lôlo, e a Sônia. O Chico Corrente já tinha ido embora. Foi boa a experiência do Daime, “pegou” forte, depois eu continuei indo lá e bebendo Daime quieto no jardim da casa. Ficava sentado no jardim mirando⁴¹. Mirei muito lá em Cambuquira. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).



Chico Corrente e Guilherme França no feitiço do Santo Daime, Comunidade da Reserva Matutu, 2005.

Foto: Lou Gold

Guilherme França mesmo isolado na montanha com sua família teve contato com o Santo Daime. E justamente com uma das pessoas que era braço direito do Padrinho Sebastião, que era o Chico Corrente. Este passeio ao alto da serra para procurar a tal terra deve ter causado uma boa impressão para o Chico Corrente, que ao voltar a Comunidade do Céu do Mapiá deve ter relatado a história ao Padrinho Sebastião, inclusive falando da beleza do lugar e da personalidade própria do Guilherme.

⁴¹ **Mirar** é um termo usado pelos adeptos do Santo Daime que remete as visões que os daimistas têm sob a influência do Santo Daime.

Eu ligado em natureza

A natureza me convém

O que ela me transmite

É o que de melhor existe

Amar e querer bem

(Trecho do hino de Alfredo Gregório de Melo)

Os anos 80 foi a década da expansão do Daime para fora da região amazônica. Esse movimento tem a ver com a abertura política que o país atravessava e o movimento de comunidades alternativas que tinham se fundamentado nos movimentos ecológico. Alguns que chegaram ao Daime tinham heranças anarconista, e desconsideravam a possibilidade de transformação global da sociedade ou também desejavam uma ruptura com a sociedade capitalista. “A doutrina do Santo Daime conseguiu unir os caboclos amazonenses e jovens da classe média do sudeste revificando o cristianismo como solução de suas vidas pessoais frente a um contexto desencantado de mundo para o advento do terceiro milênio” (ARAÚJO, 2002).

A religião do Santo Daime tem em seus fundamentos princípios de veneração e integração a natureza. A Rainha da Floresta que é a guia/professora espiritual do Daime é a representação simbólica da floresta imaculada, a floresta virgem, lugar que habita para os daimistas seres guardiões. Os próprios seringueiros, primeiros daimista a partir dos anos 30, são considerados povos/protetores da floresta assim como os índios que usam a ayahuasca.

O principal espaço sagrado para os daimistas é a floresta Amazônica, a mata, fonte da matéria prima do chá que ingerem ritualmente... O Daime reconcilia o homem consigo, com o seu meio social, sua história, posição e cultura, e com o meio de origem do produto que é essencial aos daimistas: a floresta, porque o “Daime é da floresta, a doutrina é da mata”, e, por extensão, o Daime harmoniza o homem com todo o cosmo representado pela mata, pelos astros, e os seres visíveis e invisíveis, físicos e espirituais que neles habitam (CEMIN, Arneide, p. 303, 2002).

Muitas pessoas do sudeste que eram “ligadas na natureza” despertaram para o trabalho com o Santo Daime como uma doutrina ecológica holística de integração homem e natureza. Dennis Mackenna, Towers e Luna diz que um dos principais ensinamentos transmitidos pelas

“plantas-mestras⁴²” é aquele referente ao conhecimento do meio ambiente. “Elas abren la mente del iniciado, de tal manera que puede explorar con efectividad la flora, la fauna y el entorno geográfico que lo rodea” (MACKENNA, TOWERS, LUNA, 1986). *De fato, a idéia da comunhão entre homem e mundo natural vital para o vegetalismo amazônico é a base da cosmologia daimista. Como os sujeitos que recorriam às plantas-mestras, os adeptos do Santo Daime obtêm a revelação do sagrado por meio de uma experiência de intimidade com a natureza...* (GOULART, P.32, 1996).

Segundo Fritjov Capra, a ecologia e espiritualidade estão fundamentalmente conectadas, porque a profunda consciência ecológica, em última síntese é consciência espiritual.

As comunidades do Santo Daime que começaram a surgir fora da Amazônia receberiam essas levas de pessoas em busca de uma espiritualidade ligada à natureza. Muitas dessas pessoas foram influenciadas pelo movimento de contra cultura e por um ecologismo, tiveram contato com a bebida e o ritual do Daime, acabando por se integrar no movimento daimista. Essa espiritualidade que se buscava tem a ver com o pensamento de certos grupos de filósofos da Grécia Helênica a qual praticavam a **ascese**. Para Ortega, *o termo ascese, articula-se com o pensamento helenístico, e configura-se no deslocamento de um tipo de subjetividade para outro, a ser atingido por meio de práticas ascéticas. O asceta pendula de uma identidade recusada e outra a ser aspirada, mediante a exercícios. Configura-se uma resistência. Reestruturação das relações sociais, desenvolvendo vínculos alternativos, encontrando conflito com os arranjos sociais dominantes, mas pode representar uma prática social também. Desafia os modelos de existência sócios cultural* (ORTEGA, 2008). O Santo Daime tem a capacidade de transformar e ressignificar os modelos culturais do homem, assim como outras substâncias alteradoras de consciência. São mudanças na forma do viver. Deixar uma subjetividade recusada para uma subjetividade desejada como viver em comunidade, próximo a natureza, integrado a ela, e praticar certas abstinências antes e depois da utilização da bebida para se purificar, além dos trabalhos espirituais que podem durar até doze horas e podem significar verdadeiros ritos de passagem que para os daimistas são processos de transformação. Essa purificação tem a ver com a sacralidade que é remetida ao Santo Daime. Para os daimista é a consagração, a hóstia, sendo o Santo Daime o corpo e o sangue do Cristo, que para ser ingerido, o daimista tem que confessar as suas culpas, limpar a mentalidade e o

⁴² **Plantas mestras** são vegetais que quando ingeridos com a intenção de uma busca a uma realidade divina, funcionam como guias e professores. O Santo Daime ou a ayahuasca dentre as *plantas mestras*, é considerada como o “professor dos professores”, ou seja, um enteógeno muito eficaz para o acesso à divindade.

corpo físico para receber a divindade. Assim podemos notar no hino de um dos filhos do Padrinho Sebastião; Valdete:

*Eu tomo Daime é para ver os meus defeitos
Eu tomo Daime é para eu me corrigir
Não tomo Daime para me engrandecer
Pois o grande é Jesus e está aqui*

*Eu tomo Daime é para acender a minha luz
E essa luz é meu Jesus é quem me dá
Por isso eu devo consagrar no coração
Que também é da Virgem da Conceição*

*Eu tomo Daime considero esse vinho
O mesmo vinho que Jesus deu pra tomar
A seus apóstolo disse: Em minha memória
Que é para sempre essa luz nunca faltar.*

E também os hinos do Padrinho Sebastião:

*Aqui estou dizendo
Para todos me ouvir
Sou o pão maravilhoso
Que me transformei em vinho*

*Aqui fui escolhido
Dentro desse salão
Para fazer um juramento
E assinar declaração*

*Meu Senhor São João
Meu Senhor São Jose
Senhor São Zacarias
Senhora Santa Isabel*

Fiz o meu juramento

A uma mesa fiquei de pé

Confessei os meus pecados

A meu bom Jesus de Nazaré.

(Hino número 32 do hinário “O Justiceiro” do Padrinho Sebastião)

Veja que o Daime é o sacramento, ele é o próprio Cristo que segundo os hinos, instituiu que aquele pão e aquele vinho da última ceia seriam seu corpo e seu sangue, e agora Cristo vem engarrafado para os daimistas. E se manifesta dentro de cada um e pede um juramento e a assinatura de uma declaração. Devem-se confessar os seus pecados para se limpar e receber Jesus.

Estou aqui, porque meu Pai me mandou

Estou aqui, porque sou o Salvador

Engarrafei, sempre vivo engarrafado

E o povo muito animado procurando seu valor

Estou aqui, porque meu Pai me mandou

Estou aqui, porque sou o Salvador

O Mestre diz, o Mestre canta, o Mestre fala

E o povo se atrapalha na linha do amor

(Hino número 24 do hinário “Nova Jerusalém” do Padrinho Sebastião)

Percebe que a auto correção dos defeitos é um ponto chave na doutrina do Daime, para então poder acender a luz do sujeito. O que vemos é que o Daime pede um primeiro passo que é o “**cuidado de si**”, um aprimoramento, um tom de “aperfeiçoamento do cidadão”, segundo palavras de Alfredo Gregório de Melo⁴³. Esta mudança para consigo de correção das imperfeições, vícios e compreensão que estamos em um mundo ilusório, levaram essas pessoas a ressignificarem suas vidas em comunidade. A comunidade é o campo de provas

⁴³ **Alfredo Gregorio de Melo** nasceu no Seringal Adelia, Vale do Rio Juruá, Amazonas em 7 de janeiro de 1950 e é um dos filhos do Padrinho Sebastião. Quando jovem conheceu o Mestre Irineu junto com sua família e desde cedo começou a “receber” o seu hinário “O Cruzeirinho”, reconhecido como um dos “mais belos estudos do Daime”. Trabalhou arduamente para a expansão da Doutrina do Santo Daime pelo mundo sendo reconhecido como líder espiritual da doutrina em diversos países assim como no Brasil.

para aplicar os ensinamentos recebidos. Podemos compreender que agora passamos para um segundo passo que se observa nas comunidades do Daime: o “**cuidado com o outro, o próximo**”:

Chamo estrela, chamo estrela

Chamo estrela, estrela vem

Ela vem me ensinar

O amor de quem quer bem

O amor de quem quer bem

É a saúde e o bem estar

Consagrando este amor

Para sempre não faltar

Para sempre, para sempre

Amigo do meu irmão

Que ele é a minha luz

Nesse mundo de ilusão.

(Hino número 88 do hinário “O Cruzeiro” do Mestre Irineu)

O cuidado com o “irmão” está escrito no “Estatuto do Mestre”, documento escrito que o Mestre Irineu deixou como recomendação para todos os fardados. O Mestre Irineu ordenava em seu estatuto que: *Em caso de doenças, será designada uma Comissão de Cura a benefício do irmão necessitado*. Os hinos sempre lembram aos homens e mulheres não falarem dos seus irmãos, deixarem o mau costume das fofocas, não caluniar nem usar da falsidade. Havia uma necessidade de acatamento da paz entre os irmãos e fazer a caridade aos mais desfavorecidos.

O terceiro ponto que os hinos trazem abundantemente é a noção do “**amor e cuidado com a natureza**”. Muitos hinos falam do ambiente natural em que as primeiras comunidades do Daime se formaram: a floresta. A Rainha da Floresta, está sincretizada com a Nossa Senhora da Conceição, é a professora e guia dos adeptos do Santo Daime, assim como foi do Mestre Irineu. Ela é quem “dá a luz” na forma da bebida (o Cristo) que têm o poder de curar o mundo e cumprir o pedido do homem Irineu. Ao encontrar com a Rainha da Floresta depois de um jejum de oito dias na mata só comendo mandioca sem sal e “longe de rabo de saia”, Mestre Irineu é perguntado por ela qual seria o seu desejo. Ele responde que quer ser o maior

curador do mundo. Ela então coloca dentro da bebida esse poder de curar o mundo inteiro, mas com uma reivindicação: não ganhar dinheiro com isso. A Virgem mãe, que habita as florestas mais imaculadas do planeta, que para o daimista é toda fonte de riqueza, pois é de lá que vem a sua luz, como é o caso daquela região tão distante que é o Acre, e entrega o remédio para a humanidade. Este remédio leva a quem ingeri-lo entrar em contato consigo mesmo, e dentro da visão daimista existe um ser divino ali contido na bebida sacramental que se constitui como planta-professora do sujeito para corrigir os seus defeitos, libertar dos vícios que o impelem a uma vida mais em harmonia com seus irmãos e com o meio ambiente. A minha primeira experiência com o Santo Daime me revelou a missão da doutrina do cuidado com o meio ambiente, através de uma miração forte que eu tive. Isso foi em janeiro de 1991 junto ao Dácio, um dos primeiros jovens do sul que conheceu o Padrinho Sebastião e sua comunidade. Foi uma sessão que lembrava um ano da passagem para o mundo espiritual do Padrinho Sebastião. Assim que eu bebi o Santo Daime fui tomado rapidamente por um estado que me levou a uma miração muito intensa. Dentro da miração apareceu um grande campo de flores iluminado por uma luz muito intensa e confortante. Era uma visão de uma natureza belíssima que me emocionou profundamente, sentia até a sensação do vento fresco que soprava naquele campo. De uma hora pra outra a miração começou a revelar uma destruição do campo, de um sangue que inundava aquele lindo prado, e de repente eu me distanciei do planeta Terra como se a tivesse vendo do espaço. Aquele globo de beleza indescritível sendo visto da perspectiva do espaço começou a ser manchado com essa inundação de um sangue vermelho. Na miração me apareceu o próprio Cristo, mas era de uma forma que eu sentia que aquele era o verdadeiro Cristo, e que estava se apresentando através dessa bebida e compreendi que a partir daquele momento eu iria seguir sempre nessa linha espiritual do Daime e tinha certeza de ter encontrado com Jesus Cristo, tão distante de mim até aquele momento. Era uma sensação de um reencontro com aquela força crística e seus ensinamentos. Os ensinamentos que aprendi ali era que o planeta estava sendo maculado pela inconsciência dos homens e que era um chamado para eu me alinhar nesse caminho de regeneração do homem quanto a práticas destrutivas frente ao meio ambiente. A partir daí todos os meus projetos de vida foram por água abaixo e comecei a ressignificar a minha vida, buscando viver na natureza de forma simples dentro do estudo do Daime que continua até hoje, vinte e cinco anos depois.

Que beleza no Universo

Meu Pai está me guiando

*E quanto mais eu me entrego
Mais ele vai me limpando*

*Eu vou seguindo e ensinando
O que meu Pai deixou na Terra
Na colheita de irmãos
Que vem compôr a Nova Era*

*Eu convido os meus irmãos
Se alegrar na nossa festa
Esquecer da ilusão
E se firmar bem na floresta*

*Na floresta temos tudo
Ela, mamãe e Papai
Toda fonte de riqueza
A Natureza e muito mais*

(Hino número 1 do hinário “Nova Era” de Alfredo Gregório de Melo)

Esse reconhecimento das plantas professoras vinha sendo também percebido pela geração da contra cultura que bebia na fonte de livros de Aldous Huxley e Carlos Castanheira muito populares entre essa geração. Assim como o movimento hippie, o movimento Rastafári e os Sadhus indianos também “levantavam a bandeira” do uso da cannabis como planta emancipadora de consciência. A Comunidade do Padrinho Sebastião adotou o uso da cannabis rebatizada por Santa Maria. O Santo Daime e a Santa Maria constituem para os daimistas da linha do Padrinho Sebastião plantas professoras capazes de curar os males do homem moderno por serem vegetais que integram homem e natureza.

Eu larguei tudo para viver na simplicidade. A Santa Maria sempre foi presente e me impulsionou a ir embora da cidade. Ela me colocou na diretriz do caminho da natureza. Assim que eu a experimentei, ela já me direcionou para uma espiritualidade, ir pra natureza, eu queria ir embora daquilo, acho que todos nós. A Santa Maria é esse elo, te puxa para a natureza. (Solange Machado, morador-fundadora da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em fevereiro de 2016).

Assim como o relato acima, muitas pessoas a partir do movimento de contracultura e hippies foram se descolando das garras do sistema pela influência do uso da cannabis. Mike Maki⁴⁴, fundador da comunidade North Camp da qual morei um ano e, que utilizava os cogumelos em rituais xamânicos, foi uma dessas pessoas que ressignificaram completamente suas vidas através de experiências com substâncias psicoativas, no caso dele; a cannabis, o LSD e os cogumelos. Havia uma rejeição muito grande por parte dos hippies à Guerra do Vietnã e a política opressora dos EUA no mundo, principalmente quando o governo de Richard Nixon promulgou a Guerra às Drogas colocando a psilocibina e a cannabis como drogas de periculosidade máxima, apesar de estudos que afirmam sobre o baixo teor de perigo a saúde de tais substâncias. Na verdade existia um perigo ao sistema, e a legitimação de encarceramento e marginalização de uma vasta população de jovens que estavam usando tais substâncias.

A curandeira Maria Sabina no México nos anos 50 usava os “los niños” (psilocibina) para tratar doenças incuráveis e começava a chamar a atenção de estudiosos essas tradições pelo mundo que utilizavam plantas enteógenas. Segundo Schultes, Hofmann e Ratsch, “a íntima relação entre o homem e plantas são conhecidas, mas as substâncias produzidas que afetam as mentes e o espírito não são tão reconhecidas assim” (SCHULTES, HOFMANN, RATSCH, 1998). Esses estudiosos reconhecem a origem de uso e os efeitos que elas tiveram sobre o desenvolvimento do homem. “As plantas que alteram as funções normais da mente e do corpo tem sido considerado pelas sociedades “não industrializadas” como sagradas e suas “alucinações” consideradas como visões do mundo divinal” SCHULTES, HOFMANN, RATSCH, 1998).

Já tinha tomado cogumelo, bastante ácido, e isso foi fundamental para abrir as portas... você começa a ver que tem acesso a coisa que em estado não ampliado você não tem. E que essas coisas não são alucinação, não são invenções da mente, essas coisas estão no supra real. Com essa ampliação da consciência você tem uma consciência de fazer parte de toda uma rede, que você está dentro de uma teia muito maior de vida, ou de como as coisas estão mais vivas do que você imagina... Isso me levou a um não contato com a cidade, eu entendi que ali não era o meu lugar, pelo nível de conflito, me sentia melhor fora, foi mais a cidade me cuspiendo pra fora do que eu em busca da

⁴⁴ **Mike Maki**, nasceu em Aberdeen, WA em 1948. Recusou-se a ir a Guerra do Vietnã em 1968, sendo preso acusado de deserção, conseguindo sua liberdade através de seu professor de Literatura da faculdade Evergreen, que possuía grande influência política em sua cidade. A partir disso aderiu ao movimento de contracultura e foi viver em comunidades hippies no interior do Estado de Washington. Foi um dos precursores do movimento de Permacultura nos EUA e desenvolveu estudos com o cogumelo psilocibina, onde uma comunidade interessada em experiências com essa substância se formou a sua volta. A partir dos anos 90 fundou a Ecovila North Camp a qual tive uma vivência de um ano entre os anos 2010 e 2011.

natureza. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

As entrevistas das pessoas que formaram a Comunidade da Reserva do Matutu confirmam um conhecimento prévio do poder dessas plantas e inclusive de seu uso cotidiano como é o caso da cannabis anteriormente ao encontro com o Daime. Por isso que no encontro desses cabeludos com o Padrinho Sebastião foi levado o hábito do uso sagrado da cannabis rebatizada por ele de Santa Maria.

A lei que ainda perdura proibindo o consumo de uma planta como a Cannabis, para o homem que busca liberdade e autonomia, é opressiva, pois “ela é algo da natureza, de Deus”. Somente um poder opressor para criar leis que impõe a proibição de uma conduta ancestral. Eram contra essa opressão de uma sociedade hipócrita, que estava enviando seus filhos a uma guerra do outro lado do mundo e proibindo o uso de certas substâncias, colocando na marginalidade todos que utilizavam tais plantas, que o movimento hippie nos EUA prosperava atraindo jovens a se descolarem das garras do sistema. Para os daimistas da linha do Padrinho Sebastião essas plantas são sagradas, assim como para os sadhus, e os rastafáris. É através delas que se pode fazer uma conexão com uma realidade divina. Para o daimista da linha do Padrinho Sebastião, a lei que proíbe a ele de plantar e consumir seu sacramento, é insensata.

Cada um cuida de si

Eu também cuido de mim

Vou zelando esta estrada

Estou fazendo o meu jardim

O que é do meu Pai e meu

O que é dele eu posso usar

Só não uso o que e dos outros

Que pode me derribar

(Trecho do hino 105 do hinário “O Justiceiro” do Padrinho Sebastião)

O hino acima do Padrinho sai em defesa “que as coisas do Pai”, ou Deus, nós podemos usar. Assim entendemos que algo como as plantas professoras são coisas sagradas que devem ser descriminalizadas e todos têm o direito de usar. Colocar uma semente na terra jamais

poderia ser um crime, pois é de Deus. Em seguida ele fala que *não usa o que é dos outros porque pode me derribar*. Isso tem um sentido forte nas comunidades com a intenção de doutrinação. Não roubar, não pegar sem pedir, tudo isso faz muito sentido, no sentido de cuidado de si e do outro.

Muitos que tiveram a experiência com o Daime e foram morar na comunidade já tinham experimentado outras substâncias como os cogumelos e LSD, mas a cannabis poderia dizer que era um uso quase diário e recreativo na vida desses alternativos.

Historicamente o uso da cannabis tanto no Brasil quanto nos EUA tiveram influência das minorias excluídas, como negros e mexicanos, que eram os usuários. Até 1937, nos EUA, a cannabis não era proibida e no Brasil era usada nos morros e favelas principalmente em cidades como o Rio de Janeiro. Uma política de demonização imposta pelo governo americano percorreu o mundo e ela passou a ser criminalizada em quase todos os países nos dias atuais. A geração beat norte-americana entrou em contato com o uso recreativo da planta através de seus poetas. O blues e o jazz fizeram a ligação entre negros e brancos e daí o uso da cannabis entrou na sociedade branca americana. Com o advento do movimento hippie nos anos 60, muitos jovens começaram a usar cannabis e acredito que isso tenha sido um fator importante para atingirem estados mentais fora do padrão. Depois vieram o LSD e os cogumelos, com “viagens” bem mais intensas, conectando jovens a outras realidades psíquicas. Esses jovens foram capazes de contestar o modelo estadunidense de imperialismo e opressão e se recusaram a lutar as suas guerras. Transformaram-se duplamente marginais: como desertores da nação e como usuários de substâncias proibidas após o presidente Richard Nixon promulgar a cannabis e o cogumelo como nível um de periculosidade junto com drogas como heroína e cocaína. Afinal, esses jovens a partir dessas substâncias, abriram “janelas” de novas realidades e conseguiam emancipar suas consciências para a paz e o amor, símbolos da geração hippie. O Santo Daime ou a ayahuasca teria esse poder de estados alterados da consciência de desprogramação das consciências, transformando certas subjetividades padronizadas culturalmente de nossa sociedade consumista para outra subjetividade mais holística.

Os primeiros jovens alternativos do sul que começaram a participar do movimento do Santo Daime buscavam a vida simples do caboclo amazônico integrado com a natureza. Como bem fala Alex Polari, “deixar de lado o mundo das invenções destruidoras, e buscar na floresta a vida simples em comunidade.” Essa simplicidade tem a ver com o primitivismo. O uso de roupas simples era comum aos novos integrantes das comunidades daimistas pelo Brasil, somente o uso do essencial, desnudados do status tão valioso a sociedade de consumo.

O vegetarianismo foi outra prática introduzida pelo povo do sul assim como o uso da cannabis rebatizada de Santa Maria. Durante algum tempo, na Colônia Cinco Mil e no Céu do Mapiá, a prática do uso da cannabis fez parte da vida da comunidade e dos rituais do Santo Daime que a utilizavam. Mas havia uma recomendação do próprio Padrinho Sebastião que não se usasse fora do Céu do Mapiá. Hoje existe uma ordem da direção doutrinária da instituição para que não se use a Santa Maria durante os rituais, pois poderia por em risco a própria legalidade do Santo Daime. Somente a linha do Padrinho Sebastião aderiu seu uso no passado. O Alto Santo⁴⁵, que têm Dona Peregrina, viúva do Mestre Irineu, ainda no comando, sempre rejeitou o uso dessa substância pelos adeptos, adotando uma postura mais legalista. A turma que chegou para junto do Padrinho justamente era uma turma de alternativos hippies que tinham hábitos e práticas reinventadas, anárquicas ao sistema. O Padrinho Sebastião entrou em questão sobre o dinheiro inclusive e tinha ideais que buscavam soluções bem diferentes ao modelo capitalista da sociedade de consumo. Tinha uma busca pela sustentabilidade na floresta sem o uso do dinheiro. “O Padrinho Sebastião afirmava que era o corruptor dos homens e fator de muitas mazelas em suas vidas” (ARAUJO, 2008).

Assim como o Padrinho, outros companheiros do Mestre Irineu deram depoimentos sobre a questão do dinheiro:

“Dinheiro não é riqueza, dinheiro é movimento de coisas, só serve pra troco e mais nada, só pra vai e vem de mercadoria. Então para a vida espiritual ele não vale nada.” Chico Granjeiro (CEMIN, 2002)

A ruína que se faz

E só para sofrer

Cada um dá o que têm

Não precisa ninguém dizer

(Trecho do hino número 98 do hinário “O Cruzeiro” do Mestre Irineu).

Como bem explica o hino acima, também o Mestre Irineu não aceitava cobrança em sua igreja. Mesmo doações para ele eram rejeitadas. Marco Imperial publicou texto⁴⁶ sobre palavras do Mestre em relação a esse tema:

⁴⁵ O **Alto Santo** é o nome do local nos arredores de Rio Branco, Acre, em que o Mestre Irineu a partir de 1945 ministrou os trabalhos do Santo Daime e que hoje se encontra sob liderança da viúva Dona Peregrina.

⁴⁶ http://afamiliajuramidam.org/mestre_irineu_palavras.htm

Tem uma passagem do Mestre que relata muito bem o parecer do Mestre com relação ao dinheiro. Estava o Mestre em companhia dos seus irmãos quando chegou o Sr. Wilson Carneiro⁴⁷. Conversaram na companhia dos colegas e em certa hora o Sr. Wilson diz ao Mestre:

“... Mestre, eu trouxe uma ajuda ao Senhor, o Senhor que ajuda a todo mundo deve precisar de algum dinheiro...”

Pegou uma nota das grandes e a estendeu ao Mestre. O Mestre mandou o Sr. Wilson colocar, com suas próprias mãos, o dinheiro no bolso da sua camisa. Passaram alguns minutos e chegou um vizinho do Mestre, alegando que sua família estava doente e com fome. Vinha pedir uma ajuda enquanto não arrumava trabalho,

O Mestre mandou Dona Peregrina juntar arroz, feijão, milho, farinha de macaxeira, tabaco, açúcar, café, jabá e outros alimentos e pediu para entregar tudo isso ao homem que pedia socorro. O homem ajoelhou-se agradecido na frente do Mestre, e prometeu jamais esquecê-lo. Não hora de ir embora, o Mestre mandou o homem enfiar os dedos em seu bolso da camisa do Mestre. Para surpresa de todos, o Mestre mandou o homem pegar o dinheiro que há poucos instantes o Sr. Wilson colocara. O homem disse ao Mestre que não precisava do dinheiro, já que tinha ganhado tanta comida, para mais de uma semana. O Mestre respondeu:

“-Vá, bom homem, pegue esse dinheiro que fará melhor ao senhor do que a mim.”

Segundo os antigos, jamais o Mestre aceitou ajuda financeira de políticos, autoridades e nem de gente mais endinheirada para tocar o seu culto, e muito menos de sua comunidade. O Mestre trabalhava, suava a gota gorda, mas dizem que o feijão, o arroz e o milho duravam de um ano para o outro e alcançava para todas as famílias que dependia dele.

Mariano, antigo morador da Comunidade da Reserva Matutu fala sobre a relação do culto do Daime com o dinheiro na comunidade:

⁴⁷ **Wilson Carneiro de Souza** nasceu em julho de 1920 no Acre. Desde criança trabalhou como seringueiro e mais tarde em Rio Branco se tornou comerciante. Em 1961 seu filho mais velho adoeceu gravemente e depois de muitas tentativas infrutíferas, foi recomendado a buscar socorro no trabalho espiritual do Mestre Irineu. Em 1962 teve a graça de ver seu filho curado e assim ele e sua família acabaram por ingressarem nas fileiras dos fardados da Rainha da Floresta junto ao Mestre Irineu. Nos anos 60, o Mestre Irineu deu-lhe a incumbência de ter Daime em sua residência para poder atender os necessitados de um pronto-socorro. Mais tarde, em 1974, três anos após a morte do Mestre Irineu, acompanhou o Padrinho Sebastiao na Colônia Cinco Mil. Morreu em 26 de junho de 1998 aos setenta e sete anos de idade. O Sr. Wilson Carneiro em três ocasiões veio visitar a Comunidade da Reserva Matutu e é muito estimado por todos os seus integrantes.

O lance de não cobrar aqui nos trabalhos de Daime é desde o início e foi uma iniciativa do Guilherme. Ele não aceita dinheiro nenhum. Quer dar dinheiro pode dar, mas dá esquecido. Não vou dar nenhum direito de nada. Aqui vai por outro caminho. (Mariano Dirube, 72 anos, artesão e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em outubro de 2015).

Com a morte do Padrinho Sebastião, seu filho Alfredo Gregório de Melo, principal personagem da expansão do Santo Daime mundo a fora, teve perspectivas diferentes nesse sentido. Sob seu sombrero muitas comunidades foram nascendo e a necessidade das pessoas urbanas tomarem Daime fez com que fossem necessárias as contribuições, já que não tinham condições de plantar nem fazer o chá nas cidades. A bebida inicialmente era feita na floresta pela comunidade do Céu do Mapiá, onde entrava recursos das igrejas do sul e do exterior para a sua manutenção. Para Alfredo Gregório de Melo:

Uma árvore quanto mais põe seus galhos e ramos pra cima, também deve por suas raízes para dar sustentação fundo na terra. A expansão do Santo Daime mundo a fora não teria sustentação necessária se não fosse também aprofundado como raízes de uma árvore, para dentro do seu berço natural, a Amazônia. (Alfredo Gregório de Melo, 66 anos, líder da expansão do Santo Daime pelo mundo. Entrevista concedida em janeiro de 2003).

Essa grande árvore sombreira que é a doutrina do Santo Daime colocou alguns galhos aqui na região da Serra da Mantiqueira. Encontrou terreno fértil entre os alternativos que tinham vindo para essa região. Guilherme França conta como foi a sua experiência.

Quando o Daime me pegou pela primeira vez, foi como se tivesse chegando em casa, porque eu antes ia entrando na força procurando a natureza, procurando com Jesus, com LSD e cogumelo, mas quando eu encontrei com a doutrina, o Daime, o Mestre Irineu, o Padrinho, com Jesus, Maria, com a música, os hinos, com a floresta, eu me senti em casa. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Sidney Raeder, desde 1989 morador da Comunidade da Reserva Matutu também fala dessa sensação de ter encontrado algo muito importante para sua vida:

Quando acabou o trabalho a sensação que eu tive era que eu tinha retornado pra casa. Voltei pra casa. Aquilo que eu estava procurando, aquilo que eu tinha perdido. (Sidney Raeder, 64 anos,

escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em fevereiro de 2016).

Segundo Jussara Resende de Araújo em seu livro *Comunicação e Exclusões, a Leitura dos Xamãs*, “a comunidade de oasqueiros do Santo Daime implementam em seu cotidiano as doutrinas de re-poetização e re-encantamento de mundo propostas nos poemas dos hinários” (ARAÚJO, 2002).

Apesar desse re-encantamento do mundo nas comunidades daimistas, muitos que experimentavam o Santo Daime principalmente nas cidades recebiam críticas e tinham que enfrentar o julgamento dos amigos, colegas de trabalho e da família. A intelectualidade tem resistência a símbolos cristãos como Jesus, Virgem Maria, Deus, e nos anos 80 demonstravam certa antipatia ao movimento do Santo Daime. Assim explica Luiz Paulino dos Santos, 83 anos, cineasta e morador da Comunidade Reserva Matutu:

O povo do cinema ficou meio estranhado com o Daime. Eu não abria, mas conversava. Foi um impacto, pois eu era um intelectual e tinha ido pro Daime. (Luiz Paulino dos Santos, 83 anos, cineasta e antigo morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Guilherme França continua sua narrativa como foi seu contato com Alfredo Gregório de Melo e o Padrinho Sebastião:

Daí fomos conseguindo outras garrafas com o Chico Corrente, buscamos um pouco com o Marco Imperial⁴⁸... eu fui até a Comunidade Céu da Montanha em Mauá encontrar o Padrinho Sebastião, que tava em Mauá, naquela casa velha da comunidade. E quando eu cheguei, com a Kenya, o Manno e a Ata, o Padrinho tava pra dentro daquele jardim, pra dentro daquele arco. Quando eu me encontrei com ele pela primeira vez nessa vida, eu me entreguei ao velho, e ele recebeu na primeira, então nesse encontro eu tomei a benção e ele ficou rindo, e eu rindo pra ele, conversamos um pouco, mas nada, nem um assunto, só conversa leve da natureza.... eu conversar com um homem feito o Padrinho é uma conversa bem natural, de um homem também do mato. Depois o Alfredo veio no Rio, nós fomos lá conversar com ele, e pedi uma autorização para estar abrindo um

⁴⁸ **Marco Imperial** foi um dos primeiros jovens do sul a conhecer o Padrinho Sebastião e sua obra. Abriu a Igreja Rainha do Mar em Guaratiba, RJ no final dos anos 80. O Padrinho Sebastião estava em sua casa no Rio de Janeiro quando faleceu em 20 de janeiro de 1990. Marco é filho do produtor musical Carlos Imperial e trabalhou como fotógrafo quando mais jovem e possui um belo acervo de fotos documentais do Padrinho Sebastião e sua obra no norte.

trabalho. Era eu, o Fabio, o Lôlo, a Suzana, a Sônia a pedir ao Alfredo para abrir os trabalhos, isso foi na casa do Paulo Roberto no Rio, e o Alfredo numa boa, foi muito legal. Abriu ali que a gente podia fazer alguns trabalhos de farda azul⁴⁹. Eu fardei logo após isso. Aí começamos a tomar Daime em Caxambu e abrir trabalho lá. Eu mesmo me fardei, eu me lembro de que no dia, teve um comentário assim: o fardamento do Guilherme já dispensa qualquer outra coisa, porque eu botei a estrela no peito e comecei a trabalhar. Fui aprendendo os hinos principalmente com a Suzana. Até que a igreja em Caxambu começou a ficar naqueles moldes que não era pra mim, e um dia eu disse: “-Olha, eu vou subir a montanha e tomar Daime lá pra cima.” Ai nos tínhamos um pouco de Daime, aí eu peguei um pouco, e vim, e fiquei pra cá com a minha família e não quis ficar fazendo Daime lá não. Isso foi 86 pra 87. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Em 1988, Guilherme estava ainda isolado na montanha com sua família. Foi quando aconteceu o ENCA, Encontro Nacional de Comunidades Alternativas na Pedra Preta, Pouso Alto. Lá encontrou boa parte das pessoas que incorporariam a futura comunidade:

Quando eu vim embora do ENCA, depois me apareceu essa turma aqui no Matutu...pediram pra acampar, e me chamaram uma hora pra conversar, e me perguntaram:”-Como e que faz para vir pra cá?” Aí eu falei: “-Oh, vocês têm que ir embora, chegar lá em baixo e virar, porque agora vocês estão aqui. Não respondi o que eles queriam. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme França ainda relutava em fazer uma comunidade. Quando a turma chegou querendo ficar ele dissimulou. Mas esse pensamento começou a mudar no seu próximo encontro com o Padrinho Sebastião:

O Padrinho Sebastião veio ao Rio de Janeiro de novo, ele veio se tratar e eu fui me encontrar com ele, tomar a benção dele, no Céu do Mar, foi eu e o Lôlo. Cheguei, sentei no chão, na frente do Padrinho, ele tava sentado na cama, no quarto dele, ele abençoou e ficou me olhando, e eu olhando pra ele, e eu não tinha pensado em falar nada mas ele ficou me olhando, daí eu falei assim pra ele: “-Padrinho, eu tô lá nas montanhas em Minas Gerais, onde eu falei pro senhor, e tô num alto de paredão de pedra, com a minha família isolado, tô que nem uma onça criando os filhotes lá na toca, e

⁴⁹ O **fardamento** é uma atitude de comprometimento com a Doutrina do Santo Daime. A partir do fardamento, o **fardado** adquire um novo status dentro do salão do trabalho do Daime. Ele assume responsabilidades e ingressa definitivamente na escola espiritual do Santo Daime. Existem trabalhos distintos que usam diferentes fardas. Trabalhos de “concentração” e hinários curtos veste-se a farda azul, enquanto os “hinários oficiais” usa-se farda branca.

tá chegando um pessoal querendo ficar. O que que é que eu faço?” Eu não tinha pensado em fazer essa pergunta. ... Daí o Padrinho falou: “-Tu amansas a tua onça e abre o coração e recebe as pessoas.” Aí mandou fazer isso que estamos fazendo até hoje aqui. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

5 - A fundação da Comunidade da Reserva Matutu

Em 1988 Guilherme e Kenya começaram a receber as primeiras pessoas que iriam se integrar na comunidade. Como ainda não tinham acesso fácil à bebida, a primeira coisa foi ensinar os hinos para turma. Concomitantemente, em Visconde de Mauá a comunidade Céu da Montanha estava preparando seu primeiro feitio de Daime com material cedido pelo Paulo da Maia que tinha sido Mestre da União do Vegetal⁵⁰ no Rio de Janeiro, mas tinha se afastado, e veio fazer o chá junto com o Alex Polari e o Alfredo Gregório de Melo, fornecendo o cipó que tava faltando. Outras pessoas também procuraram o Paulo da Maia já que ele tinha um grande reinado⁵¹.

Então o Paulo da Maia ficou assim sem ter pra onde ir depois que se desligou da União do Vegetal, e nisso o Dácio, o Tulio e o Rolando, se encontraram com o Paulo da Maia, e resolveram fazer um feitio no quintal do Paulo, foi o primeiro feitio que teve lá. E um dia eu estou aqui, no Matutu, sem Daime, chega o Rolando com duas garrafas de vegetal. Veio a Laura, o Guta, a Mônica Oliveira, e veio também uma outra amiga que já fez a passagem, que é a Lucia. Nós tomamos o Daime na cozinha daquela casa antiga em que moramos e cantamos o hinário do Mestre do começo ao fim. Aí quando terminou, o Guta falou assim: “-Cadê o livro de assinar presença?” Falei: “-Não têm”. Daí ele falou: “-Mas agora nós vamos ter que assinar porque cantamos o hinário do Mestre⁵² todo”. Daí ele arranhou lá um caderno e assinaram. Esta foi a primeira vez que se cantou um hinário sentado aqui no Matutu. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

⁵⁰ A doutrina da UDV (**União do Vegetal**) é oral, transmitida exclusivamente em seus rituais religiosos. Nas sessões, o Mestre dirigente dos trabalhos distribui o chá Hoasca, também chamado de Vegetal. Segundo os adeptos da religião, o Vegetal que é a mesma substância do Santo Daime, proporciona maior concentração mental, um estado equilibrado de percepção e ampliação da consciência. (Wikipedia)

⁵¹ **Reinado** é o cultivo das plantas que compõe o chá do Santo Daime.

⁵² O **hinário do Mestre** contém 132 hinos e quando cantado inteiro pode durar oito horas. Nele estão contidos os fundamentos da doutrina do Santo Daime.

Eram poucos os que estavam acampados nas terras do Guilherme nesse momento. O Sarto e a Andrea com as crianças, o Oswaldo, o Nelson, o Hugo com a Maria do Carmo. Faziam-se poucos trabalhos pois tinha-se dificuldade de adquirir a bebida:

Eu fui em Mauá, levei uma turminha, ajudamos lá no feitiço, peguei cinco litros emprestado com o Alex Polari. Primeiro o Alex veio aqui com o Gilson, fizemos um hinário lá na Macieira⁵³, mas ele queria estabelecer uma ligação. Eu falei: “-Eu quero que você me empreste cinco litros de Daime e eu te devolvo cinco litros de Daime. Minha história é direta com o Mestre e com o Padrinho Sebastião.” Aí ele falou que tudo bem, ele respeitou. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Em suas conversas que tivera em seus encontros com o Padrinho Sebastião, Guilherme ia conhecendo um pouco mais sobre a Comunidade do Mapiá na Amazônia. Até que chegou a hora que decidiu juntar uma turma e subir para o norte para encontrar o “velho” Sebastião.

Eu comprei um caminhão, de dez rodas, trucado, e reformei. O Padrinho tinha me falado assim, “meu filho, na floresta tem tudo o que nós precisamos, só não tem sal.” Aí nós enchemos o caminhão de sal, juntamos aí nas igrejas do sul... foi sal, roupa, mel, outras coisas, mas, mais mesmo era sal, e gente. E fiz uma carga, pus uma lona, e fomos treze pessoas, três na cabine e dez em cima da carga. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Guilherme parecia ter se inspirado no “Magic bus⁵⁴” da turma do Ken Kesey⁵⁵ em sua antológica viagem psicodélica pelos EUA em 1964 rumo ao castelo de Timothy Leary⁵⁶ em Nova York. Embora que muito mais desconfortável, e que, diferente da viagem de Kesey, da qual ele não foi atendido em sua chegada no castelo de Leary, Guilherme foi muito bem

⁵³ **Macieira** é um grande platô a dois mil metros de altitudes que faz parte da Reserva Natural do Matutu na Serra do Papagaio.

⁵⁴ **Magic Bus** foi um ônibus que cruzou os EUA desde o Estado do Oregon até o Estado de Nova Iorque no ano de 1964 com um grupo de jovens, os Merry Pranksters, motivados pelo movimento psicodélico que estava nascendo. Foi considerado um marco do movimento hippie. O destino era a residência de Timothy Leary, guru da contra cultura no Estado de Nova Iorque.

⁵⁵ **Ken Kesey** foi um jovem que serviu de cobaia para os primeiros experimentos com o LSD pela academia americana. Ficou conhecido principalmente pelo sucesso de seu livro “Um Estranho no Ninho”, que posteriormente virou filme estrelado por Jack Nicholson e foi vencedor do Oscar. Kesey foi o idealizador do Magic Bus entre outras atividades de experimentação do LSD.

⁵⁶ **Timothy Leary** foi um acadêmico americano que a partir dos anos 60 se transformou no guru da contra cultura americana. Seus estudos junto ao LSD propunham uma revolução na sociedade americana.

recebido pelo Padrinho Sebastião e sua comunidade no meio da floresta. Como Neal Cassidy⁵⁷ ao volante, Guilherme guiou durante sete dias sem parar. Para chegar a Comunidade do Mapiá eram necessário na época quatro dias de barco. Ficaram um mês trabalhando na comunidade e participando das sessões do Santo Daime.

Foi eu e a Kenya, o Manno, a Ata, Adilson, Biel, Osvaldo, Hugo, Rolando, o João, que já fez a passagem, a Jaqui, a Laura, o Guta, e o Pedrinho, filho dele. Eram 13 pessoas. E era proibido levar gente na carga e eu não tinha carteira. Sei que lá foram muito fortes os trabalhos de Daime. Eu conversei bem com o Padrinho e ele me deu 30 litros de Daime. E mandou abrir os trabalhos no Matutu. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Ao chegar ao Mapiá disse que a turma colocava uma pressão, a Lise Torok era secretária da instituição e vivia atrás dele com uma prancheta para ele assinar a afiliação ao Cefluris⁵⁸. Porém, Guilherme não assinou nada.

Guilherme França conta que foi pedir autorização para o Padrinho para cozinhar o Daime.

O Paulo da Maia tinha se desligado da UDV e colocou a minha disposição uma grande quantidade de material de folha e cipó que parecia ter sido uma providência divina. Fizemos um feitiço na Vargem Grande, ainda sem a autorização do Padrinho e isso pesou pra mim, foi quando em uma oportunidade pedi para o velho a autorização de cozinhar o Daime. Quando eu perguntei se podia ele olhou fundo nos olhos que eu pensei até em desistir. Eu falei para ele do reinado do Paulo da Maia, se ele se lembrava do Paulo, e ele falou: “-Ah, sei, e aquele que não sorri pra mim?” No final ele riu e liberou para eu cozinhar o Daime. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

No decorrer do mesmo ano o Padrinho ficou doente e veio se tratar no Rio de Janeiro se hospedando na Comunidade do Céu do Mar, Rio de Janeiro. Havia um fluxo grande de

⁵⁷ **Neal Cassidy** pertenceu a geração beat dos anos 50 onde poetas como Allan Ginsberg, Jack Kerouac, Willian Burroughs entre outros foram os precursores do movimento de contra cultura que desaguou no movimento hippie nos anos 60.

⁵⁸ O trabalho espiritual do Padrinho Sebastião Mota de Melo foi inicialmente registrado no ano de 1974 com o nome de **CEFLURIS** - Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra. A partir de 1983 coube a Alex Polari e outros colaboradores a institucionalização das atividades realizadas pelos centros já espalhados pelo Brasil que levou o movimento espiritual do Santo Daime alcançar um status de religião brasileira.

peessoas vindo de todas as novas igrejas do sul para conhecer e encontrar o Padrinho. Guilherme fez o mesmo. Quando chegou ao Céu do Mar disse que dificultavam o acesso das pessoas ao Padrinho, como afirma o Guilherme, “tava tudo meio trancado”. Quando o Padrinho avistou o Guilherme na fila para entrar no quarto onde estava ele, o Padrinho chamou-o para o seu lado e conversaram muito. Aproveitou-se o momento de reunião da irmandade, e foi feita uma reunião com o Paulo Roberto, dirigente do Céu do Mar e o Alex Polari, dirigente do Céu da Montanha que tentavam passar uma lista com assinaturas para a filiação no Cefluris. Mais uma vez o Guilherme se recusou a entrar na instituição. Mesmo assim pediu dois sacos de folha para cozinhar Daime, quando o Paulo Roberto falou que estava já há seis anos servindo o Daime e ainda não tinha a permissão de cozinhar o chá. Porém antes disso o Padrinho já tinha autorizado o Guilherme a cozinhar o Daime e foi ordenado pelo Alfredo, filho do Padrinho que dessem as folhas para ele. Mas mesmo assim o Guilherme foi pedir a bênção do Padrinho por não querer assinar nada com a instituição. E falou para o Padrinho que se o Padrinho quisesse que ele assinasse, o faria. O Padrinho disse: “-Eu também não assinei nada meu filho, e ainda pedi que me colocassem como Mestre Imperador que se um dia eu resolver dissolver a instituição, eu tenho esse poder.”

5.1 – A fase heróica

A Comunidade do Matutu nasceu junto com os trabalhos do Daime. Mas as primeiras pessoas que chegaram para se instalar nas terras do Guilherme foram José Sarto, hoje com 55 anos, e sua companheira Andrea, com 53 anos. Eles mudaram para o Vale do Matutu cerca de um ano antes da chegada da maioria dos moradores, no ano de 1988, logo após o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas. Sarto e Andrea chegaram com um casal de filhos e viveram durante um ano em barracas debaixo de uma árvore. Tiveram a partir da sua chegada, poucos contatos com o Santo Daime, mas o que tinha os atraídos era a possibilidade de viverem isolados junto à natureza. Sarto conta que chegou sem dinheiro nenhum e logo começou uma pequena horta. Conta que nesse primeiro ano chegaram a passar dificuldades:

Um dia eu acordei e me dei conta que não tínhamos nada para comer. Tivemos a idéia de ir pedir uma ajuda para o Sr. Matheus, pai do Odair, que morava próximo nesse lado da encosta. Passamos um tempo comendo mingau de fubá doce de manhã e fubá salgado a tarde, era isso que tínhamos para comer.” (José Sarto, 55 anos, artesão e proprietário da loja Estrela D`água em Aiuruoca).

Sarto e Andrea se conheceram na Faculdade de Belas Artes em Belo Horizonte. Andrea vinha de uma vida de fazenda enquanto o Sarto cresceu em Belo Horizonte. Sarto teve certa atividade política e tinha um sonho de deixar a cidade para viver no campo, mas não pensava em comunidades. Andrea vem de uma família católica bem tradicional do sul de Minas e diz que começou a pensar diferente quando teve contato com o livro *Sidarta*, de Hermann Hesse. A partir daí começou a ressignificar sua vida em direção a um modelo mais holístico e alternativo. Ambos quando se casaram tiveram que enfrentar suas famílias de visão um tanto tradicional e foram em busca de algo ainda para ser construído completamente diferente de seus pais. Assim como o Guilherme e sua família, Sarto e Andrea se inspiravam em viver na natureza e o Vale do Matutu apresentava características que foram atraindo mais e mais jovens em busca de uma reinvenção de suas vidas fora do sistema opressivo da sociedade de consumo.

Meu plano era me isolar na natureza com a família, preservando a natureza e também o isolamento, porque estava desesperançoso com a humanidade, com o sistema, então na minha ignorância, tinha também um egoísmo... O meu indicativo era não ouvir cachorro, galo cantar e futebol. Isso indicava que a gente estava longe. Então quando chegou o Daime e tive o encontro com o Padrinho também, esse plano foi por água abaixo graças a Deus, e estamos trabalhando até hoje. Seguindo e cumprindo esse trabalho que foi realizado, tomar conta e dar conta. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

Com os trinta litros em mãos, abriram-se definitivamente os trabalhos com a possibilidade de receber mais gente. Muitas pessoas começaram a chegar a partir do trabalho de São José em março de 1989. Foi quando chegou o Sidney, a Angela, o Arthur, o Miguelão, o Gui Mendonça, a Solange, o Juan entre outros.

Quando acabou o trabalho de São José, o Guilherme veio conversar comigo, e eu disse pra ele: “-Eu vou pro Mato Dentro⁵⁹, mas eu vou querer morar aqui”. O Guilherme ficou me olhando e falou: “- Tá, vou te esperar.” Pra ele já era uma coisa certa e pra mim também. “Não foi ele quem me chamou, foi o Daime quem me chamou”. (Solange Machado, morador-fundadora da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

As mudanças ocorridas nas pessoas que chegaram para esse trabalho de São José mostram como o Santo Daime foi fator fundamental na constituição da comunidade.

⁵⁹ **Mato Dentro** é uma localidade rural próxima a São Lourenço que agrupou muitos alternativos que foram chegando a região e preferiram se instalar mais apartados do movimento urbano da cidade que vinha se transformando rapidamente.

Ficou tudo muito diferente, mudou tudo. A pergunta era: “- você vai voltar?” A partir daquele momento nunca mais eu fiz o que eu fazia. No caminho de volta a São Lourenço a Ângela minha companheira na época perguntou: “-E aí?” Eu respondi que não sabia mais de nada. Deu uma guinada a minha vida que eu não sabia mais de nada. Aí chegamos lá em São Lourenço e vimos a diferença, e vimos que não dava mais pra ficar. Trouxemos as crianças no outro final de semana e elas piraram, todo mundo pirou, a Joana tinha nove anos, a Mariana quatro e a Naiara sete. Foi chegando gente, fomos montando barraca, organizando. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Foi decidido o sistema de cotas para as pessoas que passavam pelo crivo do Guilherme e da comunidade. Deveriam se adaptar ao dia a dia da comunidade, serem cooperativas e desejarem o estudo do Santo Daime. O Santo Daime foi para muitos o ponto principal dessa ressignificação de modelo de vida.

Luiz Midea, proprietário da Pousada Patrimônio é um dos gestores da AMA Matutu e resume bem como “fase heróica” esse momento do início da Comunidade da Reserva Matutu:

A fase heróica foi a fase em que todo mundo morava em barraca de plástico, fazia foice com mola de caminhão, roçava samambaia e carregava pau. Era chuva o verão todo e comia-se mandioca ensopada com água, ou água adoçada com mandioca, que era o que tinha. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

Arthur Dalmasso conta como foi sua chegada à Comunidade da Reserva Matutu.

Nós fomos chegar em 1989, quando o Guilherme estava voltando do Mapiá, com o Daime. Isso no São José, março de 1989. Foi o meu primeiro trabalho e a partir dali quase todo fim de semana a gente vinha, fazia trabalhos. E em junho, nós fardamos no São João. Fardou uma galera, e a maioria que fardou tomou o Daime junto pela primeira vez naquele São José. Metade da comunidade do Matutu chegou em 1989. A partir daí foi cada um procurando o seu pedaço, começar a limpar o seu terreno, fazer a casa. Cada um recebeu um lote, mas a gente tinha tudo comum, três mil hectares. Como eu conhecia a rapaziada de São Lourenço eu pensei, vai vir todo mundo pra cá. Depois eu caí na real que a rapaziada gostava muito de informação intelectual. Mas vivência ninguém tava muito a fim não, como o Daime implicava numa mudança de vida, de postura e tal, e muita gente dessa galera de São Lourenço vinha fazer o trabalho mas não tinha muito compromisso. Na verdade foi minha família, a do Sidney e a da Solange. (Arthur Dalmasso, 65 anos, morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em setembro de 2015).

As primeiras moradas eram em barracas, cozinhasse junto as três refeições, trabalhava-se junto, banho era na cachoeira. Um bom tempo isso perdurou. Os mutirões eram para a construção das casas, plantio de árvores, reparos na estrada, construção da igreja, refeitório, escola e oficina de artes.

Desde o início aconteceu o sino. Batia-se para despertar as pessoas. Tocava uma vez só as 05h30min, e as 6h é igual a hoje, seis batidas. As pessoas despertavam as cinco e meia e as seis estavam todos enfileiradinhos no refeitório para tomar café. Rezava-se um Pai Nosso. Tomava-se café da manhã, pitava-se um e começávamos o dia. Ao meio dia batia-se o sino muitas vezes. Domingo era dia de descanso. Estávamos todos trabalhando pertinho. Escola, refeitório, igreja. Quando cheguei tinha uma estrutura de trabalho. Éramos os índios que trabalhavam, moravam do jeito que podia, enquanto o Guilherme passava um tempo lá na fazenda trabalhando e trazia a comida de lá. Ninguém colocava dinheiro, só o Guilherme. Quando cheguei estava sendo construída a escola, na minha época já estava pronta a oficina de artes. (Mariano Dirube, 72 anos, artesão e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em outubro de 2015).

5.2 – A fase romântica

Para Luiz Midea, morador desde 1992 da Comunidade da Reserva Matutu e hoje um dos gestores da AMA Matutu, quando as casas começaram a ficar prontas, assim como o refeitório, a escola e a oficina de artes, este momento foi observado por ele como sendo uma “fase romântica” da Comunidade:

Aí entramos na fase romântica, foi quando as primeiras casas começaram a ficar prontas, o refeitório geral, a cozinha geral, a oficina, e o sistema solidário de economia⁶⁰. Era uma visão idílica que nós tínhamos da comunidade. Os homens construindo enquanto os professores ensinavam as crianças, os artesãos gerando uma renda para a comunidade, todo mundo na plantação, tinha aquele funcionamento bastante orgânico da comunidade. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

Uma das características da comunidade era que tinha regras de convivência. Muitas dessas regras foram sendo aprimoradas com o tempo, conforme as necessidades da comunidade. Uma das regras era que não se incentivasse o uso da bebida alcoólica nas áreas

⁶⁰ **Sistema Solidário de Economia** foi uma iniciativa da Comunidade da Reserva Matutu que se referia a dinâmica de trabalho e remuneração. Na comunidade durante um período, os seus integrantes trabalhavam por créditos e não dinheiro. Assim poderiam pagar por despesas como alimentação, taxas de manutenção de estrada, escola dos filhos, etc... através das horas trabalhadas nos serviços comunitários.

comuns da Aldeia. Guilherme França trazia essa consciência do problema da bebida alcoólica e desde que sua companheira Kenya ficou grávida de seu primeiro filho Manno ele nunca mais bebeu.

Nunca mais botei bebida na boca depois que a Kenya ficou grávida. Antes tive a minha fase da juventude de beber. Lá em casa muitos amigos vêm trazendo garrafas de vinho e eu guardo todas, fechadas, e dou ordem de não abrir em casa. Dou uma recomendação para os jovens filhos e parentes que se quiserem beber, esperem ter suas casas para fazerem isso, então em nenhuma comemoração lá em casa rola bebidas. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A restrição do uso de bebidas alcoólicas na área da Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu aconteceu por achar que muitas pessoas que chegavam tinham problemas crônicos com a bebida. Assim era também o mesmo procedimento adotado nas comunidades do Daime em geral.

Algumas pessoas que migraram para o Vale do Matutu para morar vizinhos da comunidade no início dos anos 90, tiveram uma boa impressão da dinâmica que acontecia ali, mas tinham críticas a respeito de dar o chá do Santo Daime para as crianças da comunidade.

A gente se relacionou bem desde o começo com todo mundo... Ali já existia uma escola informal das crianças mais velhas. Eu gostava de ver que tinha essa iniciativa comunitária. Isso sempre me comoveu... até que chegou um dia que eu me senti desrespeitada, foi um dia que a gente tinha programado uma atividade que era um teatrinho, aí chegaram dizendo que não ia ter porque as crianças iam tomar Daime. Eu falei: “-Desculpa, vocês vão tomar Daime, eu não vou dar pras minhas filhas porque eu não tô nem convencida que isso é uma coisa que deva dar pra crianças, me perdoe, mas eu não vou nem vir aqui.” (Inês Faria, 52 anos, educadora e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em fevereiro de 2016).

Interessante notar que essa primeira fase da Comunidade da Reserva Matutu, alguns moradores deslumbrados com o efeito do Daime em suas vidas, achavam que todos deveriam tomar o chá do Santo Daime, inclusive chamando as pessoas para participarem dos trabalhos. No Estatuto do Mestre Irineu, uma das recomendações é que nunca pode oferecer ou convidar⁶¹. Essa é uma regra difícil de ser respeitada até nos dias atuais, apesar das seguidas recomendações do Guilherme França a comunidade. A responsabilidade de quem chama é grande já que para se tomar Daime deve ter o interesse da pessoa de se transformar e

⁶¹ Alguns hinos da Doutrina do Santo Daime são claros nessa recomendação de **não convidar** para tomar o Santo Daime. A pessoa deve manifestar o interesse e pedir para participar dos trabalhos por livre iniciativa.

mergulhar numa "viagem que às vezes não tem volta." Pelo meu próprio conhecimento, o Daime tem a capacidade de transformar a vida, abrir novas janelas de entendimento do mundo que para os desavisados podem trazer transtornos psíquicos e enfrentamentos familiares de visão de mundo.

Porque não teve uma pessoa aqui que foi convidada pra vir morar na Comunidade, pra vir tomar Daime, também não teve nenhuma pessoa expulsa sem dar motivos. Os membros da comunidade passaram através de uma peneira que o dia a dia foi fazendo. Foram diferentes pessoas de diferentes camadas sociais. Não era um pessoal tudo parecido, não, mas foram ficando no dia a dia porque tinham uma busca mais forte, espiritual. Então o lugar dá uma condição muito boa, porque é um lugar muito bonito, de muita pureza de água, de ar, de astral, uma paisagem muito linda, isto já remete a uma busca mais profunda... Isso foi fazendo tudo balançar e chegar num lugar. Nessa dança de balanço chegando em um lugar, esses são os membros, como numa viagem as abóboras vão se ajeitando na carroça.

Outro ponto que o depoimento da Inês tocou foi o costume de dar Daime para as crianças. Os daimistas levam seus filhos aos trabalhos de Daime, e estes crescem nesse costume tomando a bebida desde que nascem. Durante os trabalhos de hinário, as crianças são muitas no salão e participam também dos feitios. A justiça brasileira permitiu a administração do Daime à menores com o consentimento dos pais.

Inês em seu depoimento observou discursos muito moralistas a respeito da questão da sensualidade na comunidade.

O povo era tão devoto e pregador. Começaram a pregar e tinham alguns com discursos deveras moralistas do tipo: "Aqui a gente não gosta que saia de roupa molhada da cachoeira porque é muito sensual. Aqui a gente não gosta que as mulheres usem batom, porque isso apela pra sensualidade." Eu tinha acabado de vir da Bahia, com canga amarrado no corpo, eu comecei a me sentir tão inibida, na minha natural maneira de ser. (Inês Faria, 52 anos, educadora e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em fevereiro de 2016).

Embora Guilherme França e muitos outros terem um pensamento de liberdade em relação ao corpo e a nudez, parece que a influência do Padrinho Sebastião e sua comunidade na floresta tinha ressignificado a questão da sensualidade dentro da comunidade. Isso porque, podemos imaginar que o Padrinho, em sua própria experiência, sabia que viver numa comunidade na floresta em que a sensualidade fosse recorrente poderia trazer transtorno para a união das famílias.

Existiam coisas na vestimenta, por exemplo: uma vez eu tava de bermuda, pediram para eu não andar de bermuda. Depois você vai se adaptando, porque aqui era tão frio, tão poucos os dias que podíamos usar bermuda. Aqui eu tomava banho nua sem ninguém na cachoeira. Antes algumas vezes fiquei nua em Arembepe com outras pessoas, mas em alguns momentos você saca que também não é boa uma experiência assim, é tão delicado estar nu, porque às vezes a outra pessoa pode te olhar de outra forma. Quando eu senti o olhar de um homem pra mim que não era de um irmão, eu parei de ficar nua na frente dos homens. (Solange Machado, morador-fundadora da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A partir da chegada das pessoas, a comunidade foi sendo construída. O dia começava todos juntos no sino das seis da manhã, então rezavam o Pai Nosso e tomavam café da manhã. Nessa fase “romântica”, os homens rumavam para as construções: pegar pau na mata, levantar as estruturas de telhados das construções como casas, trabalhavam na oficina de artesanos, muitos iam limpar os terrenos, ajudavam nos trabalhos de manutenção das estradas da comunidade ou no plantio de árvores. Alguns se incorporaram como professores da escola. As mulheres cuidavam principalmente das refeições ou iam dar aula na escola. O trabalho comunitário era orientado pelo Guilherme França. Parava-se para o almoço onde todos comiam juntos. A noite era servida uma refeição leve onde todos finalizavam o dia juntos.

Eu justamente pensava assim: a maior guerra que nós tivemos no Brasil foi Canudos, onde massacraram Conselheiro com o povo dele. Foi um erro tão grande que o governo não fará outro daquele. Então eu sempre falava isso pros companheiros aqui: “-Olha, vamos fazendo casa, escola, atelier de trabalho, igreja, plantando árvores, fazendo filhos, enquanto os ambientalistas tratam de papéis, e reuniões. Quando eles chegarem aqui, as árvores estão grandes, os filhos numerosos, e tudo acontecendo, e foi isso que aconteceu. Hoje a gente já é uma referência porque é uma prática de um discurso que já está aí. Discurso de sustentabilidade, de uma vida na natureza. Até quando a gente veio pra cá, os ambientalistas sustentavam uma teoria do homem separado da natureza. E a gente veio fazendo o inverso disso. Aqui é homem e natureza, integrados. Hoje aqui já é a prova de que assim dá mais certo. Porque aqui aumentou muito a capa vegetal, e aumentou bastante a fauna. Tinha caça, tinha gado, tinha fogo. E por nós estarmos aqui isso tudo foi diminuindo, hoje é quase extinto isso. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).

No início, cantava-se a Oração⁶² às 18 horas todos os dias. Com um tempo passou-se a cantar só as quartas-feiras e aos domingos. Esta atividade comunitária até hoje perdura somente aos domingos com o envolvimento grande da comunidade e funciona como receptivo

⁶² A **Oração** é um ritual curto que canta alguns hinos comum as Igrejas do Daime da linha do Padrino Sebastião.

das pessoas que têm a intenção de tomar o Daime pela primeira vez. É um momento em que a comunidade se reúne e todos ficam sabendo da programação da semana como mutirões, feitiços do Santo Daime, reuniões, manutenção da igreja. Como a igreja do Matutu nunca exigiu nenhuma contribuição, todos os espaços para o trabalho devem ser arrumados pela própria comunidade. Cada família uma vez por ano traz material de limpeza, velas e papel higiênico. No final do ano se faz um rateio da conta de luz. Quando a comunidade se organiza para os feitiços da bebida, exige-se a presença de todos os fardados. É um momento forte de união para produzir o sacramento. O feitiço é realizado no alto da serra e os homens ficam acampados alguns dias, armam-se um refeitório e fossas secas. A lenha vem do plantio de eucalipto da fazenda do Guilherme. O material para o chá do Santo Daime como as folhas e os cipós são colhidos nos plantios da própria comunidade. Nas datas oficiais acontecem os hinários onde a comunidade canta e baila no salão. Trabalhos espirituais podem durar até doze horas. Nas luas novas e cheias são feitos trabalhos mais curtos de ensaios dos hinários e de concentração⁶³. Ultimamente um grupo retomou a atividade de meditação na igreja. Esta acontece depois que se bate o sino às seis da manhã e reúne todos os dias menos aos domingos alguns moradores,

No início dos anos 90 muitas casas começaram a ser construídas em mutirão. Já na época havia uma preocupação ecológica de manejo florestal. Havia muitas árvores denominadas “candeias” que tombavam naturalmente e serviam de esteio de boa parte das casas.

Desde o começo tivemos o cuidado de não comprometer o meio ambiente em que estávamos, então usávamos madeira da mata pra construir as casas, mas éramos muito criteriosos na escolha das madeiras, havia um manejo legal, e para trazer a madeira não entravam carros ou caminhões e tratores, era nos ombros dos homens da comunidade. Arrastava-se até a estrada. Foi a experiência mais significativa a construção das casas. A casa da Rute foi uma das primeiras porque o Paulo Bedeu, que era marido dela, faleceu, e tínhamos o compromisso com ela de garantir casa dela. O mutirão montava o telhado e as paredes. A casa terminava fechada, mas ela ficava sem o acabamento. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Nos anos 90 a Comunidade da Reserva Matutu enfrentou grande balanço. Primeiro foi o acidente que matou o Bedeu, um dos moradores enquanto ele construía sua casa. Ele e sua

⁶³ Os trabalhos de **Concentração** ocorrem todos os dias 15 e 30 do mês em todas as igrejas do Santo Daime. Na igreja do Matutu os trabalhos de concentração nem sempre ocorrem, e quando sim, são deslocados para as noites de lua nova.

companheira Rute Misaki e mais três filhas pequenas tinham acabado de mudar para a comunidade em fevereiro de 1991. O travessão do telhado caiu em cima do peito do Bedeu a qual não resistiu.

Em 1993, a Kenya, companheira do Guilherme teve problemas no parto e não resistiu, falecendo ela e o bebê, uma menina que se chamava Jade. Havia o costume das pessoas da comunidade do parto humanizado e em casa, prática comum dos alternativos que buscavam um naturismo. Outros partos já tinham acontecido ali e ainda não houvera nenhum problema, como foi o parto da Andrea que teve seu filho Sereno em casa. Hoje essa prática não recebe apoio do Guilherme França, que sofreu na pele o drama de perder a esposa e a filha. O Matutu por ser a dezoito quilômetros da cidade de Aiuruoca por uma estrada que às vezes fica interditada pelas chuvas, fez com que a comunidade tenha preferido fazer os partos humanizados na cidade, na casa de alguém, ou nos hospitais. Durante o parto costuma-se tomar o Daime, e a tradição diz que auxilia a mulher para dar a luz.

Também nos anos 90, houve uma crise dos estados socialistas com a queda do muro de Berlim e o desmantelamento da União Soviética. Foi um período que o neoliberalismo econômico vigorou, abrindo definitivamente os mercados para a globalização. As comunidades alternativas passaram muitas dificuldades com o novo arranjo social e econômico que o Brasil vivia e muitas não continuaram. Foi o trunfo do modelo capitalista, da sociedade de consumo frente a outras formas alternativas de sociedade. Com a morte da Kenya, Guilherme passou mais tempo na fazenda de café.

Trouxe um balanço muito grande a morte da Kenya. O Guilherme se afastou e ficou dois anos na fazenda do Seu Carlos, avô da Kenya. Ele tinha um compromisso de mandar feijão, milho, café, arroz, e tudo que plantava na fazenda. Seu Carlos pensou em chamar o Guilherme para administrar a fazenda, mas na hora de optar, Guilherme optou por voltar para o Matutu. (Luiz Paulino dos Santos, 82 anos, cineasta e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Nesse período, Guilherme tirou a gravata da farda dos homens e também o verde, a corôa e as alegrias da farda feminina. Isso foi uma ruptura intencional de não querer fazer parte do resto das comunidades do Daime e a partir disso começou a sofrer críticas de outras igrejas e também de algumas pessoas da Comunidade do Matutu. Para Guilherme, a farda tradicional do Santo Daime dificultava ao tipo de pessoas que estavam chegando muitas vezes avessa as tradições. Lá no norte do país haveria a necessidade dessa roupa de gala. Guilherme

simplificou a farda, tirando a gravata que para ele é um símbolo que não tem importância, próprio da mentalidade hippie da qual faz parte. Outro detalhe é que no Matutu faz muito frio, e durante a noite as pessoas se encasacam e a farda fica por baixo de tudo. Foi instituída uma vestimenta que fosse branca para os homens e mulheres, e nos trabalhos de farda azul como as concentrações e pequenos hinários não oficiais; calça, saia azul e camisa branca sem gravata com a estrela no peito. Muitas pessoas que chegam ao Matutu vêm de uma cultura alternativa avessa as formalidades religiosas. Sendo o trabalho do Daime repleto de rituais, essa simplificação pelo que o Guilherme disse, seria mais atrativo para o tipo de pessoas que estavam chegando. Ainda tem o sentido externo, que muitas vezes é valorizado em detrimento do aperfeiçoamento interno, que seria dado a maior importância. A comunidade muitas vezes entrou em conflito, pedindo o uso da farda nos conformes do Cefluris.

Tem uma passagem na bíblia que você deve se apresentar perante Deus com suas melhores vestes. Eu acho que é da origem, as pessoas quando vão rezar escolhem as melhores roupas, vão à festa, na presença de Deus. Para mim é ao contrario. Deus não vai olhar se você se veste bem. As vestes boas têm que ser a bondade, o amor. É isso que tem que ter, eu concordo com o Guilherme nisso. O Cefluris é igual a todas as igrejas do mundo e se penduram nessas coisas e começam a inventar rituais. Teve uma época que o pessoal aqui começou para puxar para farda, “vamos colocar...” Teve um trabalho que tinha uma pessoa de farda e estava incomodada e falou sobre isso, e o Guilherme pediu para que não voltasse mais. Aqui é diferente do Cefluris. As pessoas que se incomodam a gente fala para ir ao Cefluris. (Mariano Dirube, 72 anos, artesão e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em outubro de 2015).

Outra diferença da igreja do Matutu com as outras igrejas do Daime do Padrinho Sebastião é que têm uma chefia autônoma. A maioria das outras igrejas tem o Alfredo Gregório de Melo como líder máximo vivo. Ele tem o poder de orientação de muitas igrejas que nasceram a partir do movimento de expansão que o Padrinho Sebastião realizou. A igreja do Matutu tem a direção na mão do Guilherme França, líder reconhecido por toda a comunidade da Reserva Matutu.

Alfredo Gregório de Melo visitou a Comunidade da Reserva Matutu em 1993. Na ocasião, pediu ao Guilherme para dar o nome dos filiados da igreja do Matutu. Guilherme sentiu logo a manobra de enquadramento e dentro da “força”, segundo ele, teve habilidade de lidar com a situação respondendo que faria isso para o amigo irmão Alfredo, mas que não queria que esses nomes fossem colocados em nenhum livro do Cefluris.

Guilherme disse em sua entrevista que considera o Alfredo Gregório, líder do Santo Daime, como irmão, e não como superior a ele, pois quem tinha dado ao Guilherme o Daime tinha sido o pai dele, o Padrinho Sebastião. Assim também se sentia querido pelo Alfredo e disse que o Alfredo uma vez falara a ele que o considerava como o Valdete (irmão do Padrinho Alfredo) e considerava toda a família dele como a sua. E ainda disse que o que ele precisasse ele poderia pedir. Assim o trabalho do Daime no Matutu foi sendo abençoado mesmo que não fizesse parte da instituição e não tivesse diretamente sob as ordens do Padrinho Alfredo. O Guilherme diz que quis deliberadamente fazer a sua história paralela a do Padrinho Alfredo, que apesar de considerar o trabalho, o colocava nivelado na mesma situação. O Padrinho Sebastião que o autorizou a abrir as sessões e lhe entregara trinta litros de Daime, então a história era direta com o velho. Assim o Guilherme alterou a farda e se sentiu no direito de mudar as datas dos trabalhos de concentração para a lua nova e hinários de estudo na lua cheia. Não havia mais os dias estipulados pelo Mestre Irineu que eram dias 15 e 30 de cada mês. Perguntei a ele sobre essas mudanças e ele falou que na montanha estamos mais ligados na lua do que no calendário dos dias mensais. Apenas o dia de pagamento dos funcionários de sua fazenda é que ele ficava ligado, mas ele assesta que na lua nova e cheia as emoções se intensificam, propícias para o trabalho espiritual. Ainda disse que ainda muito jovem conheceu um místico que lhe passara informações sobre se preservar nessas datas para não copular. Juntou o trabalho espiritual do Daime nesses momentos cíclicos da lua, onde no Daime não deve ter relação sexual três dias antes e três dias depois da sessão.

Guilherme diferentemente de outros chefes e guias espirituais do Daime não é chamado de padrinho⁶⁴. Apesar de ele ser um padrinho, pois ele em suas atitudes demonstra atitudes paternas e a sua liderança é incontestável pela comunidade. Mas a Comunidade do Matutu não têm o mesmo hábito de outros centros do Santo Daime do sul/sudeste de pedir a bênção ao líder de igreja. Isso seria um hábito nortista/nordestino, quando lideranças espirituais dão as bênçãos para os membros de sua comunidade. Este é um sinal de reverência além de pedir a proteção do líder da comunidade. Na comunidade do Matutu nunca vi alguém pedir a bênção ao Guilherme, somente os netos do Chico Corrente, hoje moradores da Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu têm esse hábito de pedir a bênção, por trazerem essa cultura do norte. Guilherme prometera ao Chico Corrente antes de sua morte, em 2012, de

⁶⁴ As igrejas do Santo Daime costumam nomear de **padrinho** os líderes de seus centros.

receber sua filha, Janaina Corrente e o marido Gerson com seus filhos, para virem morar na Comunidade. Até 2012 moravam na colocação chamada Fazenda⁶⁵ próximo ao Mapiá. Hoje estão se adaptando bem a vida no Matutu e perguntei para Janaína se está feliz morando na Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu e me respondeu que sim, “que a vida é mais fácil que no norte.” Guilherme construiu com seus recursos a casa da família Corrente, assim como cedeu uma cota da Aldeia da Comunidade em consideração que tinha pelo Chico Corrente. Guilherme França, como o Padrinho Sebastião e o Mestre Irineu abriram seus corações e sob essa “árvore sombreira” do Santo Daime muitas famílias estão vivendo e desenvolvendo seus caminhos espirituais, e contaram com os corações abertos desses líderes que compreenderam o verdadeiro significado cristão de dividir o pão.

Na década de 90, a ocupação da Comunidade da Reserva do Matutu começou a chamar a atenção tanto dos moradores do vale como do órgão IBAMA. Assim foi necessário pensar iniciativas para que a comunidade se resguardasse das acusações de estarem ocupando uma área de proteção ambiental.

Eu sabia que era um lugar muito importante pelas nascentes de água, e que tinha sido intocado. A nossa permanência foi colocada em questão exatamente por causa disso. A princípio nós não poderíamos morar em um lugar tão preservado. A gente só conseguiu ganhar isso porque provamos que a presença da gente era melhor. O IBAMA contestou em determinado momento a nossa presença aqui. A fazenda que existia aqui já tinha sido tombada, já tinha sido incorporada ao Parque, por isso mesmo que o Guilherme conseguiu comprar essas terras muito barato, porque elas não valiam nada. O Governo desapropriava terra e não pagava por isso, não indenizando, caindo de valor, porque ninguém ia mais comprar aquelas terras naquelas condições, então o Guilherme comprou o alto de serra a preço de banana. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Candido Machado explica como foi a reação dele quando viu a Comunidade da Reserva Matutu atrair muita gente para o Vale do Matutu.

Quando o Guilherme entrou pro Daime, aí as coisas mudaram um pouco. Deu uma apartada, é aquela história, começou aquele proselitismo, de quem chegava achava que era tudo do Daime, batiam na casa do Paulo à noite, com crianças, queriam morar em comunidade, e com isso o Guilherme se afastou. A gente era os diferentes, porque a gente não fazia parte. A única coisa que unia era através da escola. Um pouco a Associação que veio depois também. Mas era a escola, num

⁶⁵ A colocação chamada **Fazenda** é uma comunidade braço da Comunidade do Mapiá, e localiza-se na metade do caminho para a Vila do Mapiá. Foi administrada pelo Chico Corrente até a sua morte em 2012.

código de honra de não tocar nesse assunto, pois não tinha nada a ver com as crianças. Só que quando havia trabalhos do Daime, as crianças não vinham, e os nativos com a história de serem católicos viam com muita restrição. A gente ficou um pouco de referência pra eles. Não era oposição, mas era o "West Side". As pessoas de lá, e as pessoas de cá. Aí o pessoal têm que rotular, que aqui no Matutu tinha dois tipos de pessoas; pessoas do Daime e pessoas da Antroposofia. As pessoas da Antroposofia⁶⁶ era eu. (Candido de Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

Celso Rodrigues entende que a ocupação da Comunidade da Reserva Matutu salvou o Vale do Matutu de uma ocupação que não preservasse a natureza:

Acredito que qualquer outra pessoa que tivesse comprado isso aqui teria posto a perder. E acho que isso aqui foi guardado para que uma pessoa como o Guilherme, pudesse chegar aqui e fazer o trabalho que ele está fazendo. Isso aqui seria mais um espaço da Nestlé ou de uma grande corporação, porque aqui é muito visado porque é especial. Acho que estamos vivendo um negócio que nunca vivemos antes, então não podemos dizer que estamos fazendo o melhor que se pode fazer, não temos nada de referência, mas acredito que conseguimos levar aqui uma comunidade que as pessoas têm respeito pelo lugar, são indivíduos que têm personalidades muito fortes, e que são difíceis de dominar... O Daime tem uma participação nisso. Mas as pessoas tinham a força de trabalho, a boa vontade, talento, alguns são artistas talentosos, são pessoas de valor mesmo, mas não para a preservação. Acho que foi o Daime que garantiu esse sentimento nas pessoas. E acredito que se não tiver o Daime, vai ser difícil fazer isso, conforme a comunidade se expande e se incorpora outros valores, isso vai minando o trabalho de defesa ambiental. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Nesse momento a Comunidade da Reserva Matutu procurava desenvolver atividades para seus moradores quanto a capacidade de levantar recursos e uma das opções pela própria competência de seus integrantes foi o artesanato. Uma oficina de artes tinha sido construída e os artesãos faziam cerâmicas, roupas, tapetes, etc... Foi necessário pensar numa lojinha para que as pessoas que visitassem a comunidade tivessem acesso aos artesanatos produzidos. Um dos produtos que seria desenvolvido pela comunidade de forma associativa seria o prisma d'água⁶⁷. Também havia necessidade da comunidade de uma escola que atendesse os seus filhos. No começo da Comunidade da Reserva Matutu, as aulas eram dadas pelos próprios

⁶⁶ **Antroposofia** foi fundada no início do século XX por Rudolf Steiner e tem seus fundamentos baseados na Teosofia. Steiner aplicou a sua filosofia em muitos segmentos da vida em sociedade e aspectos do ser humano como a educação, a agricultura, a arquitetura e etc...

⁶⁷ **Prisma D'água** é um artesanato feito de vidro que possui diversas formas como estrelas, diamantes, cubos, etc... que quando preenchido de água e tem o sol incidindo diretamente, reflete um arco iris no ambiente.

pais. Estes ganhavam um crédito, não existia o dinheiro envolvido nesse momento, da qual tinham direito a certos benefícios como alimentação, ao consumo do Daime além de poderem ser aceitos pela comunidade para obterem cotas.

Eu trabalhava em todas as atividades aqui dentro por créditos. No começo era pra comida e tinha direito a tomar Daime. Se fosse mulher ia pra cozinha, se fosse homem podia escolher, ir pra obra, podia carregar pau, e podia trabalhar na escola também. Eu mais trabalhava na escola que todos porque era professor de Matemática, tinha uma carga horária muito grande, mas algumas eram professoras como a Ângela e trabalhava na cozinha também. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Pessoas como o Celso moraram na comunidade sem levantar recursos em dinheiro nenhum durante um período. Guilherme explica que tinham que “lamber o sal” juntos durante pelo menos alguns anos para garantir uma cota na Aldeia da Comunidade. Foi isso que muitos fizeram. Trabalharam comunitariamente até conseguirem construir suas casas. Hoje os filhos desses fundadores estão ganhando cotas também. Há um envolvimento desses jovens que querem continuar no Vale do Matutu e construírem suas novas famílias ali.

A maioria foi ficando, fazendo a vida aí. Qualquer um pode ir embora, mas não os “dinossauros”. Nunca tive o pensamento de ir embora, passei dois anos sem um real no bolso, mas com saúde. Não tomo remédio até hoje. (Mariano Dirube, 72 anos, artesão e morador-fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em outubro de 2015).

Nos anos 90 foram instituídas várias iniciativas para lidar com as problemáticas que a Comunidade da Reserva Matutu enfrentava, para Luiz Midea essa fase seria um momento “institucional” que o grupo começava a viver.

Teve a fase “institucional”, porque teve todos esses ataques do governo, saiu no jornal que a gente era o terror do sul de Minas, o livro do Zé Pedro⁶⁸ que atacava a gente também, então a gente teve que se organizar, a gente foi no Ministério Público, pois saiu uma material bem mal sobre a gente, com o delegado de Caxambu falando da gente. Antes fomos no promotor aqui em Aiuruoca, e falamos que queríamos que a polícia entrasse lá, fizesse blitz em tudo. Daí o promotor acalmou a gente e falou que a gente tinha que entender que nos éramos corpo estranha na sociedade. Um monte de gente bonita lá em cima, carrão passando, o pessoal usando um chá que ninguém conhecia.

⁶⁸ **José Pedro Costa** foi secretário de Meio Ambiente de São Paulo no Governo Franco Montoro e possuiu um terreno no Vale do Matutu, embora não morasse. Escreveu um livro editado em 1995 com o título *AIURUOCA, Matutu e Pedra do Papagaio, Um Estudo de Conservação do Ambiente* sobre os bairros do Vale do Matutu e Pedra denunciando a ocupação da Comunidade da Reserva Matutu.

daonde tavam tirando dinheiro e disse que precisávamos nos apresentar, pois parecíamos muito suspeitos. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

6 – O Vale do Matutu e suas instituições

6.1 – A fase institucional

*Tudo era para atender a necessidade... Todas pra cumprir a mesma missão e buscando uma visão mais alta... mas os objetivos de cada uma são diferentes no dia a dia. A **Fundação Matutu** lida com educação, o meio ambiente, a sociedade; a **Associação de Moradores** lida com o meio ambiente no sentido de nos dar um bem estar, e lida com os tratos entre a vizinhança; a **Coopera** lida com abastecimento e a vazão de produtos. E a instituição do **Centro de Estudos da Ayahuasca** que nós fizemos também pra tomar Daime, na verdade é pra garantir a parte legal. Porque nós aqui estamos construindo uma cultura num espaço rural, numa comunidade, e tomando Daime, e num tempo atrás isso não era autorizado, e nem proibido, então a gente deixou isso instituído e criado para criar essa cultura. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em dezembro de 2015).*

Em 1993, o dono da Fazenda Matutu, Geraldo Treva, um dos grandes proprietários de terra do Vale do Matutu, morreu quando botava fogo em seus pastos. Como não tinha filhos, a fazenda seria herdada por muitos sobrinhos que acabaram vendendo as terras para alguns migrantes dos centros urbanos. A área do casarão antigo da fazenda foi comprada por três pessoas que já habitavam o Vale do Matutu: O Harvey Thorpe, o Ivo Szterling e o Guilherme França. A comunidade do Vale do Matutu decidiu instituir a Associação de Moradores e Amigos do Matutu e Pedra do Papagaio, AMA, sendo sua sede o casarão antigo da fazenda e a área ao seu entorno. Pretendia-se a partir da criação da AMA, defender os interesses de seus associados quanto à preservação do meio ambiente e cultural, buscando soluções para as problemáticas existentes no Vale do Matutu.

A Associação de Moradores e Amigos do Matutu nasceu em 1995. Com a doação do terreno que englobava o Casarão do Matutu da Fazenda Matutu, a AMA já nascia com uma área particular e com uma sede. A AMA desenvolveria os objetivos propostos em seu estatuto (2016):

Artigo 2º: Constituem objetivos da Entidade:

- 1- Zelar pela qualidade de vida de todos os habitantes do Matutu.*
- 2- Representar os moradores e amigos do bairro do Matutu perante o poder público e sociedade civil, apoiando o exercício da cidadania conforme seus direitos constitucionais.*
- 3 - Proteger o ecossistema da Bacia Hidrográfica do Ribeirão da Água Preta, onde se localizam os povoados do Matutu e Pedra.*
- 4 - Incentivar o desenvolvimento sustentável de atividades que promovam a economia local, a conservação dos recursos naturais e um futuro próspero aos jovens locais, apoiando melhorias e a evolução no tocante aos aspectos socio-econômicos, ecológicos, culturais, educacionais do lugar e também promovendo a cooperação e a ação integrada e solidária na região.*
- 5 - Apoiar as Unidades de Conservação que abrangem a área da Bacia Hidrográfica do Ribeirão da Água Preta, colaborando no gerenciamento integrado com os órgãos governamentais competentes.*
- 6 - Elaborar projetos, captar recursos e firmar convênios e parcerias com organizações governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais, para a execução dos seus objetivos.*
- 7- Contribuir efetivamente para o planejamento da ocupação equilibrada do território e ordenar a visitação saudável, educacional e reverente dos atrativos naturais do Matutu, considerando-os um patrimônio da humanidade, enquanto zona núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, conforme reconhecido pela UNESCO, respeitando valores e práticas da população tradicional e honrando as tradições ancestrais indígenas que reconheciam o Matutu como um lugar sagrado.*

A partir de 1995, tanto os moradores da Comunidade da Reserva Matutu, como a população tradicional e os novos migrantes do Vale, puderam se reunir e definir estratégias de preservação, além de atividades para recebimento de visitantes e eventos de integração entre todos os moradores. Inês Farias complementa como foi a instituição da AMA:

Quando houve a compra, eu acho que foi o Ivo Szterling que pensou que aquele monumento que é o casarão antigo da fazenda não poderia ser de uma pessoa só. É um patrimônio que deve pertencer a todos nós... ele já imaginou que aquilo seria a sede da nossa Associação... Essa idéia foi vista com simpatia, e aí na época, esses três tinham condição de colocar uma grana, por que eles

pagaram por esse pedaço... No começo a AMA foi mais representativa, eu lembro o Jairo da Lena (população tradicional) participando ativamente. O povo tradicional local tem um jeito específico de se comunicar. Nós de fora somos muito mais verbais, acho que a gente acaba ocupando espaço com o nosso palavreado, e intimidando um pouquinho. Houve época que a gente, via a Associação, fazia práticas comuns, como leilões, para arrecadar fundos para o posto de saúde, que é uma coisa que diz ao coração do povo daqui, se sentem mais envolvidos nesse tipo de coisa. O posto de saúde presta um serviço a toda comunidade, não só aos associados. A escola e o posto são estruturas da associação. São conquistas. Quando surgiu a idéia da Loja do Paiol era porque a gente queria se proteger mesmo da questão do comércio no vale. A gente achava mais saudável que a gente convergesse num ponto, que pertencesse a Associação, do que “pipocasse” comércios, assim essa alternativa tinha intuito de estimular o comércio local. (Inês Farias, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Hoje a Associação vem desenvolvendo iniciativas de regulamentação do turismo em sua área particular. Os empreendimentos existentes no Vale do Matutu podem se comunicar através da AMA, constituindo assim um espaço de discussões sobre a qualidade do receptivo e da visita que a comunidade deseja. Percebe-se que regras instituídas na área da AMA conseguem trazer um tipo de visitante que é interessante ao Vale do Matutu de comum acordo entre seus moradores. Existe uma regulamentação para os visitantes na área da AMA para que não transitem com bebidas alcólicas, não se alimentem nas cachoeiras, não passem com cachorros, não andem de roupas de banho fora das cachoeiras, não retirem plantas e que não caminhem fora das trilhas. Percebe-se uma aprovação quase unânime dos visitantes, pois podem visualizar os efeitos benéficos de tais regulamentações. No último ano tenho sido o administrador da Loja do Paiol, loja de artesanato local da Associação de Moradores e tenho feito perguntas aos visitantes e vejo que a maioria fica impressionada com o que acontece no Vale do Matutu quanto a sua preservação. Isso é graças ao comprometimento da população do Matutu, que junto a AMA vem desenvolvendo ações que visam proteger o Vale do Matutu de um turismo predatório.

Um dos aspectos desafiadores para a gestão da Associação e também da Fundação Matutu é a integração dos sujeitos que compõe o Vale do Matutu. O histórico do Vale viu uma relação servil entre os poucos donos das fazendas e os seus empregados. Como dito anteriormente, as pessoas trabalhavam não por um salário, mas em troca de fubá e leite, e o direito de plantar e criar porcos e galinhas que eram vendidos na cidade. Com a chegada dos migrantes, essa população passou a ser contratada e assalariada. Há exemplo de uma família tradicional que abriu um restaurante (Tia Iraci) que se tornou famoso inclusive. Houve uma

prosperidade a partir da chegada dos migrantes que trouxeram recursos e trabalho. As três famílias dessa população tradicional que compõe o Vale do Matutu vêm se entrosando pouco com os migrantes, e o que os distanciam principalmente são as diferenças culturais. A AMA e a Fundação Matutu procuraram amenizar essa distância cultural. Embora o convívio seja pacífico, é na escola que se percebe dois grupos distintos e distanciados. Pela minha observação enquanto estive como estagiário na Escola Municipal Serra do Papagaio, existe um grande desafio de integração desses dois grupos de distintas identidades. Outro fato observado é que os novos migrantes que chegaram ao Vale para morar nos últimos anos têm um período de adaptação e muitos acabam sendo considerados outsiders para os antigos migrantes alternativos, segundo conceito de Norbert Elias. Para os antigos moradores da Comunidade da Reserva Matutu, essa migração mais recente muitas vezes trazem pensamentos burgueses individualistas dissonantes com a proposta de ocupação dos primeiros migrantes.

Guilherme França chegou ao Matutu como um grande proprietário de terras, embora não repetisse a relação servil dos antigos fazendeiros. A Comunidade da Reserva e seus moradores, baseados em seus depoimentos, mostra que não se relacionavam muito com a população tradicional. Paulo Machado e o Candido tinham mais acesso a eles, por serem mais ligados a um catolicismo e pela escola Arcanjo Miguel. O Daime era algo muito diferente para a população nativa do Vale do Matutu. A AMA tem esse papel, junto da escola e a Fundação Matutu de achar soluções para esse distanciamento. Um dos aspectos de confronto entre as identidades era que a população tradicional no passado colocava fogo nos pastos e caçava.

A caça é um absurdo, aqui juntavam dezenas de cães com latidos e ouvíamos os tiros vindo da serra. Quanto ao fogo, no momento em que não se reprimia as queimadas, os fazendeiros queimavam controlado, com pessoas para combater, mas com a criminalização, hoje uma pessoa coloca fogo criminoso e vai embora sem dominar a queimada. Na época era uma questão social, pois todos viviam do leite e dos pastos. Reconheço o esforço do Guilherme França quanto à eliminação das caçadas no Parque e na serra. (Paulo de Alencar Machado, 72 anos, proprietário da Pousada Matutu e primeiro migrante que se fixou no Vale do Matutu a partir de 1978. Entrevista concedida em agosto de 2015).

Com a chegada das pessoas que formaram a Comunidade da Reserva Matutu, houve um enfrentamento de tais práticas. A partir daí criou-se uma Brigada de Incêndio que hoje é referência na região. Nos últimos combates a incêndios que participei pude notar a presença de jovens da população tradicional. Isto é reconhecido como uma conquista ao esforço de

conscientização da população tradicional do perigo dos incêndios florestais. Esse trabalho tem sido reconhecido também pelos órgãos públicos na área de amortização do Parque Estadual da Serra do Papagaio (PESP), e com isso a Fundação Matutu passou a atuar efetivamente nas suas decisões. Quando o PESP foi instituído em 1998, muitas fazendas se encontravam dentro da nova delimitação do Parque. A discussão entre proprietários e o Parque Estadual Serra do Papagaio foi mediado através da Fundação Matutu, que orientou para que as construções que estavam dentro dos limites do tracado do PESP, ficassem fora do Parque, já que o governo não teria dinheiro para a indenização. O principal foco de atuação foi retirar o gado dos altos da serra, pois estes são considerados os principais inimigos, já que o proprietário quando têm gado, costuma colocar fogo nos campos⁶⁹, além de ser um hábito desses animais quando vão morrer se aproximarem dos mananciais, poluindo as nascentes. A Fundação Matutu compreendeu que é melhor ter parceiros ambientalistas proprietários de terras que são limites do PESP, pois cria-se a partir disso uma zona de amortização que coíbe tanto caçadores, como o gado no Parque e consequentemente os incêndios florestais.

Guilherme França segundo Luiz Midea dizia para os integrantes da comunidade o seguinte: “a gente não pode ser só legal, a gente tem que parecer legal, então vamos cortar os cabelos. Não basta ser honesto, tem que parecer honesto.” Como definiu bem, Luiz Midea diz que a fase institucional trouxe essa coisa de “qual é a interface que a Comunidade terá que ter com a sociedade”, quando vinha uma política do Parque Estadual Serra do Papagaio querendo desapropriar, então foi um momento do grupo se apresentar e também lidar com essas questões de políticas públicas, com as questões ambientais no Parque e desenhar uma fundação com esse fim. A Fundação Matutu teve um “DNA” desde o início pra isso, de defesa da comunidade.

O Vale do Matutu vem sendo preservado pelo esforço de parte de sua população, principalmente os migrantes que vieram com uma visão ecológica de não desenvolvimento. Prova disso foi o Plano Diretor proposto pela Fundação Matutu em 2010 que tentou fazer um plano de ocupação que não foi aceito por parte da comunidade geral do Vale do Matutu. Tinha o apoio da Comunidade da Reserva Matutu, mas algumas pessoas se sentiram lesadas e minaram junto à população tradicional a sua efetivação. Haveria restrição de construções nas propriedades, além de colocar um tamanho mínimo para obter-se a escritura. A população tradicional, já limitada em pequenas faixas territoriais não concordou. Pensavam que

⁶⁹ Existe o costume dos criadores de gado que estão nas proximidades do Parque Estadual Serra do Papagaio atear fogo nos campos nos meses de agosto para que quando as chuvas que começam a cair a partir de setembro, haja a brotação dos campos de altitude, alimento ideal para o gado pastar.

poderiam perder o direito de construir em seus terrenos. Acreditavam que o plano diretor poderia limitar a possibilidade de construirem casas para os filhos ou casas para aluguel, já que começavam a ter demanda por um turismo. Embora essas áreas da população tradicional não entrassem no plano diretor, justamente para salvaguardá-los, estes acabaram sendo envenenados por moradores migrantes do vale que viam o plano diretor restringindo suas liberdades. A AMA teve o papel de conversar com os moradores do Vale do Matutu para uma apreciação clara do que seria o Plano Diretor tão fundamental para “segurar” um desenvolvimento possivelmente destruidor e não teve sucesso frente às adversidades que apareceram e minaram o processo.

O projeto proporcionou a gente contratar muita gente interessante, técnicos que fizeram o levantamento, e também sobre a própria construção da proposta. Na hora do processo participativo, eu particularmente acho que houve uma contaminação. Alguns moradores do Matutu que tinham bastante restrição com o fato de a gente ter uma ferramenta de controle, ou de quem é que estava envolvido no projeto. Era um processo totalmente transparente, mas começou a contaminar, colocando dúvidas, principalmente junto ao pessoal local que tem menos acesso a leitura, a estudo, e começou aquela coisa, ainda mais em Minas Gerais, né, “onde tem fumaça, então deve ter fogo”, Então as pessoas começaram a ficar bastante ressabiadas, e como tocava em pontos ligados a terra, pontos bastantes viciais, começou a emergir conflitos. Por exemplo: a gente tinha que partir de uma proposta, mas tava bem claro de que não era uma proposta final, era uma proposta de ponto de partida, no entanto algumas pessoas contaminadas acharam que a gente queria empurrar goela a dentro uma proposta pronta. Por mais que a gente falasse que não era isso, essas pessoas não entendiam que era esse o processo. Achavam que devia ter algum interesse aí. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

Inês Farias observa o perigo que o Vale do Matutu corre frente a chegada de pessoas que não tem a mesma visão ecológica e que acabam querendo um desenvolvimento que em nada beneficia o bem estar dos seus moradores:

Uma época eu fique muito preocupada sobre o crescimento que via acontecer no Matutu, as coisas vão complexizando, traz hábitos da cidade. Por isso a gente tem que firmar nos nossos valores, quem chega às vezes demora “a cair a ficha”. Na escola teve um probleminha, já queriam fazer “BO”. Em vez de querer conversar. A gente tá aqui que é pra se ajudar. E progredir juntos. A insegurança da sobrevivência faz todo mundo querer lutar, às vezes competir, por isso é legal existir a

Associação que algo desse individual deve vir para o coletivo. Esse coletivo decide e retorna para o próprio coletivo. Se a gente tem uma recepção que segura a onda dos visitantes, é porque esse coletivo banca isso. Se mantém limpinha a cachoeira é porque o coletivo banca isso. (Inês Faria, 52 anos, educadora e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Há entre os migrantes urbanos tanto da Comunidade da Reserva Matutu e outros moradores do Vale uma concordância de não trazer o desenvolvimento para o Vale, por reconhecer os danos que isso poderia irreversivelmente causar. A AMA tem esse papel de discutir e problematizar a qualidade do visitante que vem, não estimulando o turismo predatório, e afirmando o Vale do Matutu como lugar de cura, silêncio e de passeios ecológicos. A AMA também incentiva a produção do artesanato local, desestimulando outras lojas que poderão concorrer com os artesãos locais e tirar sua renda que hoje é atribuída a visita ao Vale do Matutu. A Loja do Paiol é uma iniciativa da AMA e começou a funcionar em 2003. Desde então muitos moradores do Vale conseguem parte de sua sobrevivência expondo seus produtos artesanais na Loja do Paiol, localizada ao lado do Casarão do Matutu, ponto estratégico da chegada dos visitantes.

A Loja do Paiol é uma coisa preciosa. Um dos fatores que ajuda o sucesso das comunidades é achar uma solução econômica. Existe algo que favorece a sobrevivência do grupo. Que aí ninguém fica preocupado que vira a selvageria capitalista. Cada um por si, Deus por todos. Farinha pouca meu pirão primeiro. (Ines Faria, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A Coopera do Matutu é outra iniciativa da AMA, que possibilita escoar a produção artesanal de produtos alimentícios do Vale do Matutu e entorno além de funcionar fazendo compras conjuntas de alimentos integrais a baixo preço para os associados.

A Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu concebeu um estatuto regulamentando as práticas de convivência a partir da necessidade de melhorar a qualidade de vida de seus moradores. Uma das regras é a proibição de animais domésticos em função da proteção da fauna/flora. Não pode ter cercas de arame farpado ou muros entre as casas, nem parabólicas ou luz fria a vista. A fiação elétrica que vêm dos postes de luz em grande parte são enterradas para não prejudicarem a paisagem. São medidas que apelam para a importância da estética, tornando a comunidade exemplo para o resto do Vale do Matutu como uma ocupação harmoniosa.

Aqui nós fomos deixando as árvores crescerem, plantamos as frutíferas. Cada um no seu terreno ia plantar o que gostava, todo mundo com consciência ecológica, de não estragar. Preferimos não colocar os fios aparentes, ensinamos os filhos a não usar sabonete nos rios, que tinha gente usando a água lá em baixo, de não jogar papel no chão, ter esse super cuidado. Quando a gente chegou aqui a gente tinha três cachorros, as coisas foram mudando. A gente começou a ver que os cachorros latiam de noite e incomodavam. Aí tinha gato, e víamos que pegava os passarinhos. Eu mesmo gosto muito de bicho, se eu não morasse aqui teria cachorro, mas não sofro por não ter cachorro. Eu compreendo se todo mundo quisesse ter cachorro aqui seria pior. Não é a coisa mais bonita ter fio, se pudermos fazer, é bom, e fizemos. A CEMIG não faz esse serviço. Quando os caras chegaram aqui, falaram que não dava, mas a gente fez assim mesmo. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundaor da Comunidade da Reserva Matutu Entrevista concedida em janeiro de 2016).

7 - A Educação no Vale do Matutu

A educação no Vale do Matutu esteve fundamentalmente ligada a migração das pessoas que chegaram no início dos anos 80. Antes da chegada dos alternativos, existia uma escola a seis quilômetros no bairro vizinho da Pedra.

Candido Machado conta que no início dos anos 80 começou um projeto de colônia de férias com crianças de fora, filhos de amigos seus, mas sentindo a necessidade local de uma escola, ele e seu irmão Paulo começaram a planejar a criação da escola:

Aqui as crianças tinham uma escola lá na Pedra, a seis quilômetros daqui, não tinha estrada, iam a pé, e uma professora que dava aula para quatro classes, aí a gente pensou assim: “pôxa, a gente tá querendo trazer crianças de fora e as daqui precisando demais. Elas aqui nem tinham sapato, pra você ter uma idéia. Não tinham banheiro nas casas. (Candido Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

A escola segundo o Paulo Machado passou a ter sentido social. Era uma busca pela coletividade. Foi um período de ajuda, mutirão e doações durante a construção da Escola Arcanjo Miguel a partir de 1985. Havia um entrosamento com a comunidade local pela necessidade de se ter uma escola no Vale.

O foco do trabalho da gente era a escola. Através da escola é que a gente tinha a esperança de mudança que queríamos... sempre tivemos que ter esse critério de ter muito cuidado religioso, de respeitar a tradição das Folias de Reis, de valorizar, e a antroposofia na verdade é cristã, e São Miguel Arcanjo para eles daqui era feriado, que eles chamavam de “dia grande”. Porque era um santo de devoção muito forte dos nativos em geral. Não trabalhavam nesse dia. Então quando a gente colocou o nome de São Miguel Arcanjo tinha a ver com a cultura deles. A gente botou um nome esotérico, e por coincidência a igreja do Daime pegou esse nome. (Candido Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

Segundo a educadora Mara Lucia Moreira Barbosa a educação no Vale do Matutu começou com a fundação da Escola Arcanjo Miguel no dia 30 de setembro de 1985, e tinha apenas uma série com crianças de diferentes idades. Ainda nesse tempo o Guilherme França não morava no Matutu e os estudantes pertenciam a comunidade tradicional do Vale. A Pedagogia Waldorf⁷⁰ inspirou as professoras Jurocê e ela própria, mas também a teoria construtivista estava presente em sala de aula. Mara relatou que seguiam o currículo nacional PCn e a escola só foi oficializada a partir de 1987, quando ela, que já tinha trabalhado com educação, resolveu fazer um projeto, da qual foi aceito. Mara lembra que a filosofia da Escola Arcanjo Miguel trazia na pauta a prática da construção da cidadania. Assim quem fazia a escola eram os pais, sendo as professoras mediadoras. Com a chegada dos novos migrantes, estes vieram acrescentar e suscitar novos desejos. Para Mara, uma atitude de escuta, humildade, paixão, entrega, delicadeza e ternura de paixão compartilhada coletivamente são os ingredientes para se fazer uma escola. Segundo Mara:

Mas é importante saber que todo gesto que tem por objetivo levar à aprendizagem há inexoravelmente uma opção teórica, mesmo que ela não seja explícita. Conhecer a LDB⁷¹ é essencial para fundamentar nossas defesas sempre que fôr preciso. (Mara Lucia Moreira Barbosa, educadora e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em abril de 2016).

Logo que a família de Guilherme França mudou para o Matutu em 1986, seus filhos começaram a estudar na Escola Arcanjo Miguel. Em pouco tempo decidiram que a Ata e o Manno não deveriam mais descer para o Vale para ter aulas, e assim foi decidido que a

⁷⁰ A **Pedagogia Waldorf** é baseada na filosofia de educação de Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia. Tem por filosofia integrar de maneira holística o desenvolvimento humano para adquirirem competências sociais, seres integrados e moralmente responsáveis. No mundo há mais de mil escolas Waldorf em mais de sessenta países, inclusive o Brasil.

⁷¹ **LDB** - Lei de Diretrizes e Base é a lei orgânica e geral da educação brasileira.

Kenya, esposa do Guilherme daria aulas para seus filhos. As aulas eram então dadas debaixo de uma árvore de forma bastante intuitiva.

A partir da mudança de muitas famílias de migrantes para a Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu em 1989, muitos adolescentes necessitaram estudar. Então a primeira coisa que aconteceu na Aldeia da Reserva Matutu foi uma escola informal concomitantemente com a Escola Arcanjo Miguel.

Havia um espaço todo de plástico que de manhã era servido o café da manhã, daí desmontava e virava escola. Quando acabava a aula, desmontava e fazia-se o almoço, e depois também virava a igreja. Depois da oração, montava de novo e virava refeitório. Tinha um quadro negro, eu dava aula de Matemática para duas turmas, isso em 1990, é o ano em que começo a dar aula para o Manno (filho do Guilherme), Aton (genro do Guilherme), eles estavam estudando a quinta série, a Ata (filha do Guilherme) junto com a Andrina (filha da Nina) estavam na quarta série. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A Escola Arcanjo Miguel continuou atendendo as crianças do Vale do Matutu, principalmente a população tradicional. Houve a necessidade de criar uma escola na Aldeia da Reserva Matutu que fosse mais abrangente, contemplando crianças de diversas idades. A comunidade estava crescendo e a demanda por um ensino fez com que diversos pais se mobilizassem para dar aula.

O meu primeiríssimo trabalho com educação no Vale do Matutu foi quando eu fui atrás de mães, eu falei se elas queriam se juntar para fazer juntas uma escola de jardim da infância... A gente planejava e iamos três vezes por semana ali, na Escola Kenya na Comunidade. A gente oferecia esse Jardim da Infância e a turminha era: Guido, Juliana, Rubian, a Rose filha do seu Matheus e Dona América.. Era muito especial, porque éramos as próprias mães, a gente se revezava nos dias, mas planejávamos juntas. Cada uma levava o lanche das crianças. Era tudo intuitivo. Já tinha a construção da Escola Kenya pronta. O ano de 1992 foi em que cheguei aqui no Vale para morar e começamos esse movimento. Ali já existia uma escola informal dos mais velhos. Eu gostava de ver que tinha essa iniciativa comunitária. Isso sempre me comoveu. (Ines Faria, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Celso explica como foi a dinâmica das construções da Comunidade da Reserva Matutu. Nesse tempo a capa vegetal da encosta onde se encontrava a Aldeia da Reserva

Matutu era bem pequena, formada por pastos da antiga fazenda. As pessoas que viviam na encosta oposta começaram a ficar incomodadas com aquela movimentação:

A escola Kenya foi uma grande transformação. Aí começou o movimento contra a gente de fora da comunidade. Porque a gente fez uma grande terra plenagem ali, que mexeu muito com o espaço, e o pessoal do lado de lá pensou: “a favela começou.” Já tínhamos vários plásticos que dava pra ver, que hoje viraram casas. Aí o Guilherme arrumou um trator que fez uma baita de uma terra plenagem, um campo de futebol, isso criou um mal estar enorme. Depois da construção da escola, veio o refeitório e em seguida veio a igreja definitiva. A Casa de Pedra que hoje é o atelier de pinturas foi a última. A igreja foi inaugurada em 1995 no dia de São Miguel. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2016).

A escola Kenya recebeu esse nome em homenagem a companheira falecida do Guilherme, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. O Santo Daime se fazia presente em muitos espaços da comunidade, inclusive na escola, onde possuía uma foto do Mestre Irineu na sala de aula. Isso incomodou a Inês, que por não ser daimista, resolver descer para a escola Arcanjo Miguel com suas filhas e como professora também.

Até que chegou um dia que eu me senti desrespeitada, foi um dia que a gente tinha programado uma atividade que era um teatrinho, aí chegaram dizendo que não ia ter isso que as crianças iam tomar Daime. Eu falei: “-Desculpa, vocês vão tomar Daime, eu não vou dar pras minhas filhas porque eu não tô nem convencida que isso é uma coisa que deva dar pras crianças, me perdoe, mas eu não vou nem vir mais aqui.” Aí em casa eu refleti e pensei que precisava falar com eles. “-Da mesma maneira que eu respeito a maneira de vocês eu quero que vocês me respeitem. E não insistam mais comigo. Porque eu estou aqui trabalhando com vocês e respeitando a escolha de vocês.” Eu ali tomei uma decisão que no ano seguinte minha filha ia pra escola lá de baixo, que era a Arcanjo Miguel. Eu espontaneamente me uni onde tinham as crianças, livre de qualquer preconceito, pouco me importa se é mulçumano. No ano seguinte já desci pra Arcanjo Miguel e já ofereci meu trabalho ali. (Ines Farias, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

Percebe-se que a Comunidade da Reserva Matutu tinha o Santo Daime como eixo central, e que isso influenciava na escola também. Isso restringia a participação de pessoas que não tomavam o Daime, como é o caso da Inês e da população tradicional. A partir disso começou uma reflexão interna se a Comunidade se isolaria ou se abriria para o mundo? A escola deveria ser esse espaço de lidar com as diferenças e a comunidade mesmo tendo aberto para pessoa do vale, colocava símbolos não laicos, dificultando a aceitação de outros

membros da comunidade maior do Vale do Matutu. Foi aí que começou um movimento de descer a escola para o Vale e possibilitar a integração de todas as crianças, com suas diferenças e distintas identidades culturais. Concomitantemente com a mudança de prefeitura, começou-se a questionar a legitimidade da escola Kenya que era informal. Os alunos que iam acabando o segundo grau na Escola Kenya faziam um teste no município para adquirir o diploma.

O fim da escola comunitária foi um momento de ruptura muito grande. Os alunos da Escola Kenya agora seriam mandados pro Tamanduá, em um bairro rural vizinho. O que aconteceu foi o seguinte: Em 1997 e 98 começa a ser colocada em dúvida a capacitação das crianças na escola. O planejamento era colocar TELECURSO pras crianças, foi terrível. Teve uma reunião que toda a comunidade se juntou na igreja para opinar sobre a escola. Foi um momento de muita reflexão e muita conversa para um resultado terrível. Vínhamos com uma proposta inovadora tipo “Escola da Ponte”⁷² e as pessoas não quiseram arriscar. Deixar as crianças fazerem o que elas gostam, deixar de ter sala de aula e fazer na prática aquilo que a gente acredita. Os pais da comunidade optaram por um ensino tradicional. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A Comunidade da Reserva Matutu teve um processo educacional bem intuitivo em seu início, embora um pouco fechada em si, mesmo aceitando crianças e adolescentes de fora da Comunidade. A influência do Santo Daime presente na sala de aula em retratos de seus mestres afugentou algumas pessoas que não se viam parte do Daime, como foi o caso da Inês. Em seguida houve uma pressão da secretaria quanto à legalidade da escola. Por fim os pais da Comunidade decidiram enviar seus filhos para estudarem em um bairro vizinho na escola pública do município de Aiuruoca. Mesmo sendo distante e os filhos perderem horas em estradas muitas vezes péssimas, a maioria da comunidade optou por isso com objetivo de adquirirem o diploma. A Escola Kenya continuou para os mais novos enquanto os mais velhos seguiram para o Tamanduá. Segundo Celso Rodrigues foi um burguesamento da comunidade voltado a interesses urbanos que fez a Escola Kenya acabar e os pais preferirem a certeza de estarem cursando uma escola formal com aceitação do estado.

Quando a Juliana minha filha estava no Tamanduá, não era o tipo de educação que eu acreditava. Comecei a articular com as mães nativas. Todas diziam que preferiam uma escola aqui no Matutu. Paralelo a isso tinha essa escola na comunidade que atravessava uma crise. Tinha o povo do

⁷² A **Escola da Ponte** é uma iniciativa de José Pacheco e seus companheiros, que aplicaram um método de ensino inicialmente na cidade do Porto em Portugal que se baseia nas chamadas escolas democráticas, ou seja, uma pedagogia que fornece ferramentas para um protagonismo dos alunos à sua educação.

lugar, não que a comunidade quisesse excluir, ao contrário queriam incluir de coração, mas certos fatos já excluía que era a foto do Mestre Irineu na sala de aula, e o povo católico acaba tendo um pouquinho de resistência. Na época era mais. Eu dizia: “-Se vocês querem incluir, vocês tem que tirar essa foto da sala de aula.”, E uns diziam: “-Não fiz nenhum esforço para colocar, não vou fazer para tirar.” Eu falei que isso tinha conseqüências, e foi saindo o povo nativo. Eu comecei a pensar que devíamos fazer uma escola que descesse e contemplasse a todos do Vale. Daí os da Comunidade descem e os daqui se sentem mais livres e mais próximos a eles. Na minha cabeça a escola tinha que ser na Pedra (seis quilômetros do Vale do Matutu), porque eu já tinha percebido uma dinâmica que o Matutu era o centro do universo. E já existia uma rixa entre Matutu e Pedra e lá tinha uma estrutura de prédio da prefeitura parada. (Inês Farias, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A prefeitura estava preste a mudar de governo e a estratégia foi chamar os prefeituráveis para uma reunião no Casarão do Matutu.

A proposta era que eles revertissem o valor gasto no transporte para o Tamanduá para pagar um corpo docente da comunidade e reformar a Escola Municipal Tarso Dutra no bairro da Pedra para ter quatro salas. Os três disseram que se ganhassem, beleza. E seu Ari ganhou e cumpriu tudo. Fizemos divisórias de madeira, pintamos a escola... dávamos as cartas, e a gente perguntou para a comunidade quem queria trabalhar nessa escolinha. A Dona Marlene era secretária de educação, deu um super apoio pra gente. Ela só começou a abrir edital depois de alguns anos, porque outras escolas como a do Tamanduá começaram a reclamar. Acho que eles achavam que ganhavam menos, tinham uma ciúmeira. A gente tinha uma equipe de professores que estava coesa. (Inês Farias, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

A Escola da Pedra foi um momento em que o corpo docente era todo do Matutu, principalmente da Comunidade da Reserva. Agora estes tinham melhores salários e os filhos a certeza do diploma. Houve uma tendência a pedagogia Waldorf, de Rudolf Steiner, que agradava a maioria, mas apenas poucos professores tinham a formação ou estavam se formando. Ao passar dos anos, interesses pessoais levaram o grupo que inicialmente era coeso ir se separando. A Escola entrou em crise e a insatisfação de alguns pais do Vale do Matutu que não viam sentido em seus filhos terem que andar às vezes seis quilômetros para irem à escola enquanto podiam ter uma escola no Vale do Matutu. Foi quando por iniciativa de alguns pais da população tradicional e com a aceitação da Comunidade da Reserva decidiu-se por meio de mutirão construir um prédio na área da Associação de Moradores onde se ergueria a nova escola batizada como Escola Municipal Serra do Papagaio e ainda estaria vinculada a prefeitura. Primeiro a escola funcionou por um período no próprio Casarão do

Matutu. A necessidade de ter uma escola mais próxima uniu o Guilherme e o Paulo Machado. Eles arregaçaram a manga e se puseram a construí-la. Ficou pronta em 2008. A partir disso as duas personalidades mais fortes do Matutu deram as mãos e o Matutu viveu um novo período reflexo dessa aliança. De 2008 pra cá a Escola tem enfrentado altos e baixos, muitas vezes tendo a influência da Secretaria de Educação não muito alinhada aos interesses dos pais da Comunidade da Reserva Matutu. O ensino ainda é tradicional, embora a comunidade ainda consiga que projetos sejam contemplados beneficiando os alunos. A cada gestão nova da prefeitura a coisa muda toda, e a Comunidade do Matutu fica refém do estilo educacional do secretário que assume. A verdade é que na Escola Municipal Serra do Papagaio tem muitas identidades bem distintas, com interesses às vezes antagônicos, mas a tendência que eu tenho visto é da comunidade como um todo se ausentar das decisões por se sentir fraca perante a poder público e por não querer mexer em algo que já foi uma conquista. Pelo menos seus filhos têm uma escola próxima de suas casas e sem custo nenhuma para a comunidade, já que os salários e a manutenção são pago pela prefeitura.

A gente precisa se fortalecer como grupo, para saber o que desejamos como grupo e com a educação, ter a clareza quando tivermos em momentos de transição. Essa escola foi uma conquista da comunidade, quando temos uma força comunitária, o município não pode ignorar disso. (Inês Farias, 52 anos, pedagoga e moradora do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

8 – A História do tempo presente da Comunidade da Reserva Matutu e seus desafios

8.1 – A fase empreendedora

O Vale do Matutu a partir da migração dos anos 80 vem se complexizando, adquirindo uma nova “cara” frente aos desafios do mundo moderno globalizado. Muitos moradores da Comunidade da Reserva Matutu conseguiram se estabelecer financeiramente dentro do Vale sem precisar recorrer às cidades devido ao aumento da visitação turística, enquanto alguns ainda buscam fora o seu sustento, principalmente vendendo os produtos artesanais da região nas cidades grandes. Algumas pousadas surgiram além de restaurantes, padaria, spa, bar, café, espaços terapêuticos e novos sitiantes endinheirados que acabam empregando uma mão de obra que até os anos 90 tinha que sair do Vale para sua sobrevivência. Para Luiz Midea esse momento foi a “fase empreendedora” da Comunidade da Reserva Matutu.

A Escola Serra do Papagaio contrata alguns professores, a Coopera e a Loja do Paiol também têm ajudado na manutenção de algumas famílias. Os guias para as caminhadas ou cavalgadas pela Serra do Papagaio também conseguem algum recurso com a visita ao Vale. Práticas terapêuticas como massoterapia e acupuntura estão presentes no SPA e nas pousadas. Um coletivo de agricultores tem estimulado jovens a se incorporar no trabalho da terra, mesmo que seja em troca do almoço ou da feira. Este grupo produz o cogumelo shimeji e pretende abastecer o Vale com hortaliças. Grande parte da população tradicional trabalha de diarista, seja como faxineiras para as pousadas e sítios, jardineiros, pedreiros ou serventes. O que vemos é que pessoas que vieram a se fixar no Vale do Matutu tiveram que reinventar suas vidas buscando alternativas para sua sustentação financeiras. Muitas pessoas da Comunidade da Reserva já traziam competências manuais e desenvolveram o artesanato. Com a vinda cada vez mais frequente dos visitantes, foram conseguindo sua sustentabilidade. O turismo demonstrou ser a entrada de divisas para a Comunidade da Reserva e a sustentabilidade de seus moradores. Alguns possuem uma renda a mais quando alugam suas casas aos visitantes nos feriados ou fazendo produtos alimentícios artesanais. Houve a necessidade de escoamento de produtos artesanais desde o início da Comunidade. Primeiro, junto a Oficina de Artes na Aldeia da Reserva Matutu, havia uma loja onde eram expostos os produtos somente da Comunidade. Mais tarde houve a necessidade de descer essa loja, então a AMA abriu a partir de 2003 a Loja do Paiol que serviria de espaço para congregar produtos artesanais de todo o Vale do Matutu e também dos bairros vizinhos. A Coopera também serviu para esse fim no que diz respeito aos produtos artesanais alimentícios.

Nos dias atuais uma leva significativa de trabalhadores vem dos bairros vizinhos para trabalharem principalmente nas obras e como diaristas no Vale do Matutu, isto comprovando um fluxo de riqueza muito maior no Vale do Matutu do que no seu entorno. Ultimamente têm vindo trabalhadores de Aiuruoca, demonstrando assim uma demanda de serviços que o Vale do Matutu tem oferecido. Em nenhum outro lugar da região as terras adquiriram preços tão elevados, demonstrando um burguesamento no Vale do Matutu com princípios bem distintos dos migrantes dos anos 80. Esse choque cultural muitas vezes é percebido quando esses novos sitiantes comprem terrenos na Comunidade da Reserva e tendem a atitudes que enfrentam as regras já estabelecidas pela Comunidade da Reserva. Um dos assuntos corriqueiros é a necessidade desses novos sitiantes de terem animais domésticos não permitidos na Aldeia. Está no estatuto esse regulamento e as pessoas quando comprem devem concordar com as regras. Alguns tendem a manter animais escondidos dentro de casa causando certos

desconfortos com outros moradores da Aldeia que, também gostariam de ter animais, mas não o tem por observância das regras. O costume de fazer churrasco, colocar música alta e outras ações que trazem de seus contextos urbanos muitas vezes são vistos pelos moradores da Aldeia com reservas. Estes acabam se excluindo pouco a pouco do convívio e com o tempo decidem ir embora, vendendo suas casas, por não se adaptarem às regras. Alguns desses novos moradores também vêm sem uma consciência ecológica que se faz necessária para viverem na Comunidade da Reserva. Vão se excluindo, se tornando outsiders dentro desse contexto.

8.2 – Os outsiders e os estabelecidos. Uma análise dos habitantes segundo Norbert Elias

Analisando aspectos citados por Norbert Elias de conceitos como “outsiders e estabelecidos”, quanto à migração a partir dos anos 80, percebe-se que os moradores da cultura tradicional não viram esses novos migrantes quando chegaram como outsiders. Primeiro porque Guilherme França chegou como um grande proprietário de terras e era ele quem oferecia os melhores salários para a população local. Quanto ao Paulo e o Candido que construíram a Pousada Matutu nos anos 80, primeiramente tiveram dificuldade de entrosamento, mas do mesmo jeito sempre foram os donos da terra e também pagavam bons salários. Embora ambos tenham vindo de famílias que se adequavam ao “stabilishment”, por suas ideologias alternativas foram ficando a margem do sistema como era comum aos hippies e alternativos, tornando-se deliberadamente outsiders em seus antigos contextos urbanos. Ao chegarem aqui no Vale nos anos 80 com seus cabelos compridos, buscavam um lugar onde poderiam reinventar suas vidas e a comunidade local que vivia completamente abandonada. Houve a necessidade de buscar pessoas potencialmente compradoras de terras que tinham afinidades de mentalidade, entre elas o pensamento ecológico e de preservação da cultura local que eram características necessárias a esses futuros proprietários.

Com a escola Arcanjo Miguel, iniciativa dos irmãos Paulo Machado e Candido, as famílias da população tradicional começaram inclusive a ter certo apreço por eles por ter facilitado a vida dos filhos estudarem no Vale do Matutu. Quando Guilherme entrou para o movimento daimista e começou a atrair pessoas para a formação da comunidade, Paulo, Candido e alguns novos sitiantes começaram a criticar essa movimentação muito por um preconceito e por não saberem onde aquela história poderia dar.

Quando o Guilherme começou a comprar mais terra que ele tinha comprado antes, o Paulo começou a ficar com inveja. Foi uma disputa de coronéis mesmo. E nesse ponto começou a ficar uma divisão até mesmo com as pessoas que tinham vindo de fora. Nesse momento a população tradicional fica de fora. Não tende a ficar do lado do Paulo somente porque o Guilherme oferece bons empregos. Tinha a turma dos nativos do Guilherme e da turma do Paulo. O Guilherme pagava os melhores salários, escolhia os melhores empregados. Ele era um empreendedor muito forte. Não era amado, mas era temido e respeitado. A Comunidade da Reserva Matutu não tinha muito interesse em se relacionar com a galera nativa. Eu diria que mudei, hoje tenho muitos relacionamentos com os nativos. Hoje prezo até muito mais uns nativos do que alguns que vieram da mesma condição social que eu. O Guilherme, por exemplo, frequenta qualquer casa e é bem recebido hoje. Têm uma nova geração de nativos como o Felipe que já flui, já vem tomar Daime... isso começou através da Fundação Matutu, que fez alguns projetos que alguns que tiveram a percepção, pegaram. (Celso Rodrigues, 56 anos, educador e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

O Daime sofria preconceito tanto do Candido, do Paulo e também de parte da comunidade tradicional. Era algo ainda muito novo no sudeste e sua compreensão devia-se a um aprofundamento. De certo que aquelas famílias que ocupavam a encosta da Comunidade da Reserva Matutu estavam no começo de um processo, talvez ainda um tanto crus, e até muitas vezes, muito comum nos iniciantes do Daime, tinham atitudes proselitistas. Essa relação entre as identidades do Vale perdurou até um bom tempo, sendo desfeito definitivamente com a inauguração da Escola Serra do Papagaio em 2008 onde precisou o comprometimento de várias forças do Vale do Matutu em um objetivo comum. Eram os filhos, as crianças do Vale do Matutu que deveriam ser beneficiadas e houve um consenso que a melhor escola é aquela que contém a diferença e a diversidade.

As pessoas vinham bater em minha casa querendo achar a comunidade do Daime e isso me assustou. Tinha o receio no que poderia se formar a comunidade, a ocupação, estava assustado com a quantidade de gente vindo, a partir daí fui desafeto do Guilherme até o momento em que tivemos que construir o prédio da escola em 2008, daí nos unimos por uma mesma causa e tudo mudou. A escola pra mim é o principal elo de ligação do vale por causa dos filhos. (Paulo de Alencar Machado, 72 anos, proprietário da Pousada Matutu e primeiro migrante a fixar residência no Vale do Matutu. Entrevista concedida em agosto de 2015).

O que aconteceu a partir daí foi uma experiência rara, onde os filhos de famílias ricas convivem com as pessoas mais simples do Vale do Matutu, e nessa relação têm a oportunidade de perceber um mundo real, bem diferente do que acontece nos centros urbanos

onde existe grande segregação social e econômica; onde ricos estudam com ricos e pobres com pobres. No Matutu a escola é um espaço desse encontro das identidades. Embora com muitos conflitos, observa-se uma problemática que muitas vezes as identidades não querem se relacionar. Durante meu período de experiência na escola entre 2012 a 2015 percebi que são culturas distintas que não colocam um ao outro como outsider, ambos sentem-se estabelecidos, mas apenas convivem no espaço escolar a qual são obrigados. Durante um ano por iniciativa minha tentei através do futebol integrar os adolescentes, criar um espaço onde ambas as identidades pudessem se relacionar com atividades a qual tivessem prazer. Apesar de estarem sempre a fim de jogar, havia “o nós e o eles”, os times eram formados pelas identidades e jamais gostavam de jogar mesclados. A população tradicional se considera nativa do Vale, e não considera aqueles que mesmo “nascendo no Vale”, mas provindos de uma outra cultura, como nativos. Mas mesmo assim não vemos bullying acontecer na escola ou em qualquer outro lugar, existe um respeito entre as identidades, mas apenas não querem se relacionar mais intimamente. Tanto que não vemos meninos ou meninas da Comunidade da Reserva Matutu namorando alguém da população tradicional. Os poucos casos que acontecem são entre adultos, e são excessões. Certamente podemos perceber que a população tradicional em sua maioria é empregada dos novos migrantes, havendo uma relação restrita no âmbito do trabalho. Não percebo que há muito interesse das pessoas da Comunidade da Reserva Matutu participarem das festas tradicionais do Vale e vice-versa, salvo algumas excessões. Um dos motivos é porque os daimistas, principalmente os mais velhos, costumam rejeitar a bebidas alcólicas e os churrascos sempre presentes em tais festa. Hoje no Vale a única família nativa que se integra normalmente é a família Soares, principalmente da Iraci, empresária nativa de sucesso dona de um restaurante no Vale. Seus filhos transitam por entre todos os ambientes do Vale do Matutu, comprovando que a interculturação é o melhor caminho. Luiz Felipe, seu filho de 20 anos, representa os jovens na AMA Matutu como gestor e tem boa articulação e convivência com toda a população do Vale, sendo visto muitas vezes na Comunidade da Reserva Matutu onde participa dos trabalhos de Daime, ou no Coletivo Terra Preta onde participa dos plantios coletivos, na Escola e junto as festas religiosas tradicionais.

Algumas mães das famílias tradicionais temem francamente que seus filhos tenham acesso às drogas, já percebido em alguma ocasião que alguns migrantes e jovens nativos foram acusados de estabelecerem-se em lugares que ficaram sendo apontados como “ponto de fumo”. Jovens da população tradicional e novos migrantes iniciaram um coletivo de plantio de horta orgânica comunitariamente e têm efetivamente atraído muitos outros jovens com

idéias de viverem sustentáveis da terra, resgatando valores antigos da população tradicional como o plantio do milho crioulo. Foram chamados a participar de um projeto que ficou conhecido como Ciclo do Milho na Escola Serra do Papagaio onde as crianças durante um ano participariam no ambiente do Coletivo Terra Preta de vivências de plantio, manejo da terra e produção de quitutes e artesanatos com o milho. Muitas pessoas no Vale foram contempladas com ganhos financeiros para participarem do projeto, inclusive eu como monitor de olericultura da escola, além dos outros professores e principalmente os jovens do Coletivo Terra Preta. Num determinado momento o projeto teve uma ótima repercussão inclusive junto a Secretaria de Educação de Aiuruoca que quis estender o projeto às outras escolas do município. Apesar disso, um grupo de mães da população tradicional de posicionamento conservador, incomodadas com aqueles jovens cabeludos, pediram para seus filhos não frequentarem o espaço da Horta Terra Preta durante o Ciclo do Milho, por ouvirem falar que era um “ponto de fumo”. O interessante é notar que não havia evidência efetiva de consumo de drogas no Coletivo, mas mesmo assim movidas por um preconceito que demonstra a distância de mentalidade de parte da população tradicional com os novos migrantes. No Vale do Matutu podemos perceber que grande parte da população de migrantes, principalmente da Comunidade da Reserva Matutu, acha natural o consumo de cannabis, ou melhor, que o consumo desta não seria pior que o consumo de álcool. O que percebemos é que uma política de repressão instaladas nos meios midiáticos conseguem acessar essa população tradicional e as fazem acreditar que realmente os filhos estarão em perigo se tiverem contato com tais substâncias. O problema é que essas campanhas tendem a marginalizar aqueles que fumam maconha e não aqueles que bebem álcool, comprovadamente muito mais mortal e perigoso à saúde.

A Comunidade do Santo Daime da Reserva Matutu, por fazer uso de um poderoso psicoativo como o Santo Daime, sofreu também esse preconceito das duas outras comunidades do Vale: a comunidade tradicional mais conservadora e da comunidade dos migrantes que não tomavam Daime. Mas mesmo assim conseguiram se estabelecer e vem transformando esse pensamento, hoje havendo uma integração muito maior. A organização que a Comunidade da Reserva teve que fazer para viverem em comunidade pode ser percebido sempre também em sua atuação na Associação de Moradores, na Coopera, na Escola, na Brigada de Incêndio e em todos os setores, ganhando reconhecimento por parte do resto da população do Vale nos dias atuais. A Comunidade funciona como um corpo coeso, que quando têm que decidir algo na Associação, tem voz e se faz ouvida. Percebo que a

Comunidade da Reserva tem uma preocupação na formação dos seus jovens para continuarem o trabalho de preservação do meio ambiente. A Comunidade tem claramente definida posições frente às problemáticas existentes no Vale e têm colocado junto a Associação de Moradores esses temas para um melhor convívio entre as diferenças.

Tudo tem as dificuldades, as dificuldades da relação, e também com você mesmo, você fica muito exposto a você mesmo, não tem muitos subterfúgios. Ter as corretas relações humanas mínimas, de convivência, apesar de serem pessoas diferentes, mas pessoas diferentes têm na família. Eu e o Paulo somos muitos diferentes. Ninguém é igual. Mas se suas atitudes forem fincadas nas diferenças, você vira Israel com Palestina. (Candido de Alencar Machado, 74 anos, artista plástico e morador do Vale do Matutu. Entrevista concedida em junho de 2015).

Eu os via como pessoas simples, tinha dificuldade de compreendê-los pelo aspecto da cultura. Por exemplo: Quando eles estavam conversando e a gente chegava, eles paravam de falar. Olhavam a gente com desconfiança. Até hoje eu vejo isso entre as crianças. A gente cria nossos filhos diferentes, por exemplo, um dia fomos numa reunião na escola, a professora era a Juliana e estava dando de presente para os alunos que estavam se formando, que eram três, irem pro Rio pra casa dos pais dela, que ela dava de presente o passeio na praia, e logo uma tradicional falou assim: “- O meu filho eu não deixo ir, porque a mais velha nunca foi, então os mais novos não vão poder ir.” Não adianta tentar convencer, porque nem mais falam com você. Nossos filhos têm uma liberdade de expressão e uma confiança maior. A gente cria diferente. Então quando eles estão juntos um do outro eles não têm muito relacionamento, mas os mais novos já estão se relacionando melhor com as crianças do vale do que antes... mas eles não deixam entrar muito na vida deles. Têm pessoas aqui no Vale como a Iraci que não tem esse problema. Os filhos dela já não têm esses problemas. Já são pessoas diferentes. Outros não dão nem bom dia, se você der carona não tem nem assunto. (Sidney Raeder, 64 anos, escultor e morador-fundador da Comunidade da Reserva. Entrevista concedida em janeiro de 2016).

As diferenças não chegaram a causar tantos danos e o convívio dentro da grande comunidade do Matutu fez com que as pessoas fossem aprimorando suas relações. Um fato que acontece aqui é que as pessoas por viverem numa pequena comunidade de 200 habitantes, estão constantemente se encontrando, se relacionando. Isso faz com que se tenha muito cuidado para lidar com idéias diferentes. O espaço da Associação de Moradores e suas reuniões servem como um momento para que os temas problematizantes sejam colocados ao grupo e possa haver uma reflexão. É também um momento de desenvolvimento político de defesas de idéias.

A partir do ano 2000 alguns empreendimentos foram se solidificando. A abertura da Loja do Paiol através da Associação de Moradores potencializou a economia local, incentivando ainda mais a produção artesanal de seus moradores, sendo o Matutu reconhecido como um lugar que possui um dos mais belos artesanatos da região. O papel da AMA é de refletir sobre a abertura de novos negócios que não favorecerão seus associados como é o caso de lojas que possam vender produtos de fora e concorrer com o artesanato local. Como a área da Associação é ponto de chegada ao Vale, a Loja do Paiol está estrategicamente localizada para atender todo o movimento do Vale. Não existe nesse ponto de chegada mais nenhuma loja e isso favorece muito a economia local.

Muitas pessoas que se instalaram no Vale são moradores da Comunidade da Reserva Matutu. Em torno são cento e trinta pessoas que trabalham principalmente com o turismo e a educação. Como um corpo coeso, são atuantes na AMA e geralmente quando se necessita ser votado algum assunto, são sempre maioria. Pela minha participação nas reuniões da AMA vejo que inclusive o resto do Vale não entra em conflito de idéias muito graves. Já se tem compreendido a necessidade de preservar o ambiente e a cultura local, assim como o desenvolvimento de ações que beneficie os moradores quanto a sua sustentabilidade. A maior parte dos empreendimentos como pousadas, padaria, coopera e Loja do Paiol hoje estão sob a administração de pessoas da Comunidade da Reserva Matutu e que se alinham nos propósitos de bem estar dos moradores do Vale. Cada vez mais um público mais endinheirado tem vindo ao Vale do Matutu, oferecendo melhores ganhos para os empreendedores locais e aumentando pontos de trabalho para a comunidade. Toda a estrutura de turismo do Vale foi pensada para atender um público com mais recursos financeiros para melhor beneficiar a economia local de seus moradores. Somente o Centro de Estudos da Ayahuasca, que é a Igreja do Santo Daime tem as portas abertas a todos que chegam, sem cobrança de dinheiro. Isso é uma atitude diferenciada de outras igrejas do Santo Daime fora da Amazônia que a Comunidade da Reserva Matutu oferece a aqueles que vêm ao Matutu em busca de autoconhecimento. Com essa postura caridosa, a Igreja do Daime tem afirmado um trabalho que vem inspirando pessoas do mundo todo a visitarem a Comunidade da Reserva Matutu. Outra iniciativa interessante para acolhimento de jovens alternativos que chegam ao Vale sem recursos é a possibilidade de se incorporarem ao trabalho diário do Coletivo da Horta Terra Preta, onde trocam trabalho por almoço ou uma feira. Existem pessoas também, como eu, que recebem jovens viajantes no Work Away, isto é, trocam trabalho por estadia e comida. A realidade que o Vale do Matutu ficou caro para se hospedar, e isso foi deliberado, pois não é incentivado o

camping. Isso faz com que pessoas com menos recursos tenham que se programar antes de virem, pois no Vale do Matutu não é fácil se hospedar. Guilherme França e a Comunidade da Reserva Matutu vêm afirmando um dos ensinamentos contidos nos hinos do Santo Daime que é “receber a todos que chegar ao Santo Daime”. Muitos que chegam e pedem pra ficar, Guilherme consegue uma moradia, mas a única coisa que se pede é que esteja presente participando das atividades que envolvam a Igreja do Santo Daime. Eu estava presente quando o Guilherme começou a conversar com o Roberto, um jovem de vinte e seis anos, mochileiro argentino que pediu para se instalar na Comunidade da Reserva Matutu. Guilherme disse a Roberto que tava faltando tempo para ter uma conversa sobre a permanência dele na casa que tinha sido cedida a ele. Disse então que estava achando ele muito fora das atividades da comunidade, que aquela casa não era hospedagem de férias ou qualquer coisa do gênero, e que estava à disposição das pessoas que vinham aqui para se integrar na comunidade. Guilherme falou que ele estava começando a vir nas meditações da manhã e que isso era muito importante, assim como a constância nas orações dos domingos. Para Guilherme, a oração, o sino que bate as seis da manhã e as seis da tarde e a meditação são a pulsão da comunidade. Disse que algumas pessoas daqui mesmo tendem a não freqüentar. Mas era importante o trabalho se manter vivo, para que quando as pessoas de fora chegarem, entenderem que têm uma atividade forte na comunidade. Disse que muitos filhos quando chegam numa idade adulta vão para o mundo e voltam com muitas doenças das cidades, além de coisas boas também, e é importante encontrarem o trabalho firmado. Disse que quem tinha pedido pra ficar na casa foi o Roberto e que ele não convida ninguém. Assim é com o Daime que o próprio nome já diz “DAIME” e não “TOMA”, assim a pessoa que chega não tem direito de ir reclamar nada no PROCOM, ele vem pra sintonizar numa mesma estação que é o trabalho que o centro de estudos faz. Quem não está sintonizado, não quer dizer que esteja errado, apenas para ficar, precisa sintonizar. Guilherme diz que já tem prática em receber e que percebe cada movimento das pessoas que chegam, as que se sintonizam e as que não. Disse que aquela casa de recebimento pode ser até para assassinos que queiram se regenerar, pois assim fazia Jesus, que andava entre os que precisavam, como ladrões e prostitutas. A pessoa que estava hospedada antes do Roberto, chegou muito necessitada de ajuda, com problemas sérios de adicção em drogas, e pediu pra ficar, e foi bem recebida. Chegou a se fardar, mas depois de uns seis meses “segurando a onda”, saiu e não voltou mais, e na expressão do Daime, “caiu no mundo da ilusão”. Guilherme disse que ainda aguarda o seu retorno, pois é compromisso da comunidade a cura do irmão, mas só pode cair uma vez, que se cai duas vezes já é sem-vergonhice. A comunidade tem o compromisso de receber

aquele que pede ajuda. Ninguém oferece ajuda, pois tem que ter uma postura de humildade de reconhecer que está ali para se curar, daí tem campo fértil para possibilidade de cura.

Tem esse compromisso com a doutrina, com a igreja funcionando, que dá oportunidade para diferentes pessoas chegarem aqui; pessoas feias, bonitas, pobres e ricas, estrangeiro, brasileiro, ladrão, ou polícia. Gente boa ou gente chata pode chegar, porque não chamamos ninguém, a porta é aberta pra chegar e conhecer um trabalho forte, e mudar a própria vida. Então vem aqui e tem uma experiência. Não foi chamado, se chegou aqui tem uma oportunidade de ter uma experiência e ter uma vivência que pode mudar totalmente a vida. É isso que nos estamos fazendo aqui, inclusive é isso que a gente pode fazer por alguém. As pessoas vêm, podem ver a nossa vida e quererem mudar a vida delas para uma vida melhor. Se a gente pode fazer alguma coisa é isso. Não sendo isso, o mais é teoria. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

8.3 – A fase educadora

Com a guia de Guilherme França, a Comunidade da Reserva Matutu como grupo vêm decidindo seu destino e atuando em seu entorno. Estão nas bases de seu fundamento o cuidar de si, dos outros e do ambiente ao redor. E para isto, o trabalho que tem sido feito desde o início da comunidade a partir de 1988 com o Santo Daime é fundamental. O Santo Daime tem nos ensinamentos dos seus hinos esse cuidado de si, do outro e do meio ambiente em uma prática diária de aperfeiçoamento que é viver em comunidade. Para Guilherme França, a doutrina daimista é sem dúvida a base de todo o processo que vem acontecendo na Comunidade da Reserva Matutu que sem ela nada seria possível.

Isso que dá uma condição de força, paz e união da comunidade. Se não tivesse o Daime, não teria nada disso aí. Já tinha espatifado há muito tempo, agora hoje nem precisa beber o Santo Daime, a gente bebe, mas já faz parte da nossa corrente sanguínea, e da nossa vida, nos já vivemos dentro disso, esse é o nosso estatuto invisível. (Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

Dentro da minha pesquisa é visível o desenvolvimento das pessoas e sua atuação no Vale durante muitos anos de convivência comunitária e trabalhos de Daime. A força da Comunidade da Reserva é tanta que o nome “Matutu”, muitas vezes está ligado diretamente com a comunidade do Daime. Os preconceitos foram sendo desfeitos durante essa caminhada que até “aos olhos” de Aiuruoca, cidade extremamente tradicional, vem se rendendo aos

encantos da Reserva Matutu e sua comunidade. Ainda que haja algumas resistências, cada visitante que conhece o Matutu, e isto é comprovado por mim que estou como administrador da Loja do Paiol, se encanta com a proposta que acontece aqui seja no âmbito ambiental, econômico-social e cultural. Aiuruoca têm visto muitos estrangeiros se direcionarem ao Vale do Matutu e esse é um reconhecimento que não pode ser negado. Podemos entender os primeiros migrantes, desde o Paulo Machado e seu irmão Candido passando pela presença do Guilherme França e sua comunidade que deram um tom diferente desde o início de sua ocupação, e baseados numa reinvenção de si mesmos e do mundo, estão ajudando a criar algo que possa servir de inspiração a quem visita o Vale. Então todas as manifestações presentes desses novos migrantes parecem educadoras para um mundo que há de vir, e que tem sido profetizado como uma Nova Era. Segundo Luiz Midea, esse novo momento seria descrito como “fase educadora”. Ações como a Associação de Moradores, Cooperativa, Loja do Paiol, Brigada de Incêndio, Coletivo de Agricultura Terra Preta, Comunidade, Igreja do Santo Daime e até os empreendimentos são ações que têm esse compromisso educador: todas têm em comum a preservação do Vale e o bem estar do povoado do Matutu. Podemos entender que há uma integração entre esses setores prova disso é que os moradores transitam muitas vezes por entre essas iniciativas. Para o visitante sensível que vê o associativismo presente e uma preocupação permanente com a preservação da natureza, serve de alento frente a um mundo tão injusto e egoísta do “cada um por si.”

Muito de tudo isso tem a ver com a presença do Guilherme, principalmente na área delimitada pela Aldeia da Reserva Matutu. Tudo que foi sendo desenvolvido ali passou primeiro pelo crivo do Guilherme França. Ele esta por trás de toda e qualquer iniciativa presente dentro do espaço geográfico da Aldeia da Reserva. Desde a escolha dos lotes, ou pessoas que estão se integrando, quanto às regras, o local das construções, as ordens do dia a dia e muito corriqueiramente é quem chama a atenção aos combinados quando estes são quebrados. Para isso, todos que vivem na Comunidade confiam e aceitam a sua guia. Assim acontecia no tempo do Padrinho e do Mestre Irineu em suas comunidades. As comunidades intencionais associativas e participativas muitas vezes tem enfrentado dificuldades quando não tem um líder com uma visão clara.

Eu acho que as comunidades que começaram em torno de uma família, ou de uma pessoa que é realmente o pioneiro da história, muitas vezes pode ser benéfico. Acho vantagem ter começado desse jeito aqui, que tudo passava pelo Guilherme e que tinha confiança do grupo. Não tinha uma estrutura formal, até os dez anos da gente morando aqui na comunidade, as terras estavam ainda no

nome do Guilherme. O que tinha era uma relação de confiança que tava tudo bem quanto ao que estava sendo falado... Não foi um plano lindo de comunidade ou uma visão de um modelo. O diferencial da Comunidade da Reserva Matutu foi descobrir as reais necessidades da comunidade. (Luiz Midea, proprietário da Pousada Patrimônio e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

Esta capacidade visionária é comum às comunidades espiritualistas que seguem um guru iluminado. Assim sendo, o poder das decisões na Comunidade da Reserva Matutu está nas mãos do guia. Essa concentração de poder fez a Comunidade ser um projeto vislumbrado pela pessoa do Guilherme que reconhece seu papel, e isto está claro para todos que moram na Comunidade da Reserva.

O Guilherme para aconselhar espiritualmente é uma das melhores pessoas que eu conheço, porque ele consegue fazer uma coisa bastante prática, ele é um líder espiritual muito legal, é um cara pé no chão. Eu falo que o Guilherme é um exímio conhecedor da natureza humana, ele é um líder super carismático, mas ao mesmo tempo não fortaleceu o grupo. Ele lida com as questões, mas na hora “H “ ele toma as decisões por ele, então muitas vezes o grupo fica assim, “o que adianta a gente decidir”. Lá na frente quem vai decidir é o Guilherme. (Luiz Midea, proprietário da Pousada Patrimônio e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

9 - Conclusão

A Aldeia da Comunidade é um lugar de um partido único, uma visão só. É a visão de um “bem estar” em primeiro lugar e combate principalmente a mentalidade do desenvolvimento econômico da lógica capitalista burguesa como o princípio a ser seguido, que vem destruindo irreversivelmente lugares belos como o Vale do Matutu. As pessoas que ali foram habitar buscavam se libertar das amarras de uma sociedade que consideravam como falida e opressora. O Santo Daime ajudou nesse processo de “desprogramação” das subjetividades, por ser um poderoso alterador de consciência que é capaz de colocar o sujeito em outra perspectiva para observação de sua própria vida e da sociedade. Essas vidas traduzidas por insatisfações, levaram esse “novo homem” buscador de sua emancipação, procurar uma vida na natureza, distante dos grandes centros e em comunidade. “O homem nasce livre e por todo lado está acorrentado. Mesmo quem se crê senhor dos outros, esse ainda é mais escravo do que eles. Como se fez esta transformação? Eu não sei.” Jean-Jacques Rousseau fez essa pergunta há duzentos anos, no começo do seu contrato social... Há

muito tempo, há alguma coisa que acontece no interior da sociedade humana que torna impotente qualquer tentativa que vise esclarecer este grande enigma, bem conhecido de todos os grandes líderes da humanidade ao longo de milênios: o homem nasce livre, mas é como escravo que ele passa a vida. (REICH, Wilhelm, p.1, 1953)

A maioria dos jovens fundadores da Comunidade da Reserva que ocuparam as encostas do Vale do Matutu, se influenciaram pela contracultura e pelo movimento hippie, estavam em busca dessa emancipação, uma busca de recriação de mundo, de novas formas possíveis de existência e procuraram estar a parte de um sistema considerado como responsável da escravidão das almas através de um imobilismo permanente.

Porem, a visão de uma pessoa emancipada, liberta, é capaz de servir de inspiração para outros seguirem os mesmos passos. Assim foi quando olhamos a vida do Padrinho Sebastião, que inspirou o Guilherme primeiramente para sua própria emancipação. Como o Padrinho fez em sua comunidade, onde detinha um reconhecimento legítimo de líder, assim aconteceu com o Guilherme França na Comunidade da Reserva Matutu.

Guilherme foi quem ditou as regras e decidiu quem ficava, quem recebia lote e quais as regras, embora hoje a Assembléia da Aldeia é soberana nas decisões do seu estatuto, e pode mudar as regras através da votação de seus membros, embora preferem não mudar nada porque concordam com as regras que vêm sendo estabelecidas com a liderança de Guilherme França.

Porque elas foram construídas numa arquitetura do dia a dia, e das necessidades, mas respeitando sempre aquela busca e aquele propósito inicial que é de um bem estar pra tudo e pra todos. Todas as pessoas, todos os seres, todas as plantas, às águas, as pedras, etc... Então atendendo a isso a gente vem desenvolvendo a nossa vida, pondo essa harmonia de homem com a natureza, como uma baliza orientando tudo. O que a gente vêm fazendo e buscando é não desarmonizar tudo isso aí... Na verdade já existe a arquitetura do maior arquiteto universal, nós estamos trabalhando aqui principalmente com o que restou da natureza, de paisagem mais perto do original. Nós devemos tomar mais cuidado ainda, porque para tirar o original, tirar a beleza do arquiteto universal é muito rápido. (Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

Wilhelm Reich fala da “armadilha do imobilismo” que é expresso na nossa sociedade contemporânea como um aprisionamento. Para Reich: *cada um se prepara desde cedo, na vida, para se instalar tão confortavelmente quanto possível...Você se instala como*

empregado, como médico do interior, como fiscal, como tintureiro...O imobilismo favorece a qualificação profissional e o trabalho, que por sua vez, lhe garantem maior segurança. Tudo isto não é repreensível; e até absolutamente necessário. Sem tal imobilidade, o homem não poderia ser um bom engenheiro de pontes ou um bom desenhista, ele não poderia, se não se habituasse a um gênero de vida imóvel exercer a função de mineiro, de coveiro, de pedreiro, de montador de chapas de metal. A necessidade absoluta de acomodar-se aparece claramente tanto na existência de um lavador de janelas nova-iorquino como na de um chinês que puxa seu riquixá. Então é perfeitamente coerente que toda a evolução social tenha sido feita até aqui sob pressão de acontecimentos exteriores, de guerras ou revoluções, que tiraram as pessoas da posição em que se haviam instalado. Até hoje, nenhum evento ocorreu a partir de um movimento interno dos homens. Todos os movimentos sociais sempre foram de ordem política, quer dizer, artificiais, imposto pelo exterior, e não produtos de dentro do homem. Para que o homem seja capaz de um movimento de sua própria decisão, ele deverá primeiro despertar internamente, sem ser levado por estímulos exteriores. (REICH, Wilhelm, p. 79, 1953)

A história de vida de Guilherme França criou condições para a surpresa de uma vida distinta ao modelo atual contemporâneo através do consumo de substâncias alteradoras de consciência, que como ele mesmo disse: “-Foi a base de tudo.” Com o Santo Daime e a experiência comunitária, abriram-se as portas para se criar um mundo novo, desejado, sonhado, baseado em princípios holísticos.

Foi uma experiência de homem do campo e de uma pessoa que viveu dentro de um primitivismo com influência profunda de estados alterados através de substâncias psicodélicas. Isso muitos anos antes de sua vida em comunidade, ou seja, ele e Kenya desde o Macacos, passando pela ilha no Maranhão e os primeiros anos que chegaram no Matutu onde viveram sem energia elétrica com muita rusticidade comprando somente sal e óleo. Aqueles novos migrantes alternativos que se juntaram a família do Guilherme França eram em sua grande maioria provenientes de centros urbanos, e muitos vinham de famílias de uma vida burguesa. Quem sabia mexer com a vida no campo era ele, e depois do encontro com o Daime, ampliou sua visão para uma vida de bem estar comunitária. Era necessário a todos que vieram morar na Comunidade sair do mundo da ilusão e viver simplesmente, rusticamente e desenvolvendo a espiritualidade, recebendo pessoas, tendo no convívio e nas relações entre os irmãos a chance de um desenvolvimento pessoal verdadeiro. Esse bem estar tem a ver com; a proteção da natureza, com uma estética prazerosa e um cuidado de si

através de práticas para um despertar interno. Viver em um lugar com a possibilidade de um silêncio que permitisse vivenciar a natureza e estar integrado a ela. Viver em comunidade para aperfeiçoamento das relações, que se dava no dia a dia, ou no “ralo” como afirmava Guilherme. Tinha que “lamber o sal junto” para merecer estar nesse lugar. Desenvolver uma vida heróica capaz de algumas privações, principalmente o conforto. Era a contramão da sociedade de consumo, eram heróis que não precisariam mais remar contra maré em vidas ilusórias da sociedade de consumo, permeados de um imobilismo frustrante e sim tinham um projeto de reinvenção de suas vidas em comunidade em busca do paraíso perdido. E o Daime reforçava essa visão do paraíso terrestre, que louvando a vida em natureza, confortava o povo para enfrentar desafios e chegar a um lugar bom, de bem estar compartilhado com a comunidade. Para isso tudo acontecer teve que ter uma pessoa em que as circunstâncias foram favoráveis e de uma intenção firme de propósito da missão a seguir. Os companheiros que foram chegando foram compreendendo tudo isso dentro das sessões de Daime. A afirmação dos hinos, que louvam a vida na floresta, deram a certeza da comunidade para estarem juntos na obra que Guilherme França reconheceu primeiramente e conseqüentemente foi o líder, como “Moisés” o foi, ou mesmo o exemplo da liderança do Padrinho Sebastião quando levou trezentas pessoas para uma comunidade no coração da floresta amazônica. Nada disso aconteceria se não fosse o Santo Daime que, como professor dos professores, pôde guiar o povo a realizar algo novo, com consistência capaz de vencer os anos 90 onde a maioria das comunidades alternativas intencionais não sobreviveram a vitória do modelo neo-liberal. As comunidades do Santo Daime justamente se expandiram nesses tempos em que somente uma barca de salvação como a Doutrina pôde manter unido pessoas ainda desacreditadas do sistema e em busca de uma vida mais fraternal isolados na natureza e antagônicas a uma sociedade bárbara, hipócrita e de homens imobilizados, sem condições de transformarem suas vidas de cativo. Essas comunidades foram guiadas por pessoas como Guilherme França, Padrinho Sebastião, ou o ex-guerrilheiro político Alex Polari. Todos compreendiam que a mudança a ser feita seria através de uma resignificação de suas vidas, buscando práticas de despertar o divino em si, junto a natureza e em comunidade.

Você sendo uma pessoa que está decidida a fazer práticas para sair dessa grande ilusão eu acho que na natureza, durante um tempo, te cria boas condições de menos interferências externas pra te “amolar” no início quando você ainda sabe tão pouco. Você tem que conhecer em que condição você está. Meditando, você vai ver a sua condição, e você vai dar o remédio pra você mesmo. Por isso ele fala da ilusão, o Mestre fala da ilusão porque a ilusão é um vacilo. (Guilherme França, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

A Comunidade da Reserva pode ser considerada uma mudança paradigmática baseada no holismo. Isto se traduz em uma filosofia que integra o homem com a natureza. Antes se concebia que o homem deveria viver apartado da natureza, pois a partir do momento que este entrava em contato mais próximo com a natureza, os resultados eram percebidos como altamente maléficos ao meio natural. Porém a proposta desse novo homem é não querer mais subjugar a natureza para o seu lucro ou prazer, e sim ter na natureza seu ambiente de vida e bem estar. Estar na natureza, em uma vida simples, fora da sociedade de consumo que exige recursos infundáveis tem sido o desafio da Comunidade da Reserva Matutu. Uma vida fora da alienação dos centros urbanos onde o capital corrompe as almas para aquisições de coisas desnecessárias. É necessário saber o que realmente é preciso para a nossa existência. As pessoas que formaram a comunidade vieram nessa busca de um meio natural, quase selvagem, onde teriam a possibilidade de não mais se corromperem e não compactuarem com a “mácula da Mãe Terra”, prática comum da sociedade de consumo. O Santo Daime tem muito a ver com isso, pois os seus hinos estão repletos de louvores a símbolos que podem ser interpretados como a busca de uma vida holística, ou, integrada a “mamãe natureza”. A “Hipótese Gaia”⁷³ considera a terra como um organismo vivo e que o homem é parte desse organismo maior, segundo um dos seus teóricos J. Lovelock. Quanto ao Daime, os inúmeros símbolos apresentados nos hinos pedem uma interpretação. Eu como um “daimista de 25 anos de casa” venho tentando interpretar esses símbolos a luz do Daime. Abaixo apresento o hino número 12 do hinário “O Cruzeiro” recebido pelo Mestre Irineu, fundador da Doutrina do Santo Daime na qual me esforcei a fazer uma interpretação dos símbolos presentes e integrá-los com a motivação dos jovens que vieram compôr a Comunidade da Reserva Matutu:

Oh Meu Divino Pai

Só por vós devo chamar

Tantas vezes vos ofendi

⁷³ A **hipótese Gaia**, também denominada como **hipótese biogeoquímica**, propõe que a biosfera e os componentes físicos a Terra (atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera) são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema interagente que mantém as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em homeostase. Originalmente proposta pelo investigador britânico James E. Lovelock em 1972 como *hipótese de resposta da Terra*, ela foi renomeada conforme sugestão de seu colega, William Golding, como Hipótese de Gaia, em referência a Titã grega suprema da Terra – *Gaia*. A hipótese é frequentemente descrita como a Terra como um único organismo vivo. Lovelock e outros pesquisadores que apoiam a ideia atualmente consideram-a como uma teoria científica, não apenas uma hipótese, uma vez que ela passou pelos testes de previsão. Fonte: Wikipedia

E vos me queira perdoar

Vós me queira perdoar

Que eu pequei por inocente

Porque não tinha certeza

Do nosso Deus Onipotente

Oh Meu Divido Pai

E Vós quem me dá a luz

Eu nunca mais hei de esquecer

Do Santo nome de Jesus

O povo estão iludidos

Por completa ilusão

Porque não querem acreditar

Na mãe de Deus da Criação

A laranja é uma fruta

Redonda por Vossas mãos

Vos me entrega com certeza

E eu deixar cair no chão?

(Hino número 12 do hinário “O Cruzeiro” do Mestre Irineu.)

A primeira estrofe:

Oh Meu Divino Pai

Só por vos devo chamar

Tantas vezes vos ofendi

E vós me queira perdoar

É um rogativo que demonstra a consciência da pessoa estar em desacordo com a harmonia de D'eus. A partir da consciência dos nossos erros podemos nos transformar e viver de acordo com a realidade divina, que é viver harmoniosamente nesse conjunto "de eus". Para isso deve-se pedir o perdão a uma instância superior, ou seja, a um estado ainda não alcançado do ser, mas almejado, de humildade, que o inspira rumo a atitudes de perfeição e de verdade. Essa atitude é comum e necessária ao neófito que busca o Santo Daime. Saber que ele conhece pouco ou nada da verdade já é um passo para estar aberto aos ensinamentos que vêm de uma instância superior que se manifesta através da consagração do Santo Daime, que é o professor dos professores capaz de despertar a vida divina no sujeito.

A segunda estrofe:

Vos me queira perdoar

Que eu pequei por inocente

Porque não tinha certeza

Do nosso Deus Onipotente

Existe uma vontade de um novo caminho a ser trilhado, já que a pessoa reconhece que fazia as coisas erradas porque não sabia o certo. A partir do momento que lhe é mostrada a verdade das coisas, passa a ter certeza no caminho que deve ser trilhado. O que ela não sabia é que existe uma força maior que é dominadora a tudo, e da onde provêm nossa vida e toda a natureza vivente e que está presente em tudo. A partir desse entendimento a pessoa passa a um reconhecimento que todas as formas da criação devem ser respeitadas porque Deus esta em tudo que se manifesta vivente.

A Terceira estrofe:

Oh Meu Divino Pai

É Vós quem me dá a luz

Eu nunca mais hei de esquecer

Do Santo nome de Jesus

A força potência da criação da vida e de tudo vivente, é também o sol que ilumina a sua criação, e a cada dia que nasce nos possibilita um aprendizado e uma chance de nos reencontrar com essa força potente que ilumina todos os seres viventes iguais e sem distinção. Ao tomarmos o Daime recebemos essa luz dessa força criadora que se instala em nós através de um vegetal que nos guia como um professor ou mestre de almas para a possibilidade de uma vida melhor. Esse mestre que traz a luz dessa potência de vida em si está na bebida e, como uma hóstia, é o corpo e sangue do Cristo que ao ser ingerido, reflete a luz de Deus dentro da gente. Na Igreja do Daime temos este momento que se repete de encontro com Cristo dentro de nós a partir da consagração do Santo Daime que é a hóstia dos daimistas.

Quarta estrofe:

O povo estão iludidos

Por completa ilusão

Porque não querem acreditar

Na mãe de Deus da Criação

A partir da vivência em um mundo apartado e egoísta, os homens vão escolhendo caminhos que o levam a sofrimentos e desamor. Seus temores o fazem tomar atitudes egoístas que os descolaram do mundo e da natureza representada pela mãe de Deus. É a Rainha da Floresta para os daimistas, a Soberana Virgem Mãe que habita as florestas virgens, os mares, é a própria terra GAIA, é a lua, é a energia feminina que cria seus filhos, alimenta-os, dá proteção e aconchego. Este homem movido por uma peste emocional apartado de sua mãe, por medo e insegurança busca através da sua força racional subjugar o seu meio ambiente, extrair suas riquezas sem escrúpulos, maculando GAIA. Daí nasceu o patriarcado, a subjugação da mulher, da energia feminina, do sentimento de cuidar. Movido por um pensamento desmedido das necessidades da sua existência, explora a mãe Terra e seus filhos para alimentar sua sensação de poder, de controle da sua vida, em detrimento da vida de

outros seres também viventes. Quanto mais trilha esse caminho de não acreditar na Mãe de Deus da Criação seu vazio interno aumenta. Muitas pessoas que chegam ao Daime começaram a recusar esse velho homem e buscam se confortar nos “colos de GAIA.” O Vale do Matutu é uma expressão de uma natureza plena onde é sentido a presença da vida em todo o momento sendo até em seu significado do nome a expressão de um lugar sagrado (Matutu em tupi-guarani significa Cabeceiras Sagradas). Muitos jovens que foram reinventar suas vidas nesse espaço, já estavam conscientes da ilusão dos homens contemporâneos. Segundo os hinos, a ilusão é viver distanciado da verdade, e aqui nessa estrofe significa estar distanciado da Mãe de Deus, a força potência feminina, presente na natureza, ou a própria natureza. Então essa “ilusão” seria uma negação da natureza tão comum ao homem moderno que subjugou e vem destruindo o planeta ou GAIA.

Quinta estrofe:

A laranja é uma fruta

Redonda por Vossas mãos

Vós me entrega com certeza

E eu deixar cair no chão?

A “laranja”⁷⁴ tem uma interpretação simbólica que é a representação do planeta Terra. O hino do Mestre fala que essa potência criadora que é Deus tem a Terra “nas mãos” e coloca os homens e todas as espécies viventes para habitá-la, entregando ao homem para o seu bom uso. Mas não obstante, esse homem molestado pela ignorância, medo, ganância e egoísmo é capaz de destruí-la colocando em risco sua própria sobrevivência “deixando-a cair no chão”. A doutrina do Santo Daime vem iluminar o homem através de uma planta professora que é capaz de conversar com ele, ensinando o valor que têm essas forças criadoras. A visão que o Mestre teve foi da Rainha da Floresta, também conhecida como a Virgem Soberana Mãe, entregando a luz, que é a bebida do Santo Daime, a ele próprio que tem o dever de curar os homens da moléstia do mundo contemporâneo, ou o “mundo de ilusão”. Esta ilusão é uma visão destorcida do homem que tem a ganância que vem subjugando a Terra e seus filhos. Para o aluno do Mestre o trabalho a ser feito é não deixar “a laranja cair no chão”, e proteger a

⁷⁴ A “laranja” segundo o depoimento de Percilia Matos da Silva, contemporânea do Mestre Irineu no livro “Contos da Lua Branca” de Florestan Maia Neto tem o significado do globo terrestre. (NETO, 2003)

natureza, riqueza máxima do homem. São os “soldados do batalhão da Rainha da Floresta” que tem o dever de cuidar e zelar pela Terra e os filhos dela.

“Os hinos são o principal instrumento doutrinário do Santo Daime, funcionando como verdadeiro “corpus semântico estruturante” da prática religiosa” (LA ROCQUE, Fernando, p.83, 1989). *Neles estão contidos conselhos e instruções de conduta para os adeptos, e neles se expressa a visão de mundo daimista; possuem um forte conteúdo simbólico, que dá forma a experiência mística experimentada sob o efeito do sacramento psicoativo... A grande quantidade de tempo que um fardado do Santo Daime passa cantando, escutando e ensaiando os hinos, tanto durante as cerimônias como na vida cotidiana, é um testemunho claro da importância da música para essa religião* (LABATE, Beatriz, PACHECO; Gustavo, p.33, 2009).

A Comunidade da Reserva recebe esses ensinamentos e tem a possibilidade de praticá-los no Vale do Matutu, lugar considerado sagrado desde o tempo dos indígenas que circulavam pela região. É uma re-poetização e re-encantamento de mundo através dos ensinamentos contidos nos hinos. Esse comprometimento é visível nas ações de combate a incêndio florestal e queimadas criminosas, reprimindo caçadores, reflorestando a floresta, se abstendo de ter animais domésticos que afugentam os animais selvagens, não fazendo uso da pecuária, cuidando das águas dos rios, buscando construções de suas casas com um mínimo de pegada ecológica e valorizando o silêncio.

O Daime durante o tempo todo foi presente, ajudando as pessoas que vieram habitar a comunidade a ter força para seguirem a missão da Rainha da Floresta que é viver simples protegendo a natureza, servindo como exemplo de uma ocupação humana junto a um meio natural que respeite todas as formas de vida existentes. Há uma preocupação da Comunidade da Reserva de não querer um desenvolvimento, que o Vale do Matutu não vire uma cidade. Esse é o maior desafio que as próximas gerações terão que enfrentar.

...aquele propósito de harmonia, homem e natureza, da qualidade de vida, e isso aí tem que ser respeitado e a “empresa” não pode vir e atrapalhar, e isso aí é um ponto que tem que prestar muita atenção, as coisas não estão paradas, elas mudam. Um dia eu tava numa reunião de ambientalistas, que o Iran Firmino fez uma pergunta, que é um editor de uma revista ecológica: “-Mas se existe o bem, existe o mal, porque os maus sempre andam vencendo? Tava uma discussão quente entre empresa e meio ambiente com as mineradoras, aí eu levantei a mão e pedi pra responder: Eu disse: “O mal paga a vista”. “O diabo paga a vista”. É por isso que vence. As empresas chegam e

vencem essa história do bem estar e da harmonia. (Guilherme Franca, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

É necessário urgente um plano-diretor que salvguarde o Vale do Matutu desse desenvolvimento desenfreado tão comum nos lugares de beleza natural que se tornam destino turístico. A Comunidade da Reserva Matutu guiada pelos ensinios da Rainha da Floresta através do trabalho do Santo Daime tem papel fundamental como postergação desse legado as futuras gerações. As crianças da Comunidade da Reserva na mais tenra idade já vêm se preparando para esses desafios. O Santo Daime é essa escola de uma vivência ecológica holística integrando homem e natureza. Essa compreensão do cuidado com o Vale está inserida no seio da Comunidade da Reserva e deve se perpetuar conforme o trabalho do Santo Daime continue. Já não podemos dizer o mesmo com as outras áreas do Vale do Matutu que estão na mão de individualidades que estão sujeitos a venderem suas terras e os novos compradores irem mudando a configuração até então estabelecida de proteção do Vale do Matutu. Daí a importância vital da Escola Serra do Papagaio estar alinhada com essa problemática para conscientização dos jovens de que a preservação do lugar é o bem mais valioso. Dentro desse tema, fui motivado a perguntar alguns moradores do Vale do Matutu se estavam preparando seus filhos para dar continuidade na proteção do Vale do Matutu, e nenhum me respondeu com certeza que seus filhos continuariam aquilo que estão fazendo, ou seja, provavelmente os filhos que herdarão as terras super valorizadas a venderão para levarem uma vida na cidade. Isso não acontece com os moradores da Comunidade da Reserva que tem uma vida integrada ao lugar e ao Santo Daime. Aliás, percebe-se que os jovens filhos da geração que chegaram nos anos 80 para viverem na Comunidade da Reserva, estão desejando continuar vivendo no Vale. Uma pequena experiência de estudo fora, seja nas cidades ou mesmo em Aiuruoca, já serve de inspiração para retornarem ao Vale pela boa qualidade de vida que encontram.

A Comunidade da Reserva Matutu já tem na “escola” do Daime princípios nobres de cuidado de si, do outro e do espaço ao redor. Esses princípios são refletidos para a AMA e para a Escola Serra do Papagaio, embora esta última seja ainda um desafio, pois ainda no Vale do Matutu contempla-se muitos interesses distintos. Existe um desejo de uma escola ainda tradicional, de preparar o jovem para o mercado de trabalho. Não só a população tradicional pensa assim, mas muitos pais da Comunidade da Reserva Matutu ainda tem receio numa aposta a uma educação libertadora. Porque isso implica em “arregaçar as mangas” e testar nos filhos pedagogias inéditas sem o reconhecimento do estado. Observa-se que as

mentalidades de fora da Comunidade, justamente da população tradicional querem ver seus filhos crescerem aos “olhos do mundo”, ser “doutor”, etc, apelando para uma educação tradicional que justifica a intervenção da Secretaria de Educação de Aiuruoca”. Como a educação tradicional não contempla uma visão do “ser”, o que estamos formando no Vale do Matutu através da Escola são pessoas desintegradas de sua realidade, compartimentadas, preparadas para o desafio do mundo competitivo e usurpador dos recursos da natureza pela corrupção de valores egoístas, muitas vezes futuras almas alienadas das necessidades reais da existência pacífica entre homem e natureza, e que poderão colocar em risco este vale tão precioso. Mesmo que a Comunidade consiga reivindicar alguns professores mais reflexivos a darem aula, vemos que a Secretaria de Educação do município é quem “dá o tom” da Escola Serra do Papagaio, formando mentalidades não reflexivas das muitas problemáticas presente em um mundo tão contraditório. Para construir uma escola autônoma, têm que contar com apoio irrestrito da comunidade geral do Vale, o que não acontece, assim legitimando a Secretaria de Educação vir com um discurso de que se quisermos fazer algo diferente, que façamos nós, sem apoio municipal. O interessante é que justamente devemos pensar quem está a serviço de quem? O Estado deve servir a comunidade ou a comunidade deve servir ao Estado?

O Plano Diretor seria outro ponto para salvaguardar o Vale do Matutu contra futuras especulações. Sabemos que o desenvolvimento de lugares de belezas naturais com potenciais turísticos motivados por individualidades capitalistas são irreversíveis. Uma vez construído um grande resort, ou mesmo adensamentos de casas em terrenos pequenos, aquilo ferirá a paisagem pra sempre. A paisagem e o ambiente natural do Matutu devem ser preservados e para isso o Plano Diretor serviria bem, mas também muitos interesses distintos barram sua efetivação. São interesses ainda egoístas e sem visão de futuro. Deve-se pensar em um trabalho permanente de conscientização dos moradores para o cuidado do local e que quanto mais preservado mais valoroso será. No final todos sairão ganhando com a preservação e com um Plano Diretor.

Muitos desafios ainda existem para a Comunidade da Reserva Matutu. O que serve de alento é que grande parte do Vale do Matutu está dentro da Reserva Matutu e ainda tem o Parque Estadual Serra do Papagaio que funciona como uma barreira de proteção. Dentro desse contexto, vemos uma comunidade tradicional que vem cada vez mais se globalizando, adquirindo bens de consumos e desejando o melhor para os seus filhos, embora busquem as ilusões dos paraísos artificiais da sociedade consumista que chegam até eles pela televisão. É

esse o ponto. O mundo entrou nas casas e essas pessoas estão num processo de aculturação de seus antigos valores de integração com a natureza. Valores antigos da população tradicional começam a ser negado pelos jovens, não se têm mais interesses por aquele antigo jeito de ser. O “Leblon” entrou na casa pelas novelas e um estilo de vida veio junto. O consumismo e idéias egoístas de capitalização podem botar em risco todo um trabalho. A Escola Serra do Papagaio tem esse papel de alertar sobre a importância de ter uma mente reflexiva, e que debata com os jovens sobre o mundo e o seu entorno.

Guilherme França foi um visionário que traçou um caminho bem diferente. É uma pessoa com uma personalidade forte e determinada. Sua atuação nesses trinta anos de ocupação na Serra do Papagaio, onde é proprietário de uma grande área de três mil hectares, é de proteção e cuidado com um dos lugares mais belos de montanha do planeta e vêm atraindo o reconhecimento de muita gente que têm acesso a essa belíssima natureza. Sua liderança é aceita pela comunidade porque como ele mesmo se define: “-Eu sou um chefe obediente. Obediente às minhas ordens.” Isso quer dizer que ele é o primeiro a acatar suas regras e isso o legitima perante a comunidade.

Os altos de serra que compõe a Reserva Matutu são verdadeiras “caixas d’água” da região sudeste, abastecendo as grandes represas do Rio Grande na divisa entre São Paulo e o Triângulo Mineiro. É um lugar estratégico de abastecimento de água que deve ao esforço da Comunidade da Reserva sua preservação. A partir do encontro com o Daime, Guilherme foi assimilando profundamente os ensinamentos cristãos contidos na Doutrina do Santo Daime, e assim como o Mestre Irineu e o Padrinho Sebastião, “repartiu o pão”, deixando muitas famílias que estavam chegando junto com o Santo Daime se instalarem nas encostas do Vale do Matutu. Foi uma abertura do seu coração para que muitas pessoas pudessem transformar suas vidas em comunidade e inseridos nesse belíssimo Vale do Matutu com atitudes de zelo pela natureza. Guilherme e sua família não estariam mais isolados, como era seu primeiro interesse, e sim teriam companheiros para lhe ajudar na obra de preservação de área tão preciosa que são os altos de serra que compõe sua grande área comprada a partir de 1984. A Fundação Matutu e a Brigada de Incêndio têm exercido esse papel fundamental de regulamentação da área e proteção aos incêndios florestais que desde a época da aquisição pelo Guilherme desta grande área vem diminuindo significativamente, e isso faz com que essa área seja reconstituída naturalmente através dos anos sem interferência do abuso dos homens.

. Quem herdou isso aqui dos bandeirantes foi um velho que se chamou José Manoel de Siqueira. Essa família que foi ficando aqui usavam essa região para “acender o fósforo”, queimar o que desse conta e para pôr vaca nas águas. Vinham aqui ver as vacas e pôr sal, ver se tavam todas aí, e aí aproveitavam pra trazer os amigos, pra caçar, então foi uma região que ficou largada, que sofria fogo. Mas o fogo ainda é melhor que o desenvolvimento, porque o fogo renova, e o desenvolvimento não, aonde desenvolveu, hoje é tudo braquiária, não tem recuperação... acabou com tudo. (Guilherme Franca, 58 anos, fundador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

Antes do Guilherme e da Comunidade da Reserva Matutu, muitos campos de altitude eram pastos de gado e havia a prática do incêndio e da caça em toda área que hoje constitui a Reserva Matutu. A Brigada de Incêndio vem formando um número cada vez maior de voluntários brigadistas que “vestem a camisa” quando o fogo aponta longe na serra. É a prática daquilo que podemos chamar de “soldados da Rainha da Floresta”. É um serviço perigoso e exaustivo combater o fogo nas matas e esses brigadistas sempre sob o comando de Guilherme França, seu filho Manno e seu genro Aton, cumprem com coragem e determinação os ensinamentos contidos nos hinos do Santo Daime de amor à natureza. A Comunidade da Reserva Matutu têm esse papel ambientalista, missão primordial que vem zelando por seus moradores e o meio ambiente ao redor. A liderança do Guilherme é incontestável por onde passa, pois traz dentro de si qualidades de cuidado de si, dos outros e do meio ambiente sendo reconhecida por todos os moradores da Comunidade da Reserva Matutu. Seu genro Aton, e seu filho Manno são graduados nessa escola e continuarão na preservação desse espaço tão precioso assim como muitas das famílias integrantes da Comunidade da Reserva Matutu. O efeito é irradiado ao Vale do Matutu inteiro, e serve de exemplo a novas ocupações ambientalistas em outros pontos do planeta. Como é o caso das comunidades irmãs em Mont Serrat, na Catalunha, Espanha e em Champaqui nas montanhas de Córdoba, Argentina, que se inspiram no trabalho feito aqui na Mantiqueira. Ambas têm o Santo Daime como prática de autoconhecimento e cura dos males para a integração de uma vida reinventada junto à natureza. O Santo Daime é fator fundamental de integração e reavivamento desses ensinamentos que podem ser experimentados por essas comunidades, afirmando sempre a missão da preservação ambiental.

Gente, o que é riqueza?... . A gente só vai perceber que a gente é rico quando a gente perder o lugar. Que aqui é um lugar sem violência, com uma qualidade de vida... A gente já está no lucro. A gente só não precisa atrapalhar. Por que são diferentes filosofias, porque se fosse ao contrário o perigo era que um lugar desse como muitos outros lugares, se vender, degradar, se prostituir, vender

a alma pro diabo, aí nosso lucro ia embora. A gente tem que dar uma curadoria, porque a juventude chegando, querem resolver a vida. (Luiz Midea, 56 anos, proprietário da Pousada Patrimônio e morador da Comunidade da Reserva Matutu. Entrevista concedida em maio de 2016).

Foram aqueles jovens em busca de uma reinvenção de suas vidas, rompendo valores pertinentes a sociedade de consumo que vieram habitar as encostas do Vale do Matutu e criaram um modelo de vida integrada a natureza sob a liderança de um visionário. O Santo Daime veio dar força e ensinamentos para essa turma para a preservação ambiental e o desenvolvimento de si. Foi uma busca daquilo que poderíamos chamar de constituição de uma vida heróica, em comunidade, que desafia os modelos falidos de nossa sociedade.

10 - Fotos Aéreas da área da Comunidade da Reserva Matutu

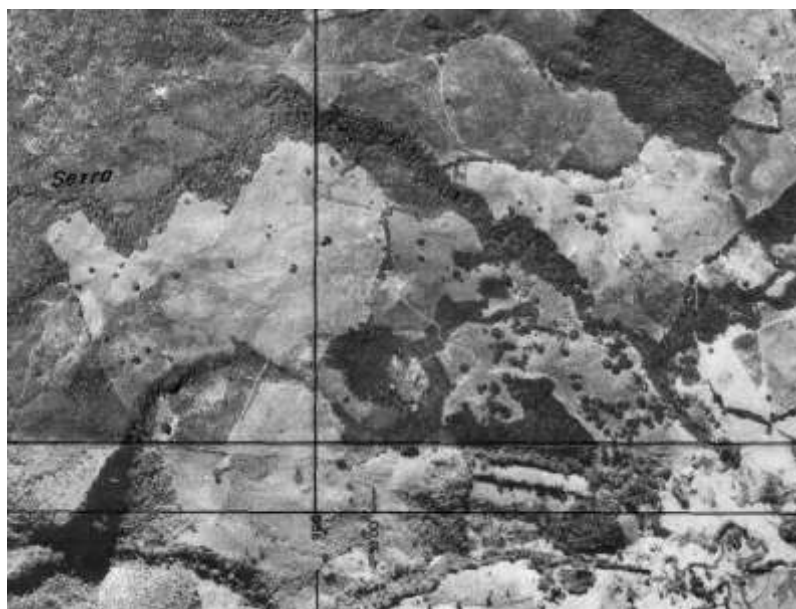


Foto aérea de 1985 mostrando a ocupação humana e a capa vegetal da Comunidade da Reserva Matutu.



Foto aérea de 2013 mostrando a ocupação humana e a capa vegetal da Comunidade da Reserva Matutu.

11 - Arquivo fotográfico



Guilherme França, fundador da Comunidade da Reserva Matutu, 1995. Foto: Luis Eduardo Pomar



Comunidade rezando o Pai Nosso antes do café da manhã, 1995. Foto: Luis Eduardo Pomar



Refeitório da Comunidade em 1995 com a Cachoeira do Fundo.

Foto: Luis Eduardo Pomar



Vista do Pico do Papagaio, Vale do Matutu. Foto: Lou Gold



Coopera e Casarão (sede da AMA). Foto: Luis Eduardo Pomar



Igreja do Santo Daime, Comunidade da Reserva Matutu. Foto: Luis Eduardo Pomar



Area da Comunidade da Reserva Matutu. Foto: Lou Gold



Mutirão para construção da Casa de Feitio do Santo Daime, 2006. Acervo particular



Vista do Vale do Matutu. Foto: Luis Eduardo Pomar



Loja do Paiol com o Pico do Papagaio ao fundo. Foto: Lou Gold



Prismas: artesanato da Aldeia da Comunidade do Matutu. Foto: Luis Eduardo Pomar



Casa da Aldeia da Comunidade da Reserva Matutu. Foto: Luis Eduardo Pomar

12 – Bibliografia

ALVERGA, Alex Polari de. **O livro das mirações**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

ARAUJO, Jussara. **Comunicação Exclusão: a leitura dos xamãs**. Sao Paulo: Arte e Ciencia, 2002

CARVALHO, Cesar. **Contracultura, drogas e mídia**. Intercom, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, BA, 2002.

COSTA, José Pedro, **AIURUOCA, Matutu e Pedra do Papagaio, Um Estudo de Conservação do Ambiente**, FAPESP, 1995

D’ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O Self Perfeito e a Nova Era: Individualismo e Reflexividade em Religiosidades Pós-Tradicionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000

ELIAS, Norbert e **SCOTSON**, John L., **Os Estabelecidos e os Outsiders, Sociologia da Relação de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**, Jorge Zahar Editor, 2000

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. São Paulo: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

GOULART, Sandra Lucia. **A História do Encontro do Mestre Irineu com a Ayahuasca: Mitos Fundadores da Religião do Santo Daime**. NEIP

LABATE, Beatriz, **PACHECO**, Gustavo, **Música Brasileira da Ayahuasca**, mercado das Letras, 2009

LABATE, Beatriz, **ARAUJO**, Wladimyr, **CEMIN**, Arneide, **O uso ritual da ayahuasca**. “Os rituais do Santo Daime: sistemas de montagens simbólicas.” Mercado das Letras, São Paulo, 2002

LA ROCQUE, Fernando, **Santos e Xamãs**, Dissertação de Mestrado em Antropologia, UNB, 1989.

LE GOFF, Jacques et al. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, s.d.

LUTZENBERG, Jose A. **Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro**. Porto Alegre: Movimento, 1976.

MCKENNA, Terence. **Food of the Gods: The Search for the Original Tree of Knowledge. A Radical History of Plants, Drugs, and Human Evolution**. New York: Batam Books, 1992.

MORTIMER, Lucio, **Bença Padrinho**, São Paulo, Céu de Maria, 2000

NETO, Florestan. **Contos da Lua Branca**. Rio Branco, Fundação Elias Mansur, 2003.

OLIVEIRA, Isabel L., Santo Daime: **História do Renascimento do Espírito Santo**, Doutoranda em Historia UNB, 2014.

PARANHOS, Paulo, **Primeiros Núcleos Populacionais no Sul de Minas Gerais**.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. Ed. Brasil Oitava Edição.

REICH, Wilhelm, **O Assassinato de Cristo**, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

SANTOS, Ana Cecília dos. **A Arte de Si: Uma Análise da Ascese nas Comunidades Alternativas**. UFRGN, Natal, RN, 2014.

SARLO, Beatriz, **Historia Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral, Volume 12, Número 1, 2009.

SERPA, Maria Fernanda, **O Passado e o presente no futuro: Um estudo de caso em uma comunidade do Santo Daime**, Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais Departamento de História, 1995.

SIMMEL, Georg, **The Metropolis and Mental Life**, 1903, University of Chicago Press.

THIBES, Carolina, **Legado de Woodstock: Um Paralelo Entre a Filosofia Naturista e os Ideais dos Anos 1960**, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF (PPGSD/UFF), 2012.

THOMPSON, Edouard Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIOLA, Eduardo J. **O Movimento Ecológico no Brasil (1974/1986): Do Ambientalismo a Ecopolítica**

WEBER, Max, **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** (1904), Ed. Pioneira.

Artigos tirados na internet

HANCOCK, Graham. “Graham Hancock talking about Ayahuasca” 7 minutos e 50 segundos <https://www.youtube.com/watch?v=rdjr3YEqQkk>

CHOMSKI, Noan. <http://www.esquerda.net/artigo/chomsky-este-e-o-momento-mais-critico-na-historia-da-humanidade/41148>

IMPERIAL, Marco. Pagina do Santo Daime no facebook. Rainha do Mar.

Documentários

ENDE. Michael, **POMAR**. Luis Eduardo, **O Vinho das Almas**, Câmera Viva, 2008.

POMAR, Luis Eduardo, **20 anos Céu do Planalto**, 2003.

Entrevistados

Guilherme de Melo França

Carlos Pedemonte

Arthur Dalmasso

Celso Rodrigues

Inês Farias

José Rafael Soares

Luiz Fernando Midea

Luiz Paulino dos Santos

Mariano José Dirube

Paulo de Alencar Machado

José Sarto

Andrea Junqueira

Sidney Raeder

Solange Machado

Candido de Alencar Machado

Alfredo Gregório de Melo

Mara Lucia Moreira Barbosa

:

